

DEZEMBRO · 1940

REVISTA DO BRASIL

(FUNDADA EM 1916)

Director: OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

ASTROJILDO PEREIRA — A GUERRA E A BIBLIA — 1 * ROBERTO ALVIM
CORRÊA — NOTAS SOBRE A POESIA DE MANUEL BANDEIRA — 14
* AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — SONETO — 22 * BARRETO LEITE
FILHO — GOOD OLD CHAMBERLAIN — 23 * JOSÉ CARLOS CAVAL-
CANTI BORGES — MAIS PENA — 30 * SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA —
COLONIAS DE PARCERIA (CONCLUSÃO) — 33 * VINICIUS DE MORAES
— ROSARIO — 50 * HENRIQUE FRANC S. J. — A PHILOSOPHIA ACTUAL:
ITINERARIO PARA O ESPIRITUALISMO — 53

O CONTO BRASILEIRO — Tati, a garota, Annibal M. Machado — 66

LIVROS — Valdemar Cavalcanti — 80 * LETRAS PORTUGUESAS —
Lucia Miguel-Pereira — 83 * THEATRO — R. Navarra — 85 * ARTES
PLASTICAS — R. N. — 87 * POLITICA INTERNACIONAL — Austregesilo
de Athayde — 90

NOTAS E COMMENTARIOS — 93 * PESQUISAS E DOCUMENTOS —
95 * VARIEDADES — 96 * A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS —
98 * RESENHA DO MÊS — 102 * REGISTRO BIBLIOGRAPHICO — 108
* O CONFLICTO EUROPEU 109

Anno III

3ª. phase

N.º 30



REVISTA DO BRASIL

Director:

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

Redactor-Secretario:

AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA

Gerente:

L. SANTOS

Publicação mensal

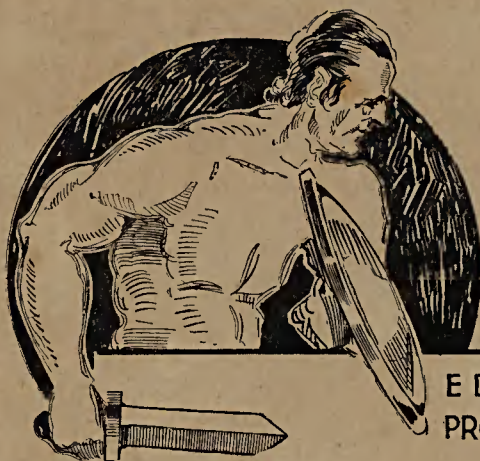
Direcção e Redacção: AV. RIO BRANCO, 129-31 — 3.º — Tel. 43-7073

Administração: RUA DO LIVRAMENTO, 191 — RIO — Tel. 43-2741

ASSIGNATURAS: Balcão dos "Diarios Associados", Av. Rio Branco, 129-31

ASSIGNATURA (registrada): Annual, 36\$000 — Semestral, 20\$000

NUMERO AVULSO..... 3\$000



*Defenda os
seus pulmões*

**E DEFENDERÁ A
PRÓPRIA VIDA!**

O COGNAC DE ALCATRAO XAVIER é o remedio mais efficiente contra a grippe, as tosses e os resfriados.

Não deixe que o seu mal se agrave: corte-o immediatamente com o

COGNAC DE ALCATRÃO XAVIER

REVISTA DO BRASIL

(Fundada em 1916)

ANNO III

3.^a PHASE

N.º 30

DEZEMBRO DE 1940

A GUERRA E A BIBLIA

Para fugir um pouco á obsessão deprimente da guerra actual, tenho tentado um processo diversivo, que me parece optimo não só pôr ser diversivo em si mesmo como ainda por outras razões: a leitura (não me atrevo a dizer: o estudo) da historia de velhas guerras que no passado affligiram esta pobre humanidade. E' uma especie de remedio homeopathico para a tensão de nervos em que vamos vivendo. Bem entendido, não se trata de querer fugir por fugir á terrivel realidade dos nossos dias, mas tão só de fugir a esta obsessão que deprime e devasta o nosso systema nervoso e, por consequencia, a nossa propria capacidade de resistir á crise. De toda maneira, a perspectiva de seculos e de millenios nos proporciona o mais efficaz dos sedativos para os olhos da intelligencia, ao mesmo tempo que nos leva a estabelecer muitas comparações instructivas e ainda a proceder a certas pesquisas lateraes cheias de imprevistos interessantissimos.

A uma primeira experiencia neste sentido fui levado, sem nenhum plano previo, pelo livro *La Guerre et la Bible*, da escriptora franceza Madeleine Chasles (1), publicado em fevereiro ou março do corrente anno. Trata-se de um volume cujo interesse não reside só no titulo, mas se estende amplamente por trezentas e tantas paginas. A autora, pacifista e sensivel ás dores humanas, confessa que hesitou algum tanto antes de embrenhar-se pelas historias de guerra contidas no corpo do livro sagrado: "Pensamos ás vezes que a Biblia, o livro de Deus, deveria poupar-nos as narrativas de batalhas e de massacres" (pag. 19). Vencida, porém, a hesitação inicial, e enfrentando abnegadamente as asperezas da tarefa que se traçara, a escriptora nos conduz pela mão operosa através do relato biblico dos muitos e san-

(1) — Editions "Je sers", Paris.



grentos embates sustentados pelo povo eleito desde os tempos mais remotos.

*

A primeira das guerras mencionadas na Bíblia ocorreu quando ainda vivia Abraão, conforme se lê no capítulo XIV do *Genesis* (2). Os reis chananeus Bara de Sodoma, Bersa de Gomorrha, Sennaab de Adama, Semeber de Seboim e Segor de Bala, "tinham estado sujeitos doze annos ao rei Codorlahomor; e no anno decimo terceiro se subtrahiram da sua obediencia" (*Gen.*, XIV, 4). Codorlahomor, que era rei de Elam, chamou em seu auxilio a Amrafel rei de Sennaar, Arioch rei do Ponto, e Thadal rei das gentes, para juntos darem combate aos desobedientes. Estes ultimos, longe de se intimidarem, diz o texto sagrado que "se puseram em campanha, e ordenaram as suas tropas em batalha no valle das Arvores contra aquelles principes" (*Gen.*, XIV, 8). Mas a colligação organizada pelo poderoso Codorlahomor era mais forte e esmagou facilmente os rebeldes. Os reis de Sodoma e de Gomorrha pereceram e os outros fugiram. As duas mal-afamadas cidades foram devidamente pilhadas pelos vencedores, que levaram todas as riquezas e provisões nellas existentes e bem assim o que restava dos habitantes de ambas, como escravos.

Ora, aconteceu que um dos prisioneiros feitos em Sodoma se chamava Lot e era sobrinho de Abraão. Avisado do occorrido por um fugitivo, o patriarcha se lançou em defesa do parente aprisionado pelas tropas de Codorlahomor. Para isto, refere a Bíblia, "escolheu os mais resolutos dos seus servos, em numero de trezentos e dezoito" (*Gen.*, XIV, 14), e partiu no encalço dos reis vencedores. O pequeno exercito de Abraão realizou uma bella proeza: em duas etapas, a primeira de duzentos e a segunda de cerca de cem kilometros, conseguiu atacar de surpresa as forças dos reis victoriosos, desbaratando-as e recobrando a Lot "com tudo o que lhe pertencia, como tambem as mulheres e o povo" (*Gen.*, XIV, 16).

Infelizmente, nenhuma informação precisa se vê no livro de Mme. Madeleine Chasles, nem tampouco na Bíblia, sobre a composição quantitativa das tropas de Codorlahomor e seus alliados. Mas com toda a certeza eram enormemente mais numerosas que a reduzida tropa de Abraão. Como explicar então a victoria do patriarcha? Parece claro que o factor "surpresa", utilizado por Abraão, foi decisivo. Era da regra dos combates que estes se travassem á luz do dia, em campo raso, frente a frente. Assim se bateram os exercitos das duas colligções adversarias, no valle das Arvores, conforme se de-

(2) — Para as citações do texto biblico sirvo-me aqui da versão portugueza do padre A. P. de Figueiredo.



scrève na Biblia. As tropas de Codorlahomor venceram porque eram naturalmente mais fortes, mais aguerridas, mais bem preparadas; de certo, porém, ellas seriam mais ou menos equivalentes em numero ás tropas dos reis rebellados, pois do contrario não é crível que estes ultimos se pusessem em campanha. Ora, Abrahão muito provavelmente teria sido esmagado, com os seus trezentos e dezoito homens, se os tivesse conduzido a uma batalha frontal, em campo aberto. Elle sabia da enorme superioridade numerica dos outros; lançou mão, portanto, do factor surpresa: "deu sobre os inimigos de noite", relata o *Genesis* (XIV, 15), isto é, inesperadamente, emquanto o adversario dormia. Abrahão buscou nos dados da propria fraqueza numerica um novo elemento de combate — a surpresa. Elle agiu com astucia, rapidez e destemor, demonstrando possuir qualidades de consummado guerrilheiro. O que não é de estranhar, se acceitarmos a hypothese de alguns archeologos, que dão o patriarcha como originario da tribu dos *habirus*, povo nomade que vivia na Mesopotamia meridional, na época de Rim-Sin, rei de Larsa, ahi por volta de vinte seculos antes de Christo (3).

Depois dos combates consignados no capitulo XIV do *Genesis* e até á época em que os filhos de Jacob se estabeleceram no Egypto, não encontramos nos textos biblicos nenhuma descripção de luta importante, de guerra propriamente dita, não se devendo levar em tamanha conta os conflictos locais e episodicos — "lutas fratricidas, violentas disputas entre pastores dependentes de poderosos *cheiks*", esclarece Mme. Madeleine Chasles (pag. 43) — que se desenrolaram durante todo esse largo periodo avaliado em três seculos.

Diz-nos a Biblia que a descendencia de Jacob permaneceu no Egypto precisamente quatrocentos e trinta annos — "completos os quaes, todo o exercito do Senhor nesse mesmo dia saiu" (*Ex.*, XII, 41), em busca da terra prometida, através do deserto. Esta referencia do *Exodo* ao "exercito do Senhor" deve ser entendida num sentido extensivo de "povo do Senhor", ou seja todo o povo de Israel, em marcha para a conquista de Chanaan. Mas já no segundo anno de exodo, teve Moysés de cuidar muito a serio da organização militar dos seus homens, criando um verdadeiro exercito de combatentes, com todas as caracteristicas militares de formação enquadada para a guerra. "Com rigorosa exactidão, escreve Mme. Madeleine Chasles, procedera-se ao recenseamento dos homens validos, dois annos depois da saída do Egypto, pondo-se Israel em pé de guerra" (pag. 57). A operação censitaria revelou um total de 603.550 "ma-

(3) — Ver, p. ex., Sir Leonard Woolley, *Abraham*, tr. fr., ps. 38-39.

chos de vinte annos e para cima, que podiam ir á guerra" (*Num.*, I, 20), assim discriminados, tribu por tribu: tribu de Ruben, 46.500 homens; de Simeão, 59.300; de Gad, 45.650; de Juda, 74.600; de Issachar, 54.400; de Zabulon, 57.400; de Efraim, 40.500; de Manassés, 32.200; de Benjamim, 35.400; de Dan, 62.700; de Aser, 41.500; de Nephtali, 53.400. Não figurando ahi a tribu de Levi, consagrada ao serviço sacerdotal, e por isso isenta do serviço militar. O enquadramento deste grande exercito — não há exaggero: tratava-se de um exercito de 600.000 homens (4) — obedecia a uma technica perfeita de commando e hierarchia: no commando supremo, como generalissimo, o proprio Moysés; á frente de cada tribu, um principe, como general de divisão; cada tribu ou divisão se subdividia em brigadas de mil homens, commandadas por tribunos; cada brigada por sua vez se subdividia em batalhões de cem homens, sob o commando de centuriões.

Está bem visto que Moysés não teria conseguido levar a bom termo a sua tarefa gigantesca, se logo de começo não tivesse organizado militarmente as suas forças, para enfrentar as tribus estranhas, que por diversas vezes tentaram barrar-lhe o caminho. Além disso, a organização militar em si mesma, completando, com a civil e a sacerdotal, a base triangular do que poderemos chamar o seu governo, permitiu-lhe ainda evitar que os disturbios internos, impossiveis de prevenir dadas as proprias circumstancias do exodo, assumissem character catastrophico e fatal aos seus designios. Considere-se por um minuto o que seria aquella multidão immensa, movendo-se durante quarenta annos pelas planicies aridas e interminaveis, acampando temporariamente nos raros oasis encontrados, e devastada pela "acção dissolvente exercida sobre ella pela vida dispersiva do deserto" (5), para se avaliar um pouco o vulto sobrehumano das difficuldades que desafiaram a capacidade genial de Moysés.

O propheta sem par (6) morreu ás margens do Jordão, com a ter-

- (4) — Na verdade, estes Algarismos nos parecem demasiado altos, e eu não saberia dizer até que ponto se pode dar credito ás estatisticas dos historiadores antigos, biblicos ou profanos. Herodoto, p. ex., conta que os exercitos de terra levantados pelo rei Xerxes contra a Grecia somavam "170 myriades de homens" (VII, 60), attribuindo ao proprio Xerxes, mais tarde, o calculo de "mil vezes cinco mil" (VII, 103).
- (5) — Adolph Lods, *Israël, des origines au milieu du VIII siècle*, p. 360.
- (6) — "E não se levantou mais em Israel propheta algum como Moysés, com quem o Senhor tratasse cara a cara; nem semelhante em signaes e portentos, como os que, em virtude da sua missão, fez na terra do Egypto a Pharaó, e a todos os seus servos, e a todo o seu reino, nem semelhante em todas as coisas fortes, e maravilhas grandes, quaes as que obrou Moysés á vista de todo o Israel" (*Deut.*, XXXIV, 10-12)

ra promettida ao alcance da vista (7); mas antes, por mandado do proprio Senhor, transmittiu a Josué o tremendo legado do seu posto.

“A hora da grande conquista havia soado”, adverte Mme. Madeleine Chasles (p. 68). Sob o commando de Josué, com effeito, é que se vão travar as grandes batalhas pela posse de Chanaan.

Jericó foi a primeira cidade sitiada e tomada por Josué. E’ muito conhecida a narrativa biblica desta primeira grande victoria alcançada pelo successor de Moysés; mas é realmente tão movimentada e suggestiva que eu não resisto á tentação de resumi-la aqui.

Antes de atacar a cidade, o general Josué, precavido e astuto, mandou secretamente dois espiões sondarem o terreno adversario: “Ide, ordenou elle, e reconhecei bem a terra, e a cidade de Jericó” (*Jos.*, II, 1). Os espiões partiram “e entraram em casa de uma mulher prostituta por nome Rahab, e pousaram em sua casa” (*Idem*). O rei de Jericó foi logo avisado pelo seu serviço de contraespionagem (meu Deus, como estas coisas são velhas!) e mandou pegar os dois sujeitos. Mas Rahab, que deve ser a padroeira da chamada “quinta columna” do nosso tempo, despistou os agentes de Jericó dizendo-lhes: “Confesso que elles vieram á minha casa; mas eu não sabia de onde eram: e quando se fechava a porta sendo já escuro, saíram elles ao mesmo tempo, e não sei para onde foram: ide após elles depressa, e encontrá-los-eis” (*Jos.*, II, 4-5). Mentira; os espiões de Josué estavam escondidos: “Ella tinha feito subir os homens ao soalheiro de sua casa, e os tinha coberto com a palha de linho, que alli havia” (*Jos.*, II, 6). Passados uns dias, conseguiram elles regressar ao acampamento, sãos e salvos, contando ao general tudo o que lhes tinha acontecido. As informações eram preciosas, pois Josué “levantando-se de noite desacampou o exercito: e saindo de Settim elle, e todos os filhos de Israel, chegaram ao Jordão, e ahi se detiveram três dias” (*Jos.*, III, 1). Depois disso, todo o povo hebreu, acompanhando os sacerdotes, que conduziam a arca do concerto, atravessou o Jordão a pé enxuto. Repetição, em escala mais modesta, do milagre do Mar Vermelho. O caso é que este acontecimento produziu enorme panico nas hostes inimigas, as quaes perderam o alento e, em consequencia, se recolheram para dentro dos muros da cidade, desencorajadas de enfrentar peito a peito as tropas de Josué, protegidas do Senhor. “Jericó estava fechada e bem fortificada, pelo temor que nella havia dos filhos de Israel, e nenhum ousava sair nem entrar” (*Jos.*, VI, 1). Tudo inutil, porém. Sobre Jericó peava uma condemnação inappellavel. Iahveh chamou a Josué e lhe disse: “Eis ahi pus eu na tua mão a

(7) — “E o Senhor lhe disse: Eis ahi a terra, pela qual jurei a Abrahão, Isaac e Jacob, dizendo-lhes: Eu a darei á tua posteridade. Tu a viste com os teus olhos, e não passarás a ella” (*Deut.*, XXXIV, 4).

Jericó, e ao seu rei, e a todos os seus valentes homens. Dae volta á cidade todos os homens de guerra uma vez no dia: e fareis o mesmo seis dias. Mas no dia setimo os sacerdotes tomem as sete trombetas, de que se usa no anno do jubileu, e marchem adiante da arca do concerto: e rodeareis sete vezes a cidade, e os sacerdotes tocarão as trombetas. E quando as trombetas fizerem um sonido mais largo e penetrante, e vos ferir os ouvidos, todo o povo a uma voz dará um grande grito, e então cairão os muros da cidade até aos fundamentos, e cada um entrará por aquelle lugar que lhe ficar defronte” (*Jos.*, VI, 2-5). Assim se disse e assim se fez, cumprindo-se rigorosamente as instrucções de Iahveh. E chegado o setimo dia, “levantando todo o povo a grita, e soando as trombetas, tanto que a voz e o sonido chegou aos ouvidos da multidão, caíram de repente os muros, e cada um subiu pelo lugar que lhe ficava defronte: e tomaram a cidade, e mataram a todos os que nella encontraram, desde os homens até ás mulheres: e desde as crianças até aos velhos. Passaram tambem ao fio da espada bois e ovelhas e jumentos” (*Jos.*, VI, 20-21). Depois da espada, o fogo: “E puseram fogo á cidade, e a tudo o que se achou nella, á excepção do ouro e da prata, dos vasos de bronze, e de ferro, que consagraram para o thesouro do Senhor” (*Jos.*, VI, 24). Da espada e do fogo só escaparam os parentes da prestimosa dama Rahab, merecidamente premiada: “Mas a Rahab prostituta, e á casa de seu pae, tudo o que ella tinha, salvou José a vida: e ficaram habitando no meio de Israel até ao dia de hoje: porque ella occultara os mensageiros, que elle tinha enviado a reconhecer a Jericó” (*Jos.*, VI, 25).

Commentando este caso da queda de Jericó, Mme. Madeleine Chasles observa que certos espiritos criticos desconfiam algum tanto da sua veracidade historica. Afin de melhor confundi-los, utiliza-se ella de solidos argumentos scientificos, fornecidos por dois eminentes archeologos contemporaneos, o prof. Garstang e Sir Charles Marston, os quaes, depois de aturadas escavações feitas no sitio identificado como sendo o proprio local da lendaria Jericó, chegaram á conclusão de que os documentos lá encontrados comprovam as affirmações do texto biblico. Sir Charles Marston expôs o resultado das suas pesquisas em livro cujo titulo equivale a uma definição: *La Bible a dit vrai* (8). Das citações colhidas nesse livro por Mme. Madeleine Chasles, em apoio da sua argumentação, limito-me a copiar esta afirmativa categorica: “As escavações de 1932 e de 1933 arruinaram completamente a theoria de uma fraude piedosa por parte de Josué” (9). Para desvanecer qualquer duvida que ainda nos reste, Mme.

(8) — Não conheço o livro: louvo-me nas referencias feitas por Mme. Madeleine Chasles.

(9) — Cit. á pag. 75 de *La Guerre et la Bible*.

Madeleine Chasles nos transmite o seguinte esclarecimento, bebido na lição daquelles homens de sciencia e que me parece da maior importancia: "Esta região [de Jericó] é frequentemente sujeita a abalos sismicos. E' muito provavel que a queda das muralhas tenha sido causada por um tremor de terra, mas em condições extraordinarias e no momento preciso. E' nisto que está o milagre" (p. 75). Exceptuando-se a pequena questão do milagre, supponho que neste ponto o accordo pode ser declarado unanime entre os espiritos criticos e os não-criticos.

Creio que se pode concordar tambem com Mme. Madeleine Chasles quando ella affirma que as campanhas dirigidas por Josué o collocam e acreditam entre os maiores chefes militares da historia. E' verdade que a queda de Jericó, decisivamente ajudada pelo provavel terremoto, pode suscitar alguma hesitação no julgamento do seu tino estrategico e da sua capacidade tactica. Mas esta primeira impressão algo desfavoravel se apaga em breve, á medida que vamos percorrendo o relato das terriveis batalhas por elle successivamente sustentadas na guerra pela conquista de Chanaan.

A destruição de Hai, sobrevinda em seguida á de Jericó, marca uma victoria liquida e definitiva, que Josué alcançou com as suas proprias forças, sem nenhuma ajuda de elementos fortuitos ou estranhos. Depois de um pequeno revés inicial, que lhe pôs á prova a paciencia e a tenacidade, elle concebeu uma habil manobra, levada a cabo com mão de mestre, afim de attrahir e melhor bater as tropas de Hai. Suggestão de Iahveh ou inspiração da propria intelligencia — pouco importa discriminar de onde partiu a idéa: o facto concreto e visivel é que elle, Josué, ganhou a batalha em consequencia de dispositivos previamente estabelecidos e executados com firmeza.

Não se pense que as victorias de Josué foram obtidas com facilidade, sobre adversarios fracos e desprevenidos. Pelo contrario, escreve Mme. Madeleine Chasles, "as tribus chananéas defendiam encarniçadamente o seu territorio" (p. 80). Refere neste ponto o texto biblico que os reis de Jerusalem, de Hebron, de Jerimoth, de Laquis e de Eglon, temerosos de enfrentar cada um por sua vez as tropas de Israel, "fizeram liga entre si, para combater contra Josué e contra Israel de commum accordo e com um mesmo designio" (*Jos.*, IX, 2). Os reis de Asor, de Madon, de Semeron, de Acsaf, alliados a outros reis vizinhos, "saíram com as suas tropas, uma multidão de gente tão numerosa como a areia que há nas praias do mar, e um numero immenso de cavallos e carroças", e "vieram unir-se junto ás aguas de Merom, para pelejarem contra Israel" (*Jos.*, XI, 4-5). Nada disso impediu que Josué proseguisse na sua marcha inexoravel, reduzindo



e esmagando todas as resistencias, até occupar com o seu povo as terras conquistadas. No final da campanha, nada menos de trinta e um reis indigenas tinham sido batidos, "desde Baalgad no campo do Libano, até ao monte, parte do qual se eleva para a banda de Seir: e Josué deu esta parte em possessão ás tribus de Israel, a cada uma o seu quinhão; tanto nas montanhas como nas planicies e campinas" (*Jos.*, XII, 7-8).

Grande chefe na paz como o fôra na guerra, tal se mostrou Josué durante os muitos e dilatados annos em que ainda viveu, governando pacificamente o seu povo. Não se enganara Moysés ao lhe deixar nas mãos o bastão de commando, e a sua figura cresce de mais em mais aos nossos olhos quando o collocamos em contraste com os successivos chefes mais ou menos mediocres que governaram ou tentaram governar Israel durante o longo periodo chamado dos Juizes. Periodo este que se caracteriza, segundo a justa observação de Mme. Madeleine Chasles, pela ausencia de unidade política de Israel, cada tribu querendo viver a seu modo, autonoma e isolada, com o consequente debilitamento da cohesão nacional que o genio de Moysés havia modelado no deserto. "Semelhante situação, accentua a escriptora, não podia deixar de enfraquecer as forças de resistencia da nação, tornando possiveis as invasões dos Moabitas, dos Madianitas, dos Philisteus, e bem assim as revoltas dos reizetes chananeus" (p. 90).

A esta altura da experiencia a que fui levado — com muito proveito para mim — pela mão diligente de Mme. Madeleine Chasles, um diacho de idéa começou a insinuar-se com insistencia entre as paginas que eu ia lendo, perturbando-me a attenção e tentando-me com a perspectiva de uma verificação verdadeiramente fascinante. A coisa se tornou de tal sorte irresistivel, que eu não tive outro jeito senão deixar de lado o livro da escriptora francesa (excusez-moi, madame!). De resto, se o deixava de lado, por algum tempo, eu o fazia sem lhe faltar ao devido respeito, visto que o não substitui por outro livro qualquer, mas precisamente pelo livro dos livros, por aquelle mesmo immenso livro em cujas paginas inexauriveis ella buscara os elementos necessarios á composição do seu volume: já se entende que me refiro á Biblia. Pois é certo. Tomei em mãos o livro sagrado, procedendo então a uma leitura systematica do *Pentateuco* ou, melhor, do *Hexateuco* — do *Genesis* ao *Josué*.

Ao cabo dessa incursão methodica, por minha propria conta, através dos seis primeiros livros biblicos, o meu diacho de idéa se havia desenvolvido normalmente, adquirindo contornos precisos, sem contudo crystallizar-se em nenhuma formula conclusiva. E eu prefiro



expô-la assim mesmo, sob as vestes de mera conjectura, o que exclue naturalmente qualquer presumpçosa attitude de autosatisfação. Ella poderá exprimir-se mais ou menos do seguinte modo: *As origens mosaicas do hitlerismo*; ou deste outro: *O hitlerismo é uma tentativa de transposição historica do mosaismo*; ou ainda, de maneira mais personalizada: *Hitler pretende ser o Moysés do povo alemão* (10). Deus me livre e guarde da facil tentação de tramar irreverencias em torno de coisas tão serias. Mas justamente porque ellas são mesmo demasiado serias é que eu me julgo na obrigação de revelar os pontos de referencia que suscitaram a minha supposição.

Um dos principios essenciaes que orientam a politica de Hitler — o principio racista — tem a sua origem, aparentemente, na theoria da differenciação qualitativa das raças. Homem que não admittitê duvidas, Hitler affirma cem por cento que o povo alemão, quintessencia da raça ariana, é qualitativamente superior aos demais povos da terra. E' o "povo eleito" — o novo "povo eleito", visto que o antigo, descendente de Jacob, degenerou e se dispersou — ao qual o Todo-Poderoso incumbiu da nova e gloriosa tarefa historica de reorganizar o mundo. Isto explica por que o hitlerismo dá tamanha importancia ao problema da preservação racial, não permittindo que o sangue puro do povo alemão se degrade em misturas com sangues de baixa qualidade. Tratando deste problema no *Mein Kampf*, que é a Bíblia do nazismo, Hitler condemna de modo categorico todo processo de cruzamento das raças, liquidando a controversia com o seguinte argumento de ordem sobrenatural: "Praticar semelhante processo é peccar contra a vontade do Eterno, nosso Criador" (11). Tanto pela forma quanto pelo conteúdo, tal argumento apparece aos nossos olhos como simples e tardia traducção de algum versiculô perdido do *Pentateuco*.

Sabe-se como era rigorosa e severa a este respeito a legislação mosaica, que punia quasi sempre com a pena de morte os seus transgressores. Em mais de um passo do *Pentateuco* se mostra a mão de ferro de Moysés a castigar sem misericordia aquelles que por qualquer motivo polluiam o sangue de Israel com outro sangue estranho. Só de uma vez, quando o povo eleito se achava ainda acampado em Settim, ordenou o propheta um terrivel massacre — tão terrivel que a gente custa a acreditar na sua veracidade. Veja-se o capitulo XXV

(10) — Eis como se referiu a Hitler, em artigo recente, o publicista inglês Lord Marquês de Crewe: "Sob a sua fascinação, o seu povo se submetteu a privações permanentes, como os seguidores de um propheta a guiar uma hoste obediente, através do deserto, para uma terra promettida" (in *Diario de Noticias*, Rio, 12.X.40).

(11) — *Mein Kampf*, versão francesa (ed. Sorlot), pag. 286.



dos *Numeros*... Diz o texto que ali "foram mortos vinte e quatro mil homens" (*Num.*, XXV, 9).

A theoria do "espaço vital", estabelecida pelos sociologos do nacional-socialismo afim de justificar as conquistas territoriaes planejadadas por Hitler, encontra-se tambem no *Pentateuco*. E' a theoria da "terra promettida". Os termos empregados são diversos um e noutro caso: "espaço vital" e "terra promettida"; mas o objectivo em vista é o mesmo. Que não há nenhuma identidade de sentido historico entre os dois casos — de pleno accordo. A identidade do pensamento expresso é, porém, innegavel, não me importando verificar até que ponto vae a diversidade da sua inspiração ou da sua origem, num caso e noutro. E afinal, mais importante que a identidade do pensamento, nos dois casos, é a identidade dos processos postos em pratica para a sua objectivação: a conquista a ferro e a fogo.

E chegamos aqui á theoria da "guerra total". Salvo engano da minha parte, o inventor da formula "guerra total", ou pelo menos quem a desenvolveu e systematizou como doutrina de guerra, foi Ludendorff. Perfilhando-a e adoptando-a como doutrina official, Hitler nada mais teria feito senão perfilhar e adoptar um systema, cuja applicação correspondia ponto por ponto á sua propria concepção e servia, em consequencia, aos seus proprios planos de conquista.

O que sobretudo caracteriza o systema da "guerra total", creio eu, é o principio da indivisibilidade ou indistincção entre os combatentes e os não-combatentes. Ora, esta caracteristica nós a encontramos como uma constante invariavel nos relatos biblicos. Já citei o caso typico da tomada de Jericó, cuja população civil, depois de vencidos e trucidados os combatentes, foi toda ella passada ao fio da espada (12). A exemplo do que fez em Jericó, Josué não poupou jamais os habitantes não-combatentes das cidades e regiões que ia conquistando. Na batalha de Hai, refere o texto que "Josué não retirou a mão, que tinha levantada, tendo o escudo, até que foram mortos todos os habitadores de Hai" (*Jos.*, VIII, 26). Depois do esmagamento total de Hai, Josué caiu sobre as tribus colligadas por iniciativa de Adonisedec, devastando tudo, matando tudo, homens, mulheres, crianças e até mesmo os animaes domesticos: "Arrasou pois Josué todo o territorio das montanhás e do meio-dia e das campinas, e a Asedoth com os seus reis: não deixou ahi resto algum, mas matou tudo o que tinha folego..." (*Jos.*, X, 40). A mesma coisa aconteceu ás tribus que se alliaram em torno do rei Jabin de Asor: após derrotar os seus exercitos na batalha do Merom, Josué tomou Asor "e passou á espada

(12) — A proposito da batalha de Jericó, occorre-me lembrar que os methodos actuaes da "guerra de nervos" tiveram ali a sua origem. Ver o cap. VI do livro de Josué.

toda a gente, que ali morava: não deixou nella coisa com vida: mas destruiu tudo até ás ultimas, e reduziu a mesma cidade a cinzas. E tomou, feriu e devastou todas as cidades circumvizinhas, e os seus reis, como lho tinha ordenado Moysés servo do Senhor” (*Jos.*, XI, 11-12). Não tiveram melhor sorte os enacins das montanhas de Hebron, de Dahir e de Auab: Josué arrasou as suas cidades e “não deixou nem sequer um da raça dos enacins” (*Idem*, 22), massacrando-os a todos sem excepção.

Certa passagem do *Deuteronomio* me chamou particularmente a atenção; pois que resume, em poucos versiculos, os preceitos mosaicos relativos ao que chamamos hoje de espaço vital, guerra total e preservação racial. Trata-se de uma das muitas proclamações que Moysés dirige a Israel transmittindo a palavra de Iahveh: “Quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra, que vaes a possuir, e tiver exterminado á tua vista muitas nações, os hetheus, os gergeseus, os amorrheus, os chananeus, os fereuseus, os heveus, e os jebuseus, que são sete povos, muito mais numerosos do que tu és, e muito mais fortes do que tu, e o Senhor teu Deus tas tiver entregado, tu as passarás a cutello sem que fique nem um só. Não celebrarás concerto algum com ellas, nem as tratarás com compaixão. Nem contrahirás com ellas matrimonios. Não darás tua filha a seu filho, nem tomarás sua filha para teu filho” (*Deut.*, VII, 1-3). — “Porque tu és um povo consagrado ao Senhor teu Deus. O Senhor teu Deus te escolheu, para seres o seu povo proprio, dentre todos os povos que há na terra” (*Idem*, 6).

Afim de melhor esclarecer o sentido das minhas conjecturas, entendi de bom aviso consultar algum historiador profano de Israel, a ver qual seria a sua interpretação dos factos narrados no *Hexateuco*. Recorri ao já citado livro de A. Lods. Segundo este autor, Chanaan teria sido occupada pouco a pouco, mediante longo e lento processo alternado de guerras e de relações pacificas. Assim sendo, não se pode tomar ao pé da letra, como realidade historica verificada, tudo quanto se lê nos textos biblicos actuaes, sobretudo aquella espantosa carnificina relatada pelos historiographos deuteronomistas. Estes ultimos, adversarios fanaticos e intrataveis do paganismo, o que principalmente faziam, nas suas narrativas, era exprimirem o “desejo” que os animava de exterminação sagrada dos inimigos. Como se dissessem: “eis aqui o que se devia ter feito para preservar Israel da contaminação” (13).

(13) — A. Lods, *op. cit.*, pags. 379-386.

Não me cabe aqui — nem caberia na indole deste trabalho — entrar no debate de tão difficil questão, sobre a qual existe uma bibliographia immensa (14), afim de averiguar até que ponto as narrativas biblicas correspondem á verdade historica. Para a minha hypothese, aliás, é completamente indifferente que aquellas narrativas sejam ou não verdadeiras, sejam ou não a expressão exacta de acontecimentos reaes. O que eu avanço, e ainda assim a título conjectural, é que Hitler teria sido poderosamente influenciado pela acção e pelos preceitos attribuidos a Moysés e taes quaes se acham expostos na redacção vulgarizada dos textos biblicos. Não me parece demasiado suppor que Hitler tenha lido attentamente a Biblia, e que a figura e a obra de Moysés o empolgassem acima de tudo no livro sagrado. Isto não implica negar qualquer supposição de outras leituras e outras influencias, que se tenham feito sentir, em grau variavel, na formação doutrinaria e politica do chefe nazista. Podemos reconhecer a possibilidade de outras influencias e ao mesmo tempo suppor, como eu supponho, que a influencia mais profunda foi exercida pelos livros mosaicos.

Não se julgue tampouco que eu estou querendo comparar Hitler a Moysés. Bem sei, como toda a gente, que Moysés viveu ahi pelo XIII seculo antes de Christo e que Hitler está vivendo no XX seculo depois de Christo, e que no decorrer destes três mil e trezentos annos aconteceram muitas coisas importantes no mundo. Compará-los equivaleria a comparar as duas épocas. Seria comparar — permittam-me a imagem meio extravagante, mas muito expressiva no seu violento contraste — as barbas imponentes da estatua de Miguel Angelo ao mofino bigodinho de... Carlitos. Na verdade, eu me limito meramente a pensar que a comparação entre Moysés e Hitler é feita, ou sentida, ou premeditada pelo proprio Hitler. Seja, porém, como for, creio que estaremos todos de accordo em assignalar como traço dominante da personalidade de Hitler o seu tom, o seu caracter, o seu todo de propheta — de propheta, convem accentuar, á maneira de Moysés. Tudo nelle denota e denuncia a presumpção prophetica ou, mais propriamente, a presumpção mosaica. Esta presumpção é que o leva a proclamar aos povos do mundo que os planos nazistas são traçados sobre uma perspectiva de mil annos. Certo detalhe conhecido dos seus methodos define bem o illuminado que há em Hitler: é o seu habito de recolher-se e isolar-se no cume de Kelstein, nas vespersas das grandes resoluções — ao que se suppõe, afim de confabular pessoalmente com o Todo-Poderoso. Era o que fazia Moysés, quando subia ao Sinai para receber instrucções de Iahveh.

(14) — Ver o livro do prof. J. Coppens, da Universidade de Louvain, *L'Histoire Critique de l'Ancien Testament* (Editions Casterman, Tournai-Paris, 1938), resumo interessantissimo de toda a questão no concernente ao A. T.

Que os hitleristas tenham applicado mais immediatamente contra os judeus de hoje muitos dos preceitos que os judeus da antiguidade teriam applicado — ou desejado applicar — contra os povos adversos, não há nesta inversão historica de papeis nada de inconciliavel com a hypothese por mim estabelecida. O odio terrivel e fundamental, o odio por assim dizer organico de Hitler pelos judeus, odio que espuma e esbraveja em cada pagina, do *Mein Kampf*, pode muito bem derivar de algum mysterioso e subtil processo psychologico produzido por tal ou qual juxtaposição ou contraposição de affinidades essenciaes (15). Quem sabe até se a ascendencia de Hitler não vem do sangue de Esaú?

ASTROJILDO PEREIRA

-
- (15) — “Deixemos á raça alemã e á raça judia (tornadas hoje inimigas porque as movê o mesmo complexo de inferioridade, mas cujos genios têm affinidades tão profundas) o gosto da catastrophe, a celebração do nada” (Georges Bernanos, *A França não morreria sozinha*, artigo in *O Jornal*, Rio, 24.X.40).



NOTAS SOBRE A POESIA DE MANUEL BANDEIRA

E' provavel que deixe, á primeira vista, quem se atreve a escrever sobre Manuel Bandeira em 1940, uma impressáo de candura ou temeridade (o que, por vezes, é o mesmo) e se arrisque a descobrir a America um pouco tarde. E', pelo menos, o que poderia pensar quem está ao par da importancia da bibliographia manuelina, já volumosa, e que excede, em quantidade, a obra poetica que a provocou. Na realidade, porém, fosse ella o duplo ou o triplo do que é, assim mesmo não esgotariamos o poder de acção dessa poesia. Quando, para citar um exemplo demasiadamente illustre, trezentos anos depois do nascimento de Racine, ainda ouvimos arrebatados suas tragedias, ou, facto também surprehendente, porém annual, lemos mais um livro sobre elle, bem sabemos que não é pela ultima vez, pois jamais os versos do autor de *Phèdre* deixarão de ecoar muito além de nosso ouvido, e, seguindo caminhos desconhecidos, de agir mysteriosamente em nós.

Manuel Bandeira não é Racine, mas pertence á familia regia dos poetas sem a qual difficilmente conceberiamos a vida. E' proprio da poesia tocar fibras que escapam ao controle da razão, talvez secretas, ou que só vibram a certo sopro eolio, todavia vitaes. O que confio aqui, em poucas palavras, por occasião da publicação das *Poesias Completas* do poeta brasileiro, são apenas impressões que a leitura de seus poemas acorda em mim.

O grande poeta é o que acorda algo de novo. Ahí, sem duvida, começa a questão, o problema do "mysterio poetico", como se diz hoje, e do mysterio sem mais nada, que está na origem da poesia como de tudo que importa nesta vida. Que seja de Deus, do amor, ou de um poeta, elle gera, quando na sua mais perfeita expressáo, luz, harmonia, vibração, e torna-se fonte que desperta o que até então dormia em nós, virgem, ou parecia inexprimivel. O que nos leva um pouco mais longe no conhecimento de nós mesmos e do mundo é a attenção ao mesmo mysterio que, não falhando como Orpheu, nos restitue a luz perdida. Essa virtude de intensificar, de renovar a nossa visáo, é,



para o poeta, a mais imprescindível, porém a mais rara. Pede o dom de sinceridade que só possuem os fortes temperamentos, as personalidades bastante accentuadas para desistir de seguir a moda, que tanto impera por corresponder ao menos domável dos instintos: o da imitação. E' essa que multiplica os Werther, os Chatterton ou os Byron, nos illude e nos deixa acreditar que a sinceridade, em literatura, é coisa fácil. Em literatura, nada é fácil. O que logo se repara, na obra manuelina, é o valor devido a uma certa ordem de sinceridade, uma exactidão meticulosa, tão meticulosa ao ponto de não haver nada de "inventado", nem nada de exaggerado, no que transcreve. Nisso consiste a victoria do poeta: na fidelidade perfeita do que externa relativamente ao que sente. Não há, entre o sentimento e a expressão, a minima desproporção.

*

O estilo é de uma pureza franciscana, desde o principio. Assim abre o livro:

*Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.*

Arte classica essa, que tanto diz em poucas palavras, que tanto evoca. A primeira impressão seria até antes de um certo prosaismo, deante de nossa propensão a ligar ao conceito de lyrismo — e por consequente de poesia — a torrente de epithetos sem os quaes difficilmente concebemos que se expressem os sentimentos desencadeados e soltos dos poetas que resolveram não recalcar nenhum de seus padecimentos affectivos. Dessa concepção da poesia, que, por signal, nos valeu grandes poetas, estamos longe com o autor de *Libertinagem*, para quem cada vocabulo tem uma importancia propria, que nossos parnasianos lhe reconheceram, mas, por vezes, com uma falta de discrição que julstifica o ronco do sapo-tanoeiro, o qual, mais uma vez,

.....
*Parnasiano aguado,
Diz: — "Meu cancioneiro
E' bem martellado.*

*Vêde como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo.
Os termos cognatos.*

*O meu verso é bom
Fruento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.*

.....

.....

*"A grande arte é como
Lavor de joalheiro.*

*Ou bem de estatuário:
Tudo quanto é bello,
Tudo quanto é vario,
Canta no martello."*

A grande arte de Manuel Bandeira é que, poeta exigente, por vezes difficil, no entanto jamais deixa de ser simples, de uma simplicidade que é luxo que só podem offerecer-se os verdadeiros poetas, de uma simplicidade igualmente franciscana. Fazemos questão deste qualificativo referindo-nos de um modo geral á sua poesia, que parece transpor para o plano esthetico qualidades que o grande santo em primeiro lugar reservava á moral mas, que, por vezes, poeta que era, como todos os santos, deixava transparecer em hymnos lyricos.

Há na poesia de Manuel Bandeira um despojamento, uma especie de ascetismo formal, ligado a uma brandura humana que não deixa de assemelhar-se ás virtudes que o santo pedia a seus discipulos.

A poesia manuelina não usa enfeites, nem roupas de seda. Até a imagem, essa rainha oriental da poesia, raramente Bandeira recorre ao seu auxilio. O poeta parece recear o contacto estreito com esta perigosa Cleopatra que avassalla tantas vezes os que desejam conquistá-la. Essa é a poesia pura, que deixa as coisas ser o que são, e as respeita como taes. Amemo-las na sua nudez, na sua pureza original. Não há poesia sem o respeito da verdade. Não há nada de mais celeste que uma estrella, de mais feminino que uma moça. Destillemos em vez de misturar. Tenhamos um estilo puro como o diamante, se assim possa expressar-se quem parece aqui condemnar a imagem — á qual, na realidade, dedica um culto quasi culpavel no seu excesso — e, por isso mesmo, tanto mais á vontade se sente para admirar os que, para o bem da lingua, honrando-a, sabem castigá-la. Até os perfumes, as côres, os sons baudelairianos que pareciam indispensaveis á poesia, são desdenhados por nosso aedo. Tudo que pode illudir, que não reduz a poesia á sua essencia, é rejeitado. Elle mesmo o disse:

*Assim eu quereria o meu ultimo poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples
[e menos intencionaes...]*

Pela mesma razão, sem duvida, é tão sensível ao que a agua tem de frescura e discrição:

*Murmurio d'agua, és tão suave a meus ouvidos...
Faz tanto bem á minha dor teu refrigerio!
Nem sei passar sem teu murmurio a meus ouvidos,
Sem teu suave, teu affavel refrigerio.*

Amor franciscano, aliás, como o seu amor ás crianças, aos bichos, esse amor á agua que, como escreveu Afranio Peixoto, immortaliza o grande santo. "Pindaro dissera da agua que era a melhor das coisas criadas: que é isso, essa emphase concentrada, comparada ao poema em quatro palavras que á *Irmã Agua* dirige São Francisco, "util, humilde, preciosa e casta"?"

Dissemos simplicidade. Acrescentemos: sobriedade do tom, dos vocabulos, da expressão. A alma poetica brasileira externava-se, até Manuel Bandeira, pelo processo da abundancia. Os grandes poetas eram abundantes. Elle é o verdadeiro poeta de relativamente poucos versos, decisivos, todavia, para a orientação de nosso lyrismo, e significativos de suas possibilidades. Até elle, a poesia brasileira estãva carregada e, por vezes, sobrecarregada com imagens, as coisas só existiam em função de outras consideradas mais nobres, assim como as pessoas que têm parentesco com celebridades são filhos de Fulano, sobrinhos ou tataranetos de Beltrano. Pode haver na recusa, se não for systematica, de recorrer á imagem, a vontade não só de resistir á facilidade, que nos deixa agarrar-nos á boia em vez de nadar, mas de respeitar o genio proprio da lingua como fazemos quando vertemos para o português uma obra estrangeira. Conseguiremos então, se estivermos á altura da tarefa, vencer as innumeradas difficuldades que offerece a traducção, realizando assim trabalho em beneficio da lingua utilizada. Provam-no as admiraveis traducções de dois poemas de Cristina Rossetti e três sonetos de Elizabeth Browning por Manuel Bandeira, que, como toda a razão, as include nas suas *Poesias Completas* (só momentaneamente completas, se Deus quizer).

Pessoalmente faço votos para que tenha a paciencia heroica de nos restituir, num fulgor que igualaria o original, uns sonetos de Shakespeare ou de Mallarmé, poemas de Shelley ou de Keats, não precisando lembrar que só grande poeta pode revelar outro grande poeta. Assim fez Gérard de Nerval com *Fausto*, ou Hugo com Shakespeare, etc. Não há, que eu saiba, alliança mais fecunda.



O que temos de admirar particularmente na obra manuelina é sua lealdade, que rejeita todo excesso, de qualquer ordem que seja. Até o dos epithetos. Queiram reler a *Morte absoluta*: nem cinco encontrarão... Obra leal, pura como a agua da fonte.

E' preciso ter ternura muito pura para poder intitular *Mulheres*, num canto já denominado *Libertinagem*, um poeta tão casto, profundo e terno como este:

*Como as mulheres são lindas!
Inutil pensar que é do vestido...
E depois não há só as bonitas:
Há também as sympathicas.
E as feias, certas feias em cujos olhos vejo isto:
Uma menininha que é batida e pisada e nunca sae da cozinha.*

*Como deve ser bom gostar de uma feia!
O meu amor porém não tem bondade alguma.
E' fraco! fraco!
Meu Deus, eu amo como as criancinhas...*

*És linda como uma historia da carochinha...
E eu preciso de ti como precisava de mamãe e papae
(No tempo em que pensava que os ladrões moravam no mor-
ro atrás da casa e tinham cara de pan).*

A piedade estabelece a ligação entre seu amor ás mulheres e ás crianças. Que sentimento em *Meninos carvoeiros*, *Balõezinhos*, *Camelôs* — e que nostalgia daquelle tempo! Esse sentimento espalha-se por sua obra toda e contribue para lhe dar seu accento mais peculiar, mesmo em poemas como *Mulheres*, que pertencem a outra veia, mas em que os themas essenciaes se fundem sem que possamos dissociá-los. Além disso, são limitados: o verdadeiro poeta é raramente disponível. O grande thema manuelino é uma nostalgia irreparavel, o tudo "que podia ter sido e que não foi".

Há, todavia, ironia, que é, por vezes, uma forma pudica de nostalgia, e, sobretudo, há bastante *humour*. Diferençamos: pois, ao invés da ironia, este ultimo revela pouca amargura e um amor invencível á vida e á mulher — o que, no caso particular, parece o mesmo. Erraria, de facto, quem quisesse considerar cada uma dessas poesias separadamente. Na verdade, é um só e grande poema composto de

varios cantos, a saber: *A cinza das Horas*, *Carnaval*, *O Rythmo Dissoluto*, *Libertinagem*, *Estrella da Manhã* e *Lyra dos Cincoent'Anos*, nos quaes seguimos a evolução affectiva e moral de um admiravel poeta. São confissões lyricas, uma presença continua, murmurativa, um mar que reflecte o céu, as nuvens, as estrellas manuelinas. E, aliás, sem complacencia. Apenas temos o que o poeta precisou dizer para não suffocar. A parte gratuita, "jogo", é minima e justifica-se por sua importancia technica. Nem mesmo sempre é jogo. As mais das vezes são estudos de rythmos que fazem de Manuel Bandeira o digno herdeiro dos Castro Alves e dos Alvares de Azevedo. Utiliza certos rythmos binarios em *Cantiga*, *Trem de ferro*, *Marinheiro triste* — este ultimo com efeitos estupendos de prolongamentos multiplicados. Em outros, como em *Boca de forno*, os rythmos são gerados por temas folcloricos, todos demonstrando mais uma vez que a base constitucional de toda poetica é primeiro o ouvido. Seria necessario estudar o problema e suas soluções numa relação technica, assim como a incorporação na poesia manuelina do cancionero folclorico (*Na rua do Sabão*, *Berimbau*), onde veriamos como nosso rhapsodo passa da lingua vernacula á do povo segundo uma intuição que faz com que circule naquellas flores raras a seiva humilde, mas vital, da flora selvagem da nossa terra. E veriamos, então, como contribue para dar á lingua toda a flexibilidade sem a qual não há grande poesia, nem, até além da syntaxe habitual, resonancias novas. E' por transpor, perigosa mas indispensavelmente, certas conyenções formaes, que a poesia nos consegue dar essa impressão de originalidade, de descoberta do mundo. Vejam, através do poeta, como pela primeira vez, uma simples fruta, essa *Maçã*:

*Por um lado te vejo como um seio murcho
Pelo outro como um ventre de cujo embigo pende
[ainda o cordão placentario*

És vermelha como o amor divino

*Dentro de ti em pequenas pevides
Palpita a vida prodigiosa
Infinitamente*

*E quedas tão simples
Ao lado de um talher
Num quarto pobre de hotel.*

Esta breve mas extraordinaria evocação basta para que participemos de uma plenitude e do drama que o poema esboça.



A poesia não se explica, temos de senti-la. Não sou daquelles que apreciam muito os commentarios lyricos que dizem mal o que o poema expressa do seu modo. Este deve ser o unico donde resulta o milagre poetico com seu extraordinario poder de revelação. Nelle reside em boa parte o prestigio da grande poesia que atravessa seculos e confere a gloria e a immortalidade aos imperios. O que seria delles sem a Biblia, sem Homero, Virgilio, Dante, Camões, Shakespeare?

Nem mais facilmente se define o poeta. Cada um traz sua mensagem, ouve vozes, como Joanna d'Arc, e tem que libertar do jugo universal algo de imperecivel, o que temos de mais profundo em nós.

Já se falou muito, do sub-consciente. A poesia é sua emancipação, e o que, das profundezas do ser, faz subir á tona da consciencia o desconhecido, o que jamais tinha sido revelado e parecia ineffavel. Versos como estes o indicam:

..... *Um dia hei de ir embora
Adormecer no derradeiro somno.
Um dia chorarás... Que importa? Chora.
Então eu sentirei muito mais perto
De mim, feliz, teu coração incerto.*

Ou estoutros:

*Da poesia feita como quem ama e quem morre
Caminhaste para uma poesia de quem vive e recebe a tristeza
Naturalmente
— Como o céu escuro recebe a companhia das primeiras estrellas.*

Ou ainda:

*Ao cair da tarde
Vós me recordaes
— O' meninas tristes!
Minhas esperanças!*

*Minhas esperanças
— Meninas cansadas,
Pallidas crianças
A quem ninguém diz:
— Anjos, debandae!...*

E tantos outros! Sublinho esta veia nostalgicamente meiga. Poderia salientar outra, feita de um tom popular, porém não menos en-

cantadora, como no poema que evoca a santa ama de sua infancia, *Irene no céu*. Ou ainda outra, mais rara, quasi unicamente sensual, porém de uma sensualidade fina, exigente, muito pesosa, que dá um sabor particular a varios poemas, como *Rimancete*, *Canção*, *Palinodia*, *Água-forte*, *Poemeto erotico*, *Filha do rei*, etc. Digo mal o que, hoje, me toca. Amanhã talvez seja mais sensível a bellezas mais exclusivamente formaes, e, outro dia, a novos poemas que, á primeira leitura, passaram despercebidos, ou ainda a outros, mais hermeticos, que se calam mais tempo, até que, em certa hora, se revelem inteirinhos assim como se entregam de chofre, quando menos esperavamos, tornando-se reaes, lindas fadas que julgavamos inacessíveis.

Notemos, aliás, que este príncipe da poesia, que chega a ser hermetico, não poderia respirar sem conservar certo contacto com o povo. Precisa delle. Não se esquece que é filho da grande familia brasileira. Sua linguagem revela tradições que são nossas. O príncipe soube passar por cima dos aristocratas e entender-se com o que o país tem de permanente e lhe é proprio: a natureza e o povo. Até casou-se com a pastorazinha. Esse casamento de amor será um de seus maiores titulos de gloria. Pois é, talvez, o que mais nos toca nessa aventura real. Por isso, não me referi, propositadamente, nestas rapidas linhas, ao poeta chefe do movimento modernista, mestre incontestavel da poesia actual. Outros o fizeram, e o farão, melhor do que eu o faria. Todos nós sabemos a importancia historica e decisiva do autor de *Carnaval*, que já pertence á historia literaria. Parece-se, todavia, com o outro, o Manuel Bandeira bahiano, pernambucano ou carioca, que as saudades, filiaes ou fraternaes, seu amor ás moças, ás crianças, á sua ama, ás Marias, perseguem inexoravelmente, o Manuel Bandeira bem brasileiro pela simples razão de que honra e ama o Brasil.

ROBERTO ALVIM CORRÊA



SONETO

*Descem sobre as violetas escondidas
Os afagos das doces mãos da Aurora.
E eu contemplo o teu ser, abandonado
Nesse somno, que é um mar de sombra e frio.*

*A noite immensa se escondeu aos poucos
No teu rosto apagado e em teus cabellos,
No teu seio secreto e sossegado
E nos teus longos pés purificados.*

*As violetas despertam suspirosas
E o brando vento da manhã agita
As mal nascidas rosas dos jardins.*

*És o resto da noite, a alma nocturna,
Que mal resiste á luz que vem chegando;
És a estrella esquecida e mysteriosa.*

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



GOOD OLD CHAMBERLAIN

Neville Chamberlain encontrou a morte na ocasião provavelmente mais desfavorável da sua vida. Sempre se há de commentar este thema. Nada se presta tanto a reflexões mais ou menos melancolicas como a carreira desses homens que attingem a uma idade avançada dir-se-ia que apenas para verem se desfazer, por um conjunto de circumstancias adversas, o prestigio accumulado em momentos mais altos do seu destino. E' impossivel evitar o dramatico exemplo de Pétain. O actual chefe do governo de Vichy não foi somente o vencedor de Verdun. Esta é apenas a imagem popular que nos ficou do seu papel na outra guerra. Na opinião de muitos dos historiadores mais independentes do passado conflicto, elle foi um dos artifices decisivos da victoria, não menor talvez do que Foch, a cuja maestria entregou um exercito que só o seu longo e paciente esforço de economia de homens e de reorganização tornara apto a vencer. O seu perfil estava completo. O menor retoque poderia compromettê-lo, como já acontecera, de duas maneiras diversas, a Hindenburgo e Ludendorff. O que quer que se possa pensar sobre as condições do collapse francês, é evidente que se não tivesse cabido a Pétain intervir nelle, a sua figura se teria conservado mais indiscutivel. Isto mostra o que há de casual na gloria.

O caso de Chamberlain não é naturalmente o mesmo, de nenhum ponto de vista. Esse velho e tranquillo homem de negocios que acaba de morrer, só muito tardiamente entrou na politica, embora procedesse de um estirpe de politicos. Mais tardiamente ainda, na verdade, quando já poderia ir pensando em se retirar de toda actividade, attingiu aos postos maximos da carreira. Este desenvolvimento tardio da sua personalidade de homem de Estado não lhe permittiu accumular um longo passado de serviços excepçionaes ao Imperio. Jamais pôde ser considerado um chefe propriamente glorioso, como Pétain. Também não se dirá que tenha chegado a primeiro ministro por estar dotado de uma capacidade positivamente maior do que a de qualquer dos seus companheiros de partido. Chamberlain foi um producto daquelle systema de olygarchias politicas que subsiste, por um phenomeno typicamente britannico, na mais acabada democracia do mundo. Não subiu á chefia do Partido Conservador por um processo, diga-



mos, de selecção natural. Foi escolhido por Stanley Baldwin, que o considerou o homem mais indicado para receber a sua herança.

Nessa escolha as considerações de brilho pessoal, de intelligencia, de maior acuidade politica ou aptidão funcional, não influíram de um modo preponderante. Há de ter influido muito o seu nome de familia, a circumstancia de ser filho do grande Joe. Mas a razão central deve ter residido na forma do seu espirito, mais do que na sua intensidade. Nas mesmas fileiras partidarias havia um homem que há trinta annos se vinha preparando para ser primeiro ministro. Pusera neste esforço todo o poder de concentração de uma energia formidavel. Ninguem rivalizaria com elle do ponto de vista intellectual, e ninguem sem duvida possuia maior combatividade. Há mais de vinte annos, tendo occupado um dos cargos de maior responsabilidade no gabinete, gozava de uma reputação internacional só comparavel á de Lloyd George. No governo dessa nação de marinheiros poderá haver posto mais significativo do que o de primeiro lorde do Almirantado? Mas precisamente esse homem, todo audacia, força pessoal, poder de distensão, impulsivo como uma mola de aço, fanatico do Imperio mais do que dos partidos, excessivamente feroz na luta, que é o seu elemento, durante toda a vida se mostrara demasiado inquietante para que aquellá organização de lordes zelosos e prudentes homens de negocios lhe confiasse o seu destino. Winston Churchill teria, portanto, de soffrer preterições successivas, que uma vida publica aventureosa justificava, vendo passarem adeante aquellas figuras menores e mais reusantes.

Em Neville Chamberlain havia um grande inglês da ultima phase da era victoriana. No seu espirito, o mundo e a sua estrutura politica estavam definidos em linhas precisas. A supremacia do Imperio era uma noção por assim dizer axiomática, que se impregnava da propria natureza das coisas. Tendo conquistado laboriosamente, ao longo de varios seculos, a sua hegemonia, a Grã-Bretanha só aspirava a conservar a posição mundial que se crystallizara depois da obra de Cecil Rodhes e que Rudyard Kipling tão bem exprimira nos seus poemas. A realidade historica e politica resultante desse vasto processo se confundia, aos olhos daquelle guia da Inglaterra tradicional, com a idéa mesma do direito, na sua expressão espontanea e natural. O proprio ascendente conquistado nas ultimas decadas por aquellá outra massa gigantesca de origem anglo-saxã que se perfilava do outro lado do oceano não se associaria, no coração desse velho inglês, ao sentimento fundamental da supremacia da sua raça, cujo genio colonizador continuava ali o esforço de civilização do Imperio? Janais um inglês representativo aceitará a realidade genuina da America sem um instinctivo movimento de desagrado.



As perturbações mundiaes se lhe afiguravam um jogo confuso e incomprehensível, dentro do qual era preciso conduzir o país e os seus associados sobretudo com uma infinita cautela. A menor precipitação poderia conduzir a crise muito mais longe do que os seus promotores pretendiam. O essencial era persuadir os demais de que não deveriam perturbar a ordem estabelecida, pois é muito difficil estabelecer uma medida previa do esforço nas tempestades. Chamberlain foi um pacifista vulgar? Certamente não. Foi principalmente um homem politico que tomou a si uma tarefa determinada. Mas para esse victoriano que formara o seu espirito dentro da atmosphaera de uma Grã-Bretanha satisfeita com os resultados da sua obra, a ordem estabelecida, pela qual se bateria até á morte, como se bateu, era especialmente a ordem de antes de 1914. Já depois daquella victoria, mais do que justa, inevitavel, em si, tinham sido commettidas algumas imprudencias, que davam lugar agora a essa desarrumação lamentavel. As suas restricções a Versalhes, tantas vezes manifestadas, não seriam o producto de um abstracto espirito de justiça, mas de uma noção de equilibrio que deve ser innata em qualquer estadista britannico.

Foram estas as concepções que o guiaram. Poderia ter morrido victorioso, se as circunstancias o tivessem ajudado um pouco. Não teria sido uma victoria retumbante, pois essa natureza commedida não estava preparada para participar dos espectaculos grandiosos. Mas poderia ter desaparecido suavemente da scena, como Stanley Baldwin, que lhe passou o lugar, evitando o contraste das suas limitações pessoasas com o vulto da tarefa. O seu treinamento para primeiro ministro acreditou-lhe as eminentes qualidades de administrador. A sua promoção de chancellor do Exchequer, ultimo posto dos candidatos a chefes do governo, estava justificada, dentro da estreita atmosphaera em que se processou, por uma obra notavel. Mas os tempos que se approximavam já não comportavam mais essas regulações modestas de uma Inglaterra conservadora.

Nem se diga que Chamberlain não soube cumprir o seu dever, nos momentos decisivos. O seu papel, no esforço pela paz e na explosão da guerra, ainda não foi bem apreciado. Em Munich, que ficou sendo considerado como symbolo da sua derrota e da sua incapacidade, tinha razão duplamente. No prologo do seu pequeno e admiravel livro sobre o assumpto, Alfred Fabre-Luce, um dos mais competentes historiadores franceses das origens da primeira guerra mundial e um dos criticos mais lucidos e imparciaes da politica externa do seu país, faz a seguinte observação, citando o trecho de um documento que deve ser recordado?

“Em 1919, na Conferencia da Paz, sete milhões de tchecos pedem para dominar sete milhões de estrangeiros. A 1.º de abril, quando um



relatório recommendando a incorporação á Tchecoslovaquia de importantes populações alemãs é apresentado ao Conselho Supremo, Lansing, secretario de Estado e delegado americano, faz ouvir um vivo protesto, que a acta registra nestes termos: *O sr. Lansing deseja assinalar que a fixação de linhas de fronteira em função do seu valor estratégico e tendo em vista a guerra é directamente opposta ao essencial da Sociedade das Nações, do desarmamento internacional e da politica dos Estados-Unidos, tal como foi ella expressa pela declaração do presidente Wilson.*

“A partir desse dia, remata Fabre-Luce, a questão sudeta está posta deante da consciencia das nações.” (1)

Nada mais facil do que multiplicar as provas desse typo. Mas esta basta como indicação de um dos aspectos decisivos do famoso problema. Do ponto de vista da justiça, Chamberlain se defenderia, com evidente superioridade de armas, no seu celebre discurso de Birmingham, a 17 de março de 1939, da seguinte forma:

“A Alemanha, sob o seu regime actual, deu ao mundo uma serie de surpresas desagradaveis. A Rhenania, o Anschluss, a annexação do territorio dos Sudetos, tudo isso escandalizou e offendeu a opinião publica no mundo inteiro. Entretanto, qualquer que seja a objecção que possamos ter quanto aos methodos empregados em cada caso, havia alguma coisa a dizer, tanto em razão de affinidades racias como de justas reivindicações longamente repellidas, havia, repito, alguma coisa a dizer em favor de uma mudança a introduzir na situação.” (2)

Do ponto de vista pratico, o desarmamento britannico e francês. que a guerra, um anno depois, viria ainda exhibir da maneira mais escandalosa, aconselhava a prudencia. Fabre-Luce, depois de mostrar a desvantagem estrategica em que se encontrava a França, indaga:

“Teriamos nós ao menos a satisfação de restabelecer, no fim da guerra, o *statu-quo* territorial que tinhamos sido convidados a defender? Seguramente não, porque ninguem pensaria em resuscitar no tratado de paz o Estado misturado cuja estrutura paradoxal teria provocado a guerra.”

E acrescenta, citando o discurso de 4 de outubro de 1938, do presidente do Conselho francês:

“Quando tudo estiver terminado, Daladier di-lo-á francamente na Camara: *Quem poderia sustentar que a integridade da Tchecoslova-*

(1) — *Histoire secrète de la conciliation de Munich*, Grasset, Paris, 1938, pag. 7.

(2) — *Livro Azul Britannico*, ed. official francesa, pag. 8.



quia teria sido mantida depois de uma terrível guerra de coalizão, mesmo victoriosa?" (3)

Chamberlain renovarà o mesmo argümento, em tom mais categorico, no discurso de Birmingham:

"Nada do que pudessemos ter feito entãõ, nada do que pudessem ter feito a França ou a Russia teria tido a menor possibilidade de salvar a Tchecoslovaquia da invasãõ e da destruiçãõ. Suppondo mesmo que tivessesmos feito depois a guerra á Alemanha para castigá-la pelos seus actos e que, depois das perdas espantosas que soffressem todos os participantes da guerra, houvessemos sido victoriosos, no fim das contas, nunca lograríamos reconstituir a Tchecoslovaquia, tal como a havia feito o Tratado de Versalhes." (4)

Tinha razão em Munich, e isto lhe foi reconhecido, apesar da terrível campanha movida contra elle, por todos, ou por uma grande parte dos criticos independentes e bem informados da crise. Mas era uma razão limitada ao caso concreto, destituída de alcance politico e de perspectiva. Na occasião isto lhe foi dito, quando os seus adversarios, abstrahindo aliás dos aspectos particulares do problema, chamaram a sua attenção para o que Hitler não deixaria de fazer depois. Na verdade, para o chanceller do Reich, tratava-se menos da reparação de uma injustiça do que da preparação estrategica de um salto muito mais amplo. Elle proprio, de mistura com outras coisas, o reconheceria no seu discurso de 28 de abril de 1939, no Reichstag, em que procura justificar a annexação da Bohemia e da Moravia. Aludindo á importancia estrategica do territorio da Tchecoslovaquia, sobretudo para as operações aereas, declara:

"E', pois, comprehensivel que o governo alemão tenha resolvido, por sua vez, destruir tal campo de aviação de bombardeio." (5)

Mas quando Chamberlain comprehendeu que a questão tcheca tinha sido agitada por Hitler apenas como uma etapa e não como um fim, reagiu com vehemencia sem precedentes. O discurso de Birmingham é o documento dessa reacção. Sem duvida ella não se processou sem difficuldades. E' interessante assignalar a' este respeito o que o

(3) — Fabre-Luce, *id.*, pag. 13.

(4) — *L. A. Brit.*, pag. 6.

(5) — *Livro Branco Alemão* sobre as origens da guerra, ed. brasileira, p. 258. — A traducção da passagem citada emprega inadequadamente o tempo do verbo "resolver". Em lugar da forma composta "tenha resolvido" que preferi utilizar aqui, figura no texto portuguez "resolheu". Esta pequena correcção que achei necessario introduzir não altera evidentemente em nada o sentido da phrase.

embaixador alemão em Londres informa ao seu governo, sobre o mecanismo secreto daquelle libello do primeiro ministro. Quando soube da anexação da Bohemia e da Moravia, Chamberlain pronunciou nos Communs um discurso ainda de tom reservado. Von Dirksen annota, no seu relatório de 18 de março de 1939, á Wilhelmstrasse:

“A declaração de Chamberlain, prestada na Camara dos Communs, foi criticada como fragil. Ergueram-se novamente os seus adversarios. Eis como se explica o vehemente discurso de Birmingham.” (6)

A passagem fundamental desse discurso merece ser reproduzida. Ella é a chave do estado de espirito que levou o primeiro ministro a organizar a frente defensiva europeá contra o dynamismo hitleriano e a não tremer deante da responsabilidade de declarar a guerra ao Reich, quando se produziu a crise de Dantzig:

“Isto [o desmantelamento final da Tchecoslovaquia] será o fim de uma antiga aventura? Ou será o começo de uma nova? E' o ultimo ataque contra um pequeno Estado? Ou será seguido de outros? Será isto, de facto, um passo na direcção de uma tentativa para dominar o mundo pela força?” (7)

Os alemães clamaram que a Inglaterra estava organizando o cerco do Reich, quando Chamberlain procurou coordenar, com a França, os pequenos Estados da Europa, afim de offerecer uma resistencia commum aos proximos golpes. Entretanto, é o seu proprio embaixador em Londres, von Dirksen, quem diz, no telegramma já citado:

“Ainda não se pode dizer se essas negociações visam á formação de uma nova e poderosa coalizão antigermanica, ou apenas a combinação de medidas a serem tomadas na eventualidade de futuros passos alemães contra outros países, como, por exemplo, a Rumania ou Polonia.” (8)

O que levou Chamberlain á guerra não foi, portanto, a questão particular de Dantzig. Foi a convicção de que não estava em presença apenas de uma serie de reivindicações realizadas com methodos um tanto extraordinarios, mas afinal de contas comprehensíveis pela propria situação dramatica que os Alliados tinham criado para a Alemanha, em 1919. Foi accusado de sympathizar com o nazismo. Nenhum inglês especifico sympathizou jamais com qualquer tendencia politica que possa contrariar os interesses do Imperio. Chamberlain fre-

(6) — *Id.*, pag. 255.

(7) — *L. A. Brit.*, pag. 8.

(8) — *L. B. Alem.*, pag. 255.

quentava um grupo de aristocratas, o celebre "gabinete negro", que esperava poder continuar a jogar com o nazismo, no scenario mundial, mesmo depois de Hitler se ter sentido sufficientemente forte para realizar a sua propria politica, transformando a Alemanha, como reclamava Spengler antes de morrer, de objecto em sujeito da historia, tal como tinha sido ella no tempo de Bismarck. Mas quaesquer que fossem os signaes de contaminação que pudessem ser encontrados em alguns circulos britannicos, em essencia todos esses imprudentes jogadores julgavam estar manobrando de accordo com o interesse imperial. No dia em que se convenceu do seu engano, o moderado e indeciso guia da Grã-Bretanha, o mais paternal de todos, como diria o *Times*, por occasião da sua morte, marchou para a luta de olhos fitos no destino da velha comunidade. Mas esse foi tambem o dia da sua derrota irreparavel. A Inglaterra se despedia definitivamente dos derradeiros vestigios da plenitude victoriana para entrar no dominio da tragedia. Os homens como Chamberlain não poderiam mais servir. Uma outra estirpe de ingleses era chamada aos postos de combate. Os lordes convencionaes dos periodos de tranquillidade cediam o lugar aos aventureiros que, como Francis Drake, construíram através dos seculos a supremacia britannica. Exactamente as qualidades que tinham recommendado o filho daquelle outro propheta do imperialismo, Joseph Chamberlain, á escolha de Baldwin, marcavam o limite da sua ascendencia. Em momentos excepcionaes e desagradaveis devem apparecer os homens excepcionaes e desagradaveis. Winston Churchill, tantas vezes preterido, chegou tardiamente ao poder. Se Chamberlain tivesse morrido um pouco antes, a sua carreira não se teria encerrado na sombra de uma enorme derrota pesoal. Se Churchill não tivesse vivido bastante, a sua imagem não se teria composto com tanto esplendor. Mas por menos valiosas que sejam as considerações sentimentaes, em periodos como este, a figura daquelle velho politico que tanto se bateu pela paz não deixará de ser recordada com sympathia por aquelles que soffrem na guerra — quaesquer que tenham sido as razões, realmente multiplas, da sua attitude.

BARRETO LEITE FILHO



MAIS PENA

Segurava de leve o braço da mulher, com elegancia, attento para pisar no mesmo rythmo. Desciam — clarissimo que desciam — deviam andar pela metade da rua. Escutou Angelina baixinho:

— Dona Arlinda está na grade do jardim. Faltam uns sete passos. Do seu lado.

A' direita. Um, dois, três:

— Deixe eu falar primeiro — quatro, cinco, seis...

— Agora.

— Boa tarde.

Não ouviu a resposta. Oito, nove:

— Foi direito, Angelina?

— Podia ter esperado um bocadinho mais. Mas não deu para ella reparar.

— Não deu, não?

— Nada. Ella respondeu sorrindo. — Não escutei — dez, onze, doze... ô, não precisava mais contar as passadas... Deviam estar bem perto da Avenida; o declive no passeio quasi não se notava mais. A mulher ligeiro: — Devagar, minha filha. Como é dona Arlinda?

Dona Arlinda era moça, de uns trinta e três a trinta e cinco annos, o corpo cheio, o rosto limpo, rosado, contente, os olhos pareciam de alemã.

— Vestida?

— De amarelo, com uns enfeites azues.

Dona Arlinda não tinha que ver Honorina quando embarcou para o Amazonas, menos alta um pouquinho:

— Lembra-se de Honorina?

— Estou procurando. Tanto tempo. Era gorda, não era? Não sei. Tanto tempo...

Era a tristeza? — a mulher perscrutava. Por maior que fosse o cuidado... Não, mas não tinha culpa, ninguem tinha culpa; a conversa é que se desviava. Quem podia viver sem tocar nas coisas passadas, nos conhecidos antigos, nos parentes?

— Era gorda, não era?

— O corpo cheio.

— A gente ainda estava noivo, não estava, quando ella embarcou?

A tristeza? Pois Angelina evitava:

— Bobagem, Julião.

Pararam. O vento de banda, os pneumaticos no calçamento, o fio num assobio agudo com o bonde distante — Julião já conhecia: estavam na esquina da linha. Depois o ruido augmentando, augmentando, o bonde vinha. E vinha de cima, de Casa Amarela. Honorina continuava no Amazonas, não pensava em deixar; com filhas moças, p'ra casar, filhas nascidas lá. Não se lembrava quasi nada de Honorina. E tinha visto tanto, tinha falado tanto com ella, prima-irmã de Angelina. Tinha olhado tanto para ella...

— Seu Oséas vem no banco da frente, está vendo a gente. Está dando adeus. Dê adeus p'ra elle. Logo, Julião. Sim.

— Foi direito?

— Um pouquinho atrasado.

— Deu p'ra notar?

— Não, não deu.

— Como é que elle vai?

Seu Oséas ia de roupa de casimira cinzenta, cinzento-escuro, dava a impressão de nova, um chapéu que de longe era todo do Chile...

— Vamos andando p'ra venda.

Julião segurava com elegância o braço da mulher, de leve. Podia descansar que a calçada nova, de cimento, boa, não tinha perigo.

*

Angelina ficava pensando, o livro caído, ficava pensando, mas não comprehendia. Tinha mais pena delle quando pensava, mas não comprehendia.

A canção apenas murmurada, fechada a victrola, o canto somente no ouvido. Nem incommodava a leitura de Angelina, se ella não quisesse escutar tambem. Julião sabia onde estavam os discos, direitinho; o lugar das agulhas, o recanto da escova. E a musica se sumindo, a voz baixinho, suave.

Ficava pensando. O rosto do marido sereno, embevecido, a boca firme, os olhos grandes, olhando p'ra elles ninguem dizia...

Abalou a algazarra enorme das meninas entrando:

— A benção, tio Julião. Que casa bonita!

— Marina, Estella!

— Tia Angelina, que saudade da senhora!

Julião sorria dos estalos dos beijos. Freou a machina, guardou o disco:

— E Antonieta, melhorou?

Marina quasi derruba as agulhas:

— Mamãe já ficou boa. Nem tomou remedio de pharmacia.

Abriam as outras janelas, ligaram as luzes, revistaram. Deixaram acceso o terraço, com um ar de festa. Estella explicando:

— A gente disse que vinha p'r'aqui, ver a casa nova, deu uma fugida, fomos ao cinema, viemos correndo. Uma fita optima!

A voz de Estella, quente, grossa, representava trinta annos e muito corpo — garota de quinze. Julião voltado para Estella, bem á esquerda.

Não se continham, as meninas contaram. Contaram até o desenho animado. E a historia de Shirley Temple, toda colorida, o fogo lindo vermelho e amarelo, as roupas das princezas — uma belleza — o castello, o homem forte que tinha os olhos tão azues, claros, Shirley cantando, Marina tinha aprendido um pedacinho.

— Cante.

Cantárolou. E o fim da fita?! Dava saudade de se acabar.

Julião apumado na cadeira, o rosto para Marina. Uma falinha fanhosa de Marina, igual á de Antonieta.

Angelina descrevia, pausada:

— Sapato exquisito, Estellinha. O salto é direitinho de aleijado. Como é que se pisa com elle? Não conhecia ainda este vestido côr-de-rosa; quem fez? Os botões bonitos, o bolero muito chique; as rendas são brancas ou são cremes?

— Brancas. Por causa da luz, titia, parece amarela.

A voz de Estella com calor, volumosa, imitava a victrola abafada naquella canção de Tito Schipa.

— E a fita do seu cabelo, quem escolheu, quem botou? Um rosa vivo, vermelho. A blusa de Marina eu já vi; de seda branca com listas de côres, a saia verde-garrafa. Fica engraçado, com o seu penteado de gente velha...

— Angelina continuava.

Julião sorria para o lado de Marina.

— Se mamãe perguntar, não se esqueçam que a gente foi p'ro cinema escondida. Digam que chegamos aqui às sete.

E com a lembrança da hora — tão tarde! — iam partir.

— Já!?

— Não vimos a casa?

— A benção, tio Julião.

— Titia quando aparece? — repetiam os beijos á tia.

Angelina fugiu e depressa estava de volta trazendo biscoitos. Porque as meninas saíram cedo, estavam com fome.

Julião de pé no sentido do portão. Marina, ligeira e doce, para junto delle, tomou-lhe o braço:

— Venha, titio, — sentiu que elle estremeia. — Venha, eu guio o senhor.

Titio estremeia, sim, e o rosto, que coisa! A vontade era de Marina chorar. Chorar porque, que é que tinha feito á tio Julião? Parecia que o braço delle esfriava, duro.

— Adeus.

— Adeus.

— Lembranças...

Os sons diminuindo, perdendo-se, ellas seguiam conversando. Seguiam conversando, Marina mettida, Marina mal educada, grosseira. Tinha sido de proposito? — Julião na calçada.

Julião na calçada, mudado, a pena que elle fazia. Angelina falava? Falava:

— Meu filho... Só por causa de Marina, tão boazinha?...

— Ella não tinha nada que se offerecer!

— Mas as meninas não sabem, da familia?...

— Ella não tinha nada que se offerecer!

Marina mettida, Marina mal educada. Se Julião pudesse sair, andar, fugir! Queria estar, queria sempre, queria estar distante, desconhecido. Gostava das meninas, gostava, gostava de todos. Então, como era, queria? Percebendo melhor, misturados aos ultimos ruidos, bem longe, do bonde, de radios, das sobrinhas?, uns passos se aproximando. Marina mettida.

— Angelina...

A mulher ali juntinho, sim. Os passos vinham vindo, de uma só pessoa. Ella não tinha nada que se offerecer. Murmurio de Angelina:

— O marido de dona Arlinda.

Os passos bem defronte, descansados.

— Agora. Doutor Ferreira vae falar.

— Boa noite.

— Boa noite, doutor Ferreira.

Doutor Ferreira ia de roupa branca, o chapéo de palha na mão...

Ella não tinha nada que se offerecer — palavras nos labios, para dentro. Nem tinha sido de proposito.

— Meu filho...

— Lembrando, lembrando á gente, Angelina. Quem é que não se incomoda? Diga. — A voz parecia mais branda, Julião entrando.

A voz parecia mais branda: Branda? Mais pena é que dava.

Recife — 1940.

JOSE' CARLOS CAVALCANTI BORGES



COLONIAS DE PARCERIA

(CONCLUSÃO)

III

O emprego de immigrants europeus na grande lavoura em lugar de negros envolvia uma verdadeira revolução nos methodos de trabalho vigentes no país e, mais do que isso, nas concepções predominantes em todo o territorio do Imperio acerca do trabalho livre. Um exemplo typico de taes concepções é o caso lembrado por Kidder, dos alemães contratados em 1839 para a construcção de pontes e calçadas em Pernambuco; tantas e taes eram as zombarias a esses "escravos brancos", que elles não conseguiram levar a bom termo a obra começada. (14) É' comprehensivel, deante de taes condições, que os fazendeiros amoldados á nossa economia agraria tradicional, baseada sobretudo na existencia do braço escravo largamente accessivel, nem sempre conseguissem adaptar-se a uma nova situação criada com a introdução de trabalhadores livres procedentes do Velho Mundo. A accitação prompta de taes trabalhadores não significava sempre, de parte dos grandes proprietarios ruraes, a admissão igualmente prompta, ou sequer a comprehensão, de todas as consequencias que essa mudança iria acarretar no systema de relações entre patrões e serviçaes. Todo o esforço dos interessados na introdução de trabalhadores europeus que preparasse a lavoura para receber sem graves perturbações e riscos a abolição da escravidão deveria exercer-se no sentido de se suavizarem os inevitaveis desajustamentos, os "cultural lags", impossiveis de evitar no processo de producção.

O systema Vergueiro, que em certo momento chegou a ser adoptado por quasi todos os principaes fazendeiros de café em São Paulo, tornando-se por assim dizer a forma peculiar do emprego do braço livre na grande lavoura dessa provincia, não nasceu como novidade apparatusa, capaz de triumphar de todos os obstaculos que enfrentava a sua vida economica. Surgiu sob a pressão de duras necessidades e ante a perspectiva de condições alarmantes.

Examinado em seus traços caracteristicos, esse engenhoso systema não offerce, em realidade, nada de essencialmente novo. A ac-

(14) — Daniel P. Kidder — *Sketches of Residence and Travel in Brazil*, Philadelphia, 1845, II, pag. 144 e segs.



quisição de mão de obra europeia destinada a uma terra para onde não se esperava dos governos um amparo substancial e persistente á colonização só seria possível, de resto, dentro dos methodos universalmente empregados em taes casos. No fundo esses methodos nunca divergiam muito do "endividamento" (indenture) a que, segundo certos historiadores, deveram os Estados-Unidos, durante a era colonial, quasi metade dos immigrants livres que as treze colonias receberam. Os encarregados de angariar colonos attrahiam os candidatos adeantando-lhes as sommas destinadas á viagem e ao sustento; taes sommas eram amortizaveis mediante prestação de serviços por um determinado prazo. Na America do Norte o prazo mais commum eram quatro ou cinco annos. O patrão obrigava-se a sustentar o trabalhador, enfermo ou não, e terminado o prazo a fornecer-lhe, na ausencia de um contrato explicito, os "donativos de alforria", que consistiam em um machado, duas enxadas, milho bastante para o sustento durante um anno e algumas vezes um pedaço de terra cultivavel.

A rigor esse processo tornou-se mais digno de censura pelos abusos a que se prestou do que pelos principios em que descansa. Muito patrão, sobretudo nas lavouras de tabaco, assegurava-se o serviço permanente dos trabalhadores forçando-os por meios indirectos a accumular outras dividas e reduzindo-os assim, praticamente, á condição de servos. Abandonado nos Estados-Unidos, ao menos nas suas formas tradicionaes, em proveito dos varios typos de "contract labor", o systema logrou manter-se ainda em muitos países de economia colonial e era, com pouca differença, o meio pelo qual se importavam aos milhares os *coolies* chineses em Cuba, no Peru, em Hawaii, precisamente ao tempo em que Vergueiro ensaiava entre nós seu celebre systema. Acresce que o pauperismo reinante em certas localidades europeas levava muitas autoridades da Alemanha e da Suíça a estimular a emigração de elementos que se tornavam onerosos ás administrações municipaes. Varias municipalidades promptificaram-se mesmo a collaborar com os agentes de emigração adeantando ao emigrante as sommas necessarias á passagem e sustento. E' claro que isso podia prometter tudo aos nossos fazendeiros, menos os homens activos, morigerados e ordeiros de que tanto careciam elles. Entre os colonos enviados a São Paulo por intermedio da casa Vergueiro figuravam, segundo o testemunho insuspeito do dr. Heusser, não só antigos soldados, egressos das penitenciarias, vagabundos de toda especie, como ainda octogenarios, alejados, cegos e idiotas. Essa gente encontrava, de parte de muitas administrações, todas as facilidades para emigrar. Quanto aos colonos mais jovens e sadios, só lhes eram fornecidos os adeantamentos para a viagem, quando acquiescessem em levar consigo os outros. De modo que os individuos de boa saúde se viam obrigados a sustentar os velhos e os doentes e mais a se responsabilizar



pelas suas dividas caso viessem estes a fallecer. Semelhante orientação, aliás, não foi apanagio das autoridades suizas e alemãs. Onde quer que os movimentos emigratorios tomassem vulto, não faltava entre as administrações quem procurasse utilizá-los em favor de uma politica de verdadeira depuração nacional. Favorecendo o embarque dos elementos menos desejaveis, é natural que essas administrações criassem obstaculos á saída de homens validos e uteis. Mesmo em Portugal, onde a emigração para o Brasil teve sempre caracter mais espontaneo, essa tendencia manifestou-se muitas vezes, com maior intensidade. Quando em certa occasião o desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto tratou de contratar lavradores alemtejanos para suas colonias de Taquaral e Bom Retiro, perto de Capivary, utilizando como intermediario um seu irmão residente em Serpa, as autoridades locais portuguezas oppuseram toda sorte de embaraços á saída dos referidos colonos exactamente por serem elles bons trabalhadores e affeitos á vida agricola.

O traço verdadeiramente caracteristico do systema Vergueiro não estava entretanto nos methodos de recrutamento dos colonos e sim no regime de *parceria* a que ficavam sujeitos, uma vez installados nas terras a serem cultivadas. A analogia entre as condições dos parceiros, nesse systema e a dos *métayers* do Sul da França, foi frequentemente salientada mesmo no Brasil quando o assumpto andou em foco, nos meados do seculo passado. Mas sem ir tão longe, sem precisar recorrer a exemplos europeus, de resto numerosos, pode dizer-se que a situação dos aggregados em muitas fazendas e especialmente nos engenhos de açucar, poderia, á falta de outros, servir de modelo para o systema Vergueiro. Tschudi, cujas observações acerca das colonias de parceria denotam muitas vezes um meticoloso espirito de observação e uma objectividade rigorosa, soube ver claro a esse respeito. (15) A vantagem principal do regime de parceria, comparado ao dos serviços assalariados, está apparentemente no facto de garantir, ao menos em these, uma liberdade mais ampla ao empregado, e em reduzir ao minimo os possiveis conflictos de tradições, costumes e convenções.

Tal como foi applicada na lavoura paulista, a parceria representa uma especie de conciliação entre o regime dos serviços assalariados, como se pratica em geral nas fazendas, e o das pequenas propriedades, peculiar aos nucleos coloniaes. Isso explica a acceitação facil que obteve entre os colonos de estirpe germanica, sempre zelosos de suas tradições, ao passo que os portuguezes e os immigrants do Sul da Europa se inclinavam de preferencia para o systema dos salarios fixos ou para as empreitadas. Como forma de transição entre os dois typos de colonização rural susceptiveis até certo ponto de atten-

(15) — Johann Jakob von Tschudi — *Reisen durch Südamerika*, III, Leipzig, 1867, pag. 234.



der ás nossas necessidades economicas, o regime de parceria pretendia resolver o difficil problema da adaptação dos immigrants do Norte da Europa ao trabalho nas nossas grandes propriedades agricolas. Problema comparavel, no fundo, ao que enfrentam ainda hoje certas autoridades colonias europeas, quando pretendem accomodar os indigenas aos interesses da producção capitalista, sem provocar com isso uma crise violenta nas formas de vida tradicionaes.

Os recursos empregados em taes casos não estão longe de lembrar, muitas vezes, os do systema Vergueiro. Assim succede, por exemplo, com as experiencias para o plantio de algodão no Sudão Anglo-Egyptio (região de Gezireh), do amendoim no Senegal e do cacau na Costa do Ouro. (16) O beneficio em taes circumstancias é reciproco, permittindo maior rendimento do trabalho e contribuindo para que as populações indigenas aperfeçoem sua technica tradicional ao contacto dos methodos europeus.

Em São Paulo, infelizmente, não se fizeram sentir beneficios semelhantes na applicação do plano Vergueiro, e as causas do mallogro do systema já foram aqui summariadas de passagem. Vimos tambem como a technica europeia não influiu e não poderia influir consideravelmente para a melhora dos nossos methodos de exploração agricola. A esphera de influencia dos colonos foi por isso menos rural do que urbana ou, se quiserem, suburbana. Na technica dos transportes pode assignalar-se pelo menos uma contribuição significativa desses antigos colonos: o abandono na construcção do carro de boi do modelo tradicional, de eixo de volta e roda massica, "que fazia uma algazarra agradavel, talvez, somente aos bois", como observou um viajante suico. Calculam-se bem os esforços que teriam sido feitos para vencer nesse caso a rotina, ante a convicção, generalizada entre nossos roceiros, de que carro para prestar precisa chiar. Mas foi sobretudo no desenvolvimento dado á cultura hortense — e tambem á pequena industria — que os colonos deixaram marca de sua passagem. E é licito suppor que com isso tenham contribuido consideravelmente para modificar entre outras coisas a propria dieta alimentar nas regiões colonizadas. Desde os tempos aureos das colonias de parceria costumavam os trabalhadores, catholicos e protestantes, ir todos os domingos pela manhã ás cidades de Limeira e Rio Claro, não só para os serviços religiosos como para venderem os productos de suas plantações e de sua industria: legumes, lacticinios, mel de abelha, etc. Antes dos fazendeiros empregarem parceiristas — observa Tschudi — as donas de casa não tinham meios de obter manteiga fresca, nem leite, nem legumes, salvo quando podiam dispor de terrenos para criação e pasto. Mais tarde, e graças aos colonos, passaram a consumir diariamente de

(16) — Richard Thurnwald — *Koloniale Gestaltung. Methoden und Probleme überssischer Ausdehnung*, Hamburg, 1939, pag. 368.

taes productos. E o viajante perde-se a proposito em extensas divagações sobre o beneficio que a influencia germanica trouxe a certas zonas da provincia de São Paulo. Citando um artigo lido em certo jornal da Austria, compara o papel do povo alemão ao do sal, que torna tragaveis certos pratos. Como o sal permite saborear alimentos naturalmente inspidos, assim tambem a mistura bem proporcionada de sangue germanico é salutar a qualquer povo. As regiões da provincia de São Paulo para onde se encaminhou de preferencia a immigração alemã e suiço-alemã, pareciam-lhe confirmar francamente tal conceito.

Essas considerações fazem pensar em certas formas ainda incipientes de pangermanismo, que devem ter tido grande popularidade na época e foram partilhadas, entre outros, por um dos mais violentos inimigos de nossas colonias de parceria, o conselheiro real prusiano Gustav Kerst. Longe de pugnar por um racismo rigoroso, os adeptos de taes doutrinas acreditavam que as possibilidades de maior expansão da cultura alemã estariam antes na fusão de elementos portadores dessa cultura com populações mais atrasadas. Kerst achava mesmo que graças a semelhante fusão os immigrants alemães acabariam impondo aos luso-brasileiros seus costumes, seus traços nacionaes e até seu idioma, temperando com isso a natural indolencia e o atraso da gente do país e empréstando-nos um caracter proprio e independente, comparavel ao que a fusão de anglo-saxões, bretões e normandos formou na Inglaterra. Mas para isso seria preciso que os governos de nossa "monarchia feudal" tivessem o desejo e a capacidade indispensaveis para resolver o problema da immigração livre no Brasil levantando com isso os alicerces de uma verdadeira nação. Seria preciso que abolissem as restricções religiosas e politicas de que padeciam os colonos, e fugissem a adoptar systemas taes como o da parceria, que tende antes a destruir do que a resguardar o caracter nacional dos immigrants. Opinião analoga á de Kerst exprimira pouco antes antes o embaixador austriaco na Côte de São Petersburgo, conde de Colloredo-Waldsee, ao nosso representante diplomatico na mesma Côte, José Maria do Amaral, lembrando a necessidade de se preservar a raça branca no Brasil mediante a mistura em larga escala com immigrants do Norte da Europa. (18)

Não seria muito diverso o pensamento de alguns dos nossos progressistas do tempo. Em fins do seculo passado, a conveniencia de manter a todo custo a tradição luso-brasileira ainda não se apresentava como um problema para nós. As resistencias que se erguiam ás

(17) — J. J. v. Tschudi — *Op. cit.*, III, 265.

(18) — S. Gottfried Kerst — *Urber Brasilianische Zustand der Gegenwart*, Berlin, 1853, pag. 30. — Sobre as opiniões do conde de Colloredo cf. José Maria do Amaral — "Noticia dos Diplomatas", em *Publicações do Archivo Nacional*, XIX, Rio, 1919, pag. 81.



correntes de idéas e de sangue estrangeiros vinham antes da rotina do que de um apego consciente ás instituições tradicionaes. Nunca essas resistencias chegaram a tomar corpo, a contaminar os espiritos bem-pensantes, nunca ellas se organizaram, á maneira dos *Know nothing* dos Estados-Unidos, em um movimento destinado a combater tumultuosamente toda influencia estrangeira susceptivel de perturbar o crescimento harmonioso e equilibrado das instituições. Excepcionalmente houve por esse tempo em São Paulo quem presentisse graves perigos no constante affluxo de immigrants europeus, que ameaçavam transformar radicalmente nossa paisagem economica e social. Não era paulista, não era sequer brasileiro quem assim pensava, e não o animava um zelo apenas sentimental pelo passado da terra adoptiva. Irlandês, catholico e fidalgo; havia em Ricardo Gumbleton Daunt, no antimodernismo de que insistentemente se ufanava, tanto de devoção e fervor quanto de intelligencia lucida e comprehensiva. Detestando cordialmente o systema representativo, a centralização excessiva do poder, a "insensata admiração pelas instituições de outros povos e outras raças", achava, um pouco ao modo de Donoso Cortez, que os povos verdadeiramente livres se formam por simples evolução interna e desenvolvimento natural, que suas instituições não devem ser arbitrariamente modificadas e retorcidas pela mão do homem, posto que são de natureza divina. Ainda em 1856 podia oppor o seu São Paulo á "semiestrangeira Rio de Janeiro", apresentando-o como reducto de tradições memoraveis que o collocavam em plano muito superior ás demais provincias, com a possivel excepção de Pernambuco. A esperança de fazer reviver o São Paulo glorioso do seculo XVII, com sua "especie de feudalismo muito favoravel ao desenvolvimento de algumas grandes virtudes", o desejo de ver fortalecidos os fios já tenues que ligam o São Paulo do tempo dos Filippes ao de Pedro II, surge como thema predilecto em seus escriptos, especialmente em varias cartas que ainda se conservam manuscriptas no Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Em uma dellas, datada de 1851, mostra-se profundamente apprehensivo ante a perspectiva da immigração em grande escala de proletarios alemães, que viriam desnacionalizar e deschristianizar a terra de Santa Cruz. Esse homem, por tantos titulos respeitavel para os paulistas, fugindo ao progresso trazido com a expansão dos cafezaes, abandonou certo dia Campinas, onde residia, para refugiar-se na velha Itu, ainda fiel ao açúcar e á tradição.

Mas essa voz quasi isolada teve pouca resonancia. Na realidade não é tão grande a distancia entre os homens que outrora penetravam o sertão em busca de riquezas e os que agora invadiam o mesmo sertão alargando as fronteiras do progresso. O bandeirismo do ouro e o bandeirismo do café pertencem ambos a uma só familia. E como estranhar esse empenho em ir procurar braços para a lavoura onde quer que existissem, se precisamente tal empenho explica toda a historia

paulista desde meados do seculo XVI, quando Diogo Dias e Affonso Farina iam de São Vicente a Assumpção do Paraguay negociar "peças da terra" com Domingos de Irala? As instituições tradicionaes não vivem apenas de prestigio moral e esthetico. Pretender mantê-las sem um apoio effectivo na realidade é cair em vago e caprichoso formalismo. Itu fez-se o nucleo republicano da provincia quando se viu empobrecida, ao passo que Campinas, cafeira e opulenta, se tornava naturalmente conservadora.

O systema de colonização ensaiado por Vergueiro teve ao menos isto de vantajoso: não fez obra de desnacionalização, não criou kystos raciaes como outras tentaticas emprehendidas em varios pontos do país. E por outro lado animou de uma vida nova extensas regiões ainda incultas ou mal cultivadas. Em Rio Claro os catalogos de industrias e profissões pouco posteriores á época da colonização de parceria assignalam consideravel percentagem de nomes germanicos, que em certos officios chegam a ser maioria. No *Almanaque do Rio Claro para 1873* encontram-se apenas duas pessoas com appellidos portugueses entre os oito alugadores de carros então existentes na cidade. Os outros chamam-se Jacob Witzel, Jorge Helmeister, Mathias Hartmann, Adão Hebling, Mathias Pott e Fernando Harting. Esse exemplo, escolhido entre outros igualmente expressivos, merece attenção particular devido á influencia que os colonos alemães e suiços teriam exercido sobre a technica de transportes no Centro-Oeste de São Paulo. As vezes deparamos coincidencias entre nomes existentes nesses catalogos de industrias e profissões e os de antigos parceiros, que apparecem em relações como a do dr. Heusser, publicada em 1857. E é natural que assim succeda: cessados os contratos com os fazendeiros, muitos colonos iam estabelecer-se nas cidades vizinhas, onde passavam a exercer seus antigos officios e formavam, ao menos de inicio, agglomerações relativamente isoladas, que seriam pouco a pouco absorvidas pelas populações locaes. Assim se deu no caso de Limeira — Rio Claro — Piracicaba, e tambem em Campinas e Jundiahy, como parece indicar, ainda hoje, a existencia dos chamados "bairros alemães" em algumas dessas cidades.

Foi praticamente nulla, por outro lado, a influencia de taes colonos sobre os methodos de trabalho agricola. E' instructivo compará-la, por exemplo, á dos lavradores do Sul dos Estados-Unidos, que immigraram em resultado da Guerra de Seccessão e da victoria do Norte industrial. Posto que bem menos numerosa e de caracter essencialmente diverso, envolvendo mais patrões do que trabalhadores, a immigração desses anglo-saxões teve, sob tal aspecto, consequencias mais ponderaveis. E' que os lavradores norte-americanos vinham de uma terra onde já existia de longa data o systema de plantações, semelhante ao que se praticava entre nós. Traziam comsigo uma experiencia e um espirito progressista que não seriam inuteis em nossas la-



vouras. O ambiente que vinham encontrar não destoava excessivamente do que deixavam atrás e as paisagens ancestraes e familiares quasi se reproduziam no novo meio. Deve-se principalmente ao contacto delles o inicio da mechanização da lavoura, que teve consequencias tão decisivas e perduraveis em nossa economia agraria. Em realidade o emprego de machinas e instrumentos na lavoura do café começou pouco antes da vinda dos agricultores do Sul dos Estados-Unidos, ou seja pelo anno de 1863, mas as vantagens economicas que podiam resultar de tal progresso não se fizeram logo patentes. Referem-nos Campos Sallès que, pouco habituados ao emprego de machinas, os fazendeiros utilizavam às vezes toda uma junta de bois para o manejo de cada instrumento, com resultados frequentemente negativos. Só o exemplo das familias norta-americanas immigradas a partir de 1866, mostrou finalmente que cada instrumento não exige mais de um homem e um animal para todas as operações a que se destina. Em pouco tempo as fazendas paulistas enchiam-se de arados, cultivadores, rodos e grades, tornando-se possivel, de certo modo, uma grande economia de mão de obra, que constitue dos efeitos mais decisivos da mechanização.

E se na technica dos transportes, não menos importante para os trabalhos ruraes, a acção dos alemães e suiços fez-se logo sentir com a introducção de melhoramentos no typo tradicional do carro de bois, não foi menos sensivel a contribuição dos norte-americanos, que divulgaram entre os nossos roceiros o uso dos *trolleys*, meio de transporte rustico e adaptavel aos terrenos mais asperos. Não foi preciso esperar muito tempo para que se estabelecessem entre as cidades e villas nascentes do Centro-Oeste paulista linhas de comunicação servidas por semelhantes vehiculos, verdadeiros precursores, nesse caso, das actuaes *jardineiras*. Sua disseminação como instrumento de locomoção typicamente rural foi intensa e rapida. E para prova de sua popularidade cumpre dizer que encontrou lugar de honra no proprio cançioneiro caipira:

“ Sentado num *troio* d'oro
Com os assento de prata
Eu irei todo chibante
Ver se prendo aquella ingrata. ” (19)

Poupando a mão de obra, a mechanização progressiva da lavoura teria permittido suavizar-se o tremendo problema da falta de braços que Vergueiro tratara de resolver com seu plano de colonização, se a maior expansão da lavoura cafeeira e, durante alguns annos, da lavoura algodoeira, não viessem exacerbar novamente a crise.

Durante muito tempo ainda, pelo menos até iniciar-se a importação em larga escala de italianos, a lavoura do café iria padecer dessa

(19) — Leoncio de Oliveira — *Vida Roceira*, São Paulo, 1919, pag. 46.

crise. Mas a prosperidade da provincia, embora assente cada vez mais na monocultura cafeeira, estava bem assente, e pôde ao cabo triumphar de todos os obstaculos. Fazer derivar essa prosperidade apenas do concurso do braço estrangeiro é por conseguinte inverter a ordem dos factos. O certo é que ella se affirmou de modo definitivo precisamente quando a carencia de braços para a lavoura se tornou mais alarmante. Em cinco annos, de 1863/64 a 1868/69, apesar de todos os contratempos, apesar da guerra do Paraguay, o commercio de longo curso em Santos elevava-se ao triplo, subindo seu valor de 7.712:000\$ para 20.091:000\$. Essas cifras, que foram apresentadas por Sebastião Ferreira Soares em documento onde procura combater o scepticismo então reinante nos circulos financeiros londrinos sobre as vantagens que offereceria o aparelhamento do porto de Santos para corresponder ao progresso da provincia, são um reflexo bem nitido desse mesmo progresso. O proprio Ferreira Soares, resumindo suas conclusões nesse mesmo documento, que aparentemente nunca foi publicado e cujo manuscripto datado de 1871 se encontra hoje na Bibliotheca Nacional, assim se manifesta: "Nenhuma duvida resta portanto de que o commercio maritimo da Praça de Santos tem tido nestes ultimos annos um progresso constante e não interrompido, o qual continua na sua marcha ascendente até o exercicio de 1870/71, como se depreheende dos dados officiaes, ainda não completos, que existem no Thesouro Nacional; pode pois concluir-se que este augmento é devido ao desenvolvimento material que neste ultimo decennio tem tido a provincia de S. Paulo, mais que nenhuma outra do Imperio do Brasil."

IV

Por pessimista que seja nosso julgamento acerca do regime de parceria, tal como fôra concebido por Vergueiro, uma coisa é certa: foi principalmente por seu intermedio que se tornou possível á lavoura paulista admitir o trabalho livre sem passar pelas crises que essa transição iria provocar em outras regiões do Brasil.

E' verdade que para muitos fazendeiros a relação tradicional entre o amo e o escravo tinha fornecido um padrão fixo, inflexivel e insubstituível para o trabalho na grande lavoura; introduzido o colono livre, esse typo de relação não desaparecia de todo, mas evoluia para uma forma de dependencia apenas attenuada. E' verdade tambem que as condições de vida do trabalhador livre não seriam extremamente invejaveis se comparadas ás do escravo. O contrario costuma succeder onde quer que coexistam as duas instituições, e o Brasil não offereceu, certamente, uma excepção á regra. Na comunidade domestica de constituição patriarchal, ainda bem viva durante nosso Imperio, os escravos constituíam uma simples ampliação do circulo familiar, que adquiria com isso todo o seu significado originario e integral, ainda



contido na propria etymologia da palavra "familia". Por isso e tambem por motivos comprehensiveis de interesse economico, o bem-estar dos escravos devia ser mais caro ao fazendeiro do que o dos colonos. Escapava-lhe uma noção rigorosamente precisa e objectiva dos direitos e deveres que implica o regime do trabalho livre, em principio menos organico e psychologicamente menos sentimental do que o da escravidão. Quando se pretendia elogiar as condições de trabalho em determinada colonia agricola, o termo de comparação que occorria era naturalmente uma grande familia. (20) A incomprehensão que taes factos revelam da verdadeira estructura e das finalidades do trabalho livre reflectiu-se em uma serie de incidentes que tiveram sua culminacia na sublevação dos colonos de Ibicaba, a colonia-modelo, em fevereiro de 1857.

Mas não se deve attribuir unicamente aos fazendeiros e aos contratos lesivos a causa do mallogro do systema Vergueiro. Tschudi, juiz consciencioso e que não poupou censuras á administração de Ibicaba e de outras colonias de parceria, julga ao contrario que esse mallogro se deve em grau bem maior aos proprios colonos. E não é muito diverso o juizo que formulou o dr. Heusser, incumbido por varias municipalidades suizas de investigar pessoalmente as condições da colonização de parceria em São Paulo.

No momento em que se registaram os acontecimentos de Ibicaba, as colonias agricolas fundadas na provincia de accordo com o systema Vergueiro empregavam grande numero de braços livres e pareciam offerecer uma solução adequada ao problema da escassez de mão de obra para a lavoura. O mappa que a seguir apresentamos abrange as colonias visitadas no mesmo anno de 1857 pelo desembargador Valdetaro e é reproduzido quasi sem alterações do relatório enviado á Assembléa Provincial pelo presidente Fernandes Torres em 1858. (21)

(20) — Assim se exprime Carvalho Moraes a proposito da colonia Nova Louzã: "E com effeito . . . é mais uma familia do que uma colonia e separa-se dos outros estabelecimentos da provincia por esse lado como pelo systema de trabalho que adoptou." (C. Moraes — *op. cit.*, pag. 85.) A mesma comparação era retomada annos depois por um viajante estrangeiro, que assim se exprimia: "Havia ordem e disciplina, e apesar disso o todo formava uma só familia, cujo chefe como um pae, dirigia tudo com criterio." (Mauricio Lemberg — *O Brasil*, vert. do alemão por Luis de Castro, Rio de Janeiro, 1896, pag. 333. — Os colonos de Nova Louzã eram em sua maioria portugueses e, como todos os immigrantes do Sul da Europa, mais susceptiveis de se accommodarem ao regime de locação de serviços nas grandes fazendas do que os suizos e alemães.

(21) — "Documentos com que o Illmo. e Exmo. Sr. Senador José Joaquim Fernandes Torres instruiu o Relatório da Abertura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 2 de fevereiro de 1858", São Paulo, 1858, doc. n.º 24.

NOMES DAS COLONIAS	TERMOS	PROPRIETARIOS												BELGAS	
		BRASILEIROS		ALEMÃES		SUIÇOS ALEMÃES		SUIÇOS FRANCÊSES		PORTUGUESES		BELGAS			
		Fams	Inds	Fams	Inds	Fams	Inds	Fams	Inds	Fams	Inds	Fams	Inds	Fams	Inds
Senador Vergueiro	Limeira	—	—	51	227	62	267	6	41	55	258	3	23	—	—
Angélica	Rio Claro	—	—	4	20	28	129	—	—	—	—	1	4	—	—
Crescival	Pirassununga	17	88	—	—	—	—	—	—	3	14	—	—	—	—
São Jerônimo	Limeira	—	—	72	306	6	42	—	—	—	—	—	—	—	—
Santa Barbara	Idem	38	203	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Morro Azul	Idem	8	69	1	9	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Boa Vista	Rio Claro	6	39	3	18	7	28	2	10	9	35	—	—	—	—
Biry e Covetinga	Idem	6	26	3	15	22	115	—	—	11	63	—	—	—	—
São Lourenço	Piracicaba	6	26	3	15	22	115	—	—	—	—	—	—	—	—
Boa Vista	Rio Claro	1	3	28	145	28	146	8	38	9	38	—	—	—	—
São João do Morro Grande	Rio Claro	—	—	1	8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Tatu	Idem	2	14	8	34	—	—	—	—	5	23	—	—	—	—
Capitão Dimis	Limeira	—	—	—	—	—	—	—	—	27	108	—	—	—	—
Boa Esperança	Idem	—	—	—	—	—	—	—	—	3	10	—	—	—	—
Bepeta	Campioas	1	6	14	60	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Boa Vista	Idem	—	—	0	45	6	22	—	—	—	—	—	—	—	—
Sítio Novo	Idem	2	11	10	47	7	22	—	—	4	18	—	—	—	—
Sete Quedas	Campinas	—	—	5	24	—	9	—	—	4	19	—	—	—	—
Laranjal	Idem	8	52	8	37	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Boa Vista	Idem	—	—	—	—	—	—	—	—	22	85	—	—	14	61
Soledade (24)	Idem	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Dores	Amparo	—	—	—	—	16	71	—	—	—	—	—	—	—	—
São Francisco	Campinas	—	—	—	—	12	18	—	—	—	—	—	—	—	—
São Joaquim	Idem	—	—	8	36	—	—	—	—	6	25	—	—	—	—
Saoto Antonio	Jundiahy	—	—	—	—	7	34	1	6	1	5	—	—	—	—
São José da Lagoa	Idem	—	—	—	—	—	68	—	—	—	—	—	—	—	—
		89	511	225	1031	212	1000	59	180	160	616	18	88	—	—

(22) No relatório do presidente Fernandes Torres, de que foi extrahido o presente mappa, escreveu-se, por engano, Luciano Ferreira Nogueira.

(23) No relatório lê-se Joaquim Leite de Moraes Cunha.
 (24) "Soledade," e-a o nome exacto (V. Estevam Leão Borroul — *Hercules Florença*, S. Paulo, 1900, pag. 494), que não apparece nem no mappa do presidente Fernandes Torres, nem no folheto já citado do dr. Heusser. O primeiro consigna simplesmente "Florence", como nome da fazenda, enquanto o segundo escreve "Hafen", palavra que em alemão traduz mal o termo "Soledade".

Comquanto nelle não se indiquem todas as colonias de parceria existentes em São Paulo na occasião do inquerito e muito menos o numero exacto de immigrants engajados segundo esse systema entre 1847 e 1857, serve para mostrar, em todo o caso, a importancia adquirida por taes colonias na lavoura cafeeira da provincia.

Nessa lista deixam de figurar, entre outros, diversos estabelecimentos de parceria visitados quasi na mesma occasião pelo dr. Heusser, que os regista em seu relatorio ás autoridades do cantão de Zurich. Nesse caso estão a fazenda de Santo Antonio, de Elias Silveira Leite (Elias Velho), situada nas proximidades de Piracicaba, com cinco familias de suiços alemães e duas de suiços franceses, a de Morro Alto, de José Rodrigues Cesar, com duas familias de suiços alemães, a de Sant'Anna, de José de Camargo Pentead, com duas familias de suiços alemães, as de Francisco Mariano Galvão Bueno e dr. Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda, ambas de Amparo, a primeira com quatro familias de suiços alemães e a segunda com duas de suiços franceses.

Depois da rebellião de Ibicaba, que foi descripta com tanta vivacidade pelo colono Thomas Davatz, cessou quasi bruscamente o engajamento de immigrants para as colonias de parceria. E com isso o regime idealizado por Vergueiro ficou condemnado a desaparecer mais cedo ou mais tarde. Três annos depois, em 1860, ainda vegetavam na provincia vinte e nove colonias baseadas nesse systema. Já em 1870 seu numero estava reduzido a treze, sendo que algumas tinham perdido muito de sua antiga importancia. A propria Ibicaba decaía progressivamente desde a sublevação, ou desde a morte do senador Vergueiro, em 1859. A seu respeito escreviam-se coisas deste teor: "E' a primeira colonia da provincia de S. Paulo em numero de colonos e talvez em abundancia de terrenos; mas em boa ordem, administração e fama, as colonias do senador Sousa Queirós têm a primazia." (25)

Dahi por diante o proposito de collocar o estabelecimento a salvo de scenas semelhantes á de 1857 parecia sobrepor-se a todos os outros cuidados. Ibicaba, que iniciara tão auspiciosamente os esforços no sentido de se harmonizarem as vantagens do trabalho livre com os interesses da lavoura cafeeira, perdia aos poucos o prestígio antigo. Exactamente três decennios mais tarde um viajante estrangeiro, de passagem pela fazenda, assignalava entre seus moradores o costume curioso de celebrarem as sextas-feiras e não os domingos como dia de descanso e de festa. Eram christãos, não muçulmanos, os que assim procediam, obedientes a ordens supremas do proprietario. É a ra-

(25) — Julio de Arouce — "Theatro de S. João na Cidade de Rio Claro" — *Archivo Pittoresco*, vol. IX, Lisboa, MDCCCLXVI, pag. 239.

zão plausível de taes ordens estava na conveniencia de se evitar que os escravos encontrassem companheiros de outros estabelecimentos e trãmassem novo levante. Visando ostensivamente os escravos, a medida affectava, no entanto, todo o pessoal da fazenda. A trinta annos de distancia, o espectro da rebellião continuava a aterrorizar os senhores de Ibicaba.

Mas a experiencia adquirida com as manifestações de descontentamento dos colonos e as graves repercussões que encontraram na Europa, resultando em medidas restrictivas á emigração para o Brasil, não se perdeu de todo. Algumas decisões suggeridas por taes incidentes parecram aos fazendeiros de toda a conveniencia. Aquelles que conservaram o regime de parceria quanto á remuneração dos serviços, trataram de alterar diversas clausulas do contrato primitivo. Outros adoptaram o salario fixo para a cultura do café, effectuando o pagamento após a colheita e a preço fixo por alqueire. Na propria Ibicaba as desvantagens do systema inaugurado em 1847 tornaram-se logo patentes aos responsaveis pela "Colonia Senador Vergueiro" e a parceria foi logo alterada para o systema de locação de serviços. Historiando os motivos que ditaram essa transformação, assim se manifestava em 1874 José Vergueiro: "O colono sempre desconfiado, e portanto convencido sempre que o proprietario o queria lograr, não confiava em nenhuma das operações que eram feitas, como vendas, remessas, peso etc. da parte dos productos que lhe pertencia. Essa desconfiança augmentava; tomava nelle proporções de crença; ainda mais, com as instigações de estranhos que procuravam nessas circumstancias tirar interesse. Falamos de experiencia propria, pois fomos as principaes victimas do que acabamos de expor; e tudo isto ainda mais aggravado pelo espirito mal entendido de diversas nacionalidades, azedado pelos zelos incomprehensíveis." (26)

Na realidade o systema de parceria, tal como o instituiu Vergueiro, excluia a menor parcella de fiscalização do colono sobre as operações realizadas com o café entre a colheita e o ajuste de contas num intervallo que se prolongava por meses. Todo o seu fundamento era assim o vago presupposto — residuo de concepções antiquadas — de uma absoluta confiança do colono em seu empresario. Foi esse, sem duvida, um dos pontos vulneraveis do systema. Aos erros frequentes que se introduziam nos calculos effectuados por directores incompetentes e algumas vezes pouco escrupulosos accrescentavam-se outros motivos importantes para perturbar aquella confiança. Era difficil senão impossivel a um fazendeiro bem intencionado explicar

(26) — José Vergueiro — *Memorial acerca da Colonização e Cultivo do Café apresentado a S. Ex. o Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Agricultura*, Campinas, 1874, pag. 6.

com minucia aos colonos todas as numerosas despesas que implicava necessariamente o transporte de café a Santos. Em 1857 o lavrador paulista devia pagar 7% de imposto geral e 4% do tributo provincial decretado durante a presidencia Saraiva para o café que ia ao mercado, assim como 2\$ por arroba de café transportado em lombo de bestas e mais 40, 60 ou 80 réis ás municipalidades, que quasi todas impunham semelhantes taxas em beneficio de obras locais. Vinte e tanto a trinta por cento do lucro obtido consumiam-se nessas despesas inevitaveis. O restante devia ser dividido com os colonos, se o empresario não se dispusesse a supportar os onus sem partilha. De tudo resultavam queixas constantes, por vezes exaggeradas, mas em alguns casos justas, conforme o demonstram as syndicancias realizadas.

O primeiro cuidado dos fazendeiros foi, por conseguinte, modificar os contratos, abolindo o longo e complicado processo das contas. Em lugar de fazer depender da venda do café no mercado o pagamento ao colono, estipulou-se geralmente um preço fixo por alqueire. Segundo o novo contrato recebiam os colonos os cafeeiros que podiam cultivar sem difficuldade. Terminada a colheita depositavam elles o producto em lugar convencionado e recebiam por alqueire a quantia estipulada, que era de 500 réis em algumas colonias e de 600 em outras. Para seus plantios dispunham, mediante aluguer ou gratuitamente, de terrenos previamente marcados, alugando tambem a preços modicos as casas de residencia, pastos, etc. Foi o que se fez em Ibicaba e tambem em outras fazendas, mas ainda assim sem resultados muito felizes. O proprio José Vergueiro, em seu memorial de 1874 sobre a colonização e o cultivo do café, queixa-se da má-vontade com que os colonos se entregavam aos trabalhos diarios, attentos apenas em tirar para si todo o proveito, uma vez que não tinham esperança de poder considerar algum dia como sua a terra que cultivavam.

Varios proprietarios distanciaram-se ainda mais do primitivo modelo das colonias de parceria e ensaiaram-se assim novos systemas que em muitos casos não deram melhor proveito. Algumas das colonias que não abandonaram o regime antigo caíram em rapido declinio, como a do Laranjal, em Campinas, pertencente a Luciano Teixeira Nogueira, ou a de Boa Vista, em Amparo, propriedade de João Leite de Moraes Cunha. Houve proprietarios que desprezaram quasi por completo a experiencia proporcionada pelo systema Vergueiro e estabeleceram o pagamento mensal ao colono de um salario fixado previamente, além de lhe fornecerem sustento ou terra para a cultura dos mantimentos, exigindo que o mesmo colono se prestasse a fazer todos os serviços da fazenda. Esse typo de contrato, a que se conformavam geralmente os trabalhadores nacionaes, não offerencia muitas garantias ao estrangeiro ignorante das condições reinantes no Brasil e habituado a um padrão de vida relativamente elevado em compara-



ção com o das nossas populações ruraes. Devia repugnar especialmente a suíços e alemães, que forneciam o maior contingente de colonos aos estabelecimentos de parceria. Deu porém bons resultados com trabalhadores portugueses na colonia de Nova Louzã, pertencente ao commendador José Elisiario de Carvalho Monte-Negro. O exito dessa experiencia foi attribuido, é verdade, ao facto do proprietario, português de nascimento, ter podido escolher pessoalmente seus empregados entre camponeses morigerados e de boa conducta.

Não seriam altos os jornaes desses homens e o proprio commendador Monte-Negro argumenta com o principio do ordenado superfluo para mostrar o inconveniente dos salarios muito elevados. Normalmente o immigrante que vencesse 14\$000 por mês poderia em cinco meses saldar a divida contrahida com o proprietario. (27)

Apesar do exito obtido com a colonia de Nova Louzã, o commendador Monte-Negro não teve muitos imitadores. E a razão está não só na alta dos jornaes, que se accentuou sobretudo, com o mallogro do systema Vergueiro em 1857 e com o celebre "rescripto Heydt", pouco posterior, prohibindo a emigração de prussianos para o Brasil, como na circumstancia de serem os portugueses, de resto pouco propensos ás actividades agricolas, quasi os unicos immigrantes que se sujeitavam de bom grado ao regime dos salarios. Durante longos annos foi quasi impossivel aos fazendeiros obterem mão de obra na Alemanha e na Suíça, os países que se tinham mostrado mais accessiveis antes do regime de parceria cair em descredito. Ainda em 1873 o visconde de Indaiatuba tentou em vão fazer vir certo numero de familias do Holstein para sua celebre colonia de Sete Quedas, mas foram inuteis os esforços nesse sentido, taes os empecilhos oppostos pelo governo alemão. Recorreu-se por algum tempo aos tyroleses e aos italianos do Norte. Em alguns casos recorreu-se tambem a immigrantes já installados em Santa Catharina ou mesmo nas republicas do Prata. Todavia deve ter sido mais consideravel do que o fazem crer as estatisticas officiaes o numero de immigrantes que affluiram para São Paulo vindos directamente da Europa e em particular da propria Alemanha. Assim é que, segundo taes estatisticas, entraram nada mais do que 83 immigrantes, sem distincção de nacionalidades, durante o anno de 1871. A verdade é que segundo informações dignas de fé apenas na já citada colonia de Sete Quedas entraram em principios desse anno dezeseis familias trazidas do Holstein pelo proprietario do estabelecimento, num total de 107 pessoas. (28) Faltam-nos

(27) — João Elisiario de Carvalho Monte-Negro — *Colonias Nova Louzã e Nova Colombia — Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Presidente da Provincia, São Paulo, 1875.*

(28) — V. Campos Salles — "Colonia Sete Quedas", in *Almanaque de Campinas para 1872, anno II, Campinas, 1871, pag. 91.*

assim dados absolutamente exactos para julgar do numero de colonos que serviram nas fazendas de café em São Paulo antes de iniciar-se em rythmo regular a immigração italiana. No anno de 1887 calculava A. W. Sellin em 12.000 ou 15.000 os alemães estabelecidos então na provincia, e nesse total entrariam muitos dos trabalhadores introduzidos pela companhia Vergueiro. (29)

Comquanto essas cifras dêem, quando muito, uma idéa apenas aproximada e talvez exaggerada dos factos, o certo é que não deixam de merecer interesse, tendo-se em conta que, além dos portuguezes e nacionaes, foi sobretudo entre alemães e suiços que se recrutaram os trabalhadores livres para a lavoura do café quando esta começou a ganhar incremento na provincia. Apesar das medidas restrictivas da immigração para o Brasil, adoptadas a partir de 1859 pelos governos germanicos, não cessou de todo a onda de colonos alemães destinados a São Paulo e a outras provincias. Mas ella estava longe de attender ás necessidades do momento e os fazendeiros paulistas tiveram de esperar mais quinze ou vinte annos por uma nova raça de trabalhadores mais em correspondencia com suas necessidades.

Praticamente extincto em sua forma primitiva, o systema ideado por Vergueiro continuou a influir directa ou indirectamente sobre as varias formas de organização do trabalho rural adoptadas durante essa pausa. Alguns dos traços dominantes do systema chegaram a incorporar-se, de certo modo em caracter definitivo, ao regime das fazendas de café, servindo para suavizar a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Podem ser lembrados, entre outros, a situação de independencia dos colonos em tudo quanto diz respeito á sua vida domestica, seu emprego quasi exclusivo na colheita do café; sua faculdade de dispor dos generos alimenticios que produza além do serviço nos cafezaes, e de auferir lucros da venda desses productos. Todos esses traços, já apontados em 1870 por Carvalho de Moraes como caracteristicos do systema de parceria, mantiveram-se e deram beneficios, mesmo quando abandonado o systema. E' indiscutivel que, encarado sob esse aspecto, o plano Vergueiro foi extremamente fecundo, e como tal merece ser estudado com toda a attenção e enaltecido. Quanto á sua applicação pratica, ella pode ser e tem sido discutida de varios pontos de vista, tão varios quanto os interesses que pôs em jogo. Mas essa mesma variedade encerra para nós uma vantagem preciosa, servindo para dar realce aos problemas culturaes, sociaes e economicos, que ficariam obscurecidos, em muitos pontos, se nos fossem propostos sob uma forma unilateral e incolor. Ella faz fixar melhor as divergencias, medir, calcular seus motivos, ajudando a não

(29) — *Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul para o anno de 1888*, Porto Alegre, 1887.

aceitar sem critica as opiniões parciais. E' dessas opiniões que se faz a historia em grande parte e a historia do Brasil em quasi tudo. Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escripta. E' preciso fazer falar a multidão immensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da historia e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a historia. Exercício difficil e cheio de seducções perigosas, onde faltam pontos de apoio seguros, pois levará facilmente a aceitar seus resultados como a unica verdade digna de respeito. Seria difficil, por exemplo, imaginar-se a escravidão no Brasil descripta do ponto de vista de suas victimas, se estas tivessem voz articulada, e não do ponto de vista dos escravocratas, dos governos, dos abolicionistas... Mais difficil, porém, seria acreditar que para muitos essa descripção, se existisse, não passaria a valer por si, constituindo materia-prima de apologias ou de invectivas.

Para o caso das colonias de parceria, que floresceram em meados do seculo passado, temos um depoimento dessa natureza. No livro de Thomas Davatz, hoje publicado em traducção brasileira, o historiador futuro terá um elemento imprescindivel para o estudo do trabalho agricola em São Paulo durante a época do Imperio. E' inutil insistir muito na intenção polemica em que foi composto. Livro de partido, mas tambem livro de boa-fé, elle é a expressão e o prolongamento da vida de um pobre colono perdido num mundo hostil ás suas aspirações. Consideradas nesse aspecto é que as memorias de Davatz poderão ser apreciadas em seu justo valor.

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA



ROSARIO

*E eu que era um menino puro
Não fui perder minha infância
No mangue daquela carne!
Dizia que era morena
Sabendo que era mulata
Dizia que era donzella
Nem isso não era ella
Era uma moça que dava.
Deixava... mesmo no mar
Onde se fazia em agua
Onde de um peixe que era
Em mil se multiplicava
Onde suas mãos de alga
Sobre o meu corpo boiavam
Trazendo á tona aguas-vivas
Onde antes não tinha nada.
Quanto meus olhos não viram
No céu da areia da praia
Duas estrellas escuras
Brilhando entre aquellas duas
Nebulosas desmanchadas
E não beberam meus beijos
Aquelles olhos nocturnos
Luzindo de luz parada
Na immensa noite da ilha!
Era minha namorada
Primeiro nome de amada
Primeiro chamar de filha
Graude filha duma vacca!
Como não me seduzia
Como não me allucinava*

*Como deixava... fingindo
Fingindo que não deixava!
Aquella noite entre todas
Que cica os cajus! travavam!
Como era quieto o sossego
Cheirando a jasmim do Cabo!
Lembro que nem se mexia
O luar esverdeado
Lembro que longe, nos longes
Um grammophone tocava
Lembro dos seus annos vinte
Junto aos meus quinze deitados
Sob a luz verde da lua.
Erqueu a saia de um gesto
Por sobre a perna dobrada
Mordendo a carne da mão
Me olhando sem dizer nada
Emquanto jazente eu via
Como uma anemona n'agua
A coisa que se moria
Ao vento que a farfalhava.
Toquei-lhe a dura pevide
Entre o pêlo que a guardava
Beijando-lhe a coxa fria
Com gosto de canna-brava
Senti á pressão do dedo
Desfazer-se desmanhada
Como um dedal de segredo
A pequenina castanha
Gulosa de ser tocada.
Era uma dança morena
Era uma dança mulata
Era o cheiro de amarugem
Era a lua côr de prata
Mas foi só aquella noite!
Passava dando risada
Carregando os peitos loucos
Quem sabe p'ra quem, quem sabe!*



*Mas como me perseguia
A negra visão escrava
Daquelle feixe de aguas
Que sabia ella guardava
No fundo das coxas frias
Mas como me desbragava
Na areia molle e macia!
A areia me recebia
E eu baixinho me entregava
Com medo que Deus ouvisse
Os gemidos que não dava!
Os gemidos que não dava
Por amor do que ella dava
Aos outros de mais idade
Que a carregaram da ilha
Para as ruas da cidade
Meu grande sonho da infancia
Angustia da mocidade.*

São Paulo — 1-11-1940.

VINICIUS DE MORAES



A PHILOSOPHIA ACTUAL: ITINERARIO PARA O ESPIRITUALISMO

Após um periodo de materialismo, que prevaleceu no principio do seculo passado, surgiu uma viva reacção espiritual, com o espirito da restauração catholica e o eclectismo em França, com Galluppi, Gioberti e Rosmini na Italia, e com os successores de Kant na Alemanha.

Já na segunda metade do seculo, resurge pujante o materialismo, favorecido pelo positivismo e pelos exaggeros do idealismo hegeliano. Com o descredito da metaphysica e o progresso das sciencias experimentaes, dominou em grande parte nas escolas philosophicas, apenas parcialmente vencido pela reacção neo-criticista, iniciada por Lange na Alemanha e Renouvier em França.

Inglaterra e Alemanha foram os focos deste surto materialista. Os nomes são conhecidos: Vogt, Büchner, na Alemanha; Huxley, Tyndall, na Inglaterra; na Italia, Moleschott e Mantegazza.

Novo subsidio ao materialismo trouxe o evolucionismo de Lamarck, Darwin, Hæckel. O positivismo tem por si, na Inglaterra, Stuart Mill, Bain, Spencer. Floresceu na Italia; e mesmo nos ultimos decennios do seculo parece a philosophia dominante. Seu principal representante é Roberto Ardigó (1828-1920).

Na philosophia contemporanea, pondo de parte as questões sociaes, verificamos que o problema do conhecimento é o que mais preoccupa os meios philosophicos: fruto da influencia de Kant, que domina toda a philosophia dessa época. A attenção de muitos philosophos tambem se volta para a philosophia das sciencias, o problema religioso, a historia. Aquelle, vemo-lo sobretudo na Alemanha; os demais na França, na Inglaterra, na Italia.

No intuito de apresentar o pensamento não-escolastico dos ultimos tempos escolhemos para isto alguns nomes em evidencia em França. Chamando a attenção para o ambiente positivista, materialista, que se nos depara na Europa, no principio do seculo, parece-nos merecer reparo como é diversa a orientação da philosophia moderna.

F R A N Ç A

Na segunda metade do seculo XIX desfralda-se em França a bandeira do positivismo. Discipulo de St.-Simon, que fôra o criador da palavra, Augusto Comte encabeça o movimento; continuam-no seus discipulos mais ou menos heterodoxos Littré, Taine, Berthelot, que dão ao positivismo sua orientação definitiva. É a divinização da sciencia, arvorada em religião, cujos dogmas essenciaes são o determinismo, o naturalismo, o relativismo, o racionalismo. As admiraveis descobertas scientificas, por exemplo, de Claude Bernard em physiologia, de Pasteur em biologia, rasgam seductoras perspectivas; os positivistas aventureiros sonham maravilhas:



o triumpho da doença, da velhice, e mesmo da morte; vêem proximo o dia em que a sciencia responderá positivamente a todas as questões.

Irrompem por todos os campos do conhecimento ensaios que se dizem scientificos: de moral positiva, de moral biologica, de philosophia biologica, de politica positiva, etc.

Este movimento, que se chamou scientista, encontra para logo adversarios que, isolados ou em escolas, abrem em suas fileiras largas brechas, obrigando-o por fim á rendição. Assim, os eclecticos, discipulos ou continuadores de Victor Cousin, exaltam os valores espirituaes. Émile Saisset, Jules Simon, Caro proclamam a necessidade de um absoluto, inculcam uma causa intelligente criadora do mundo, e defendem uma crença em Deus. E não se contentam com atacar os inimigos, mas tomam-lhes as armas, descobrindo, como Paul Janet e Caro, que, quer queiram quer não, o materialismo e o positivismo admittem elementos espirituaes sob os nomes de forças e qualidades.

Outros pensadores não filiados a qualquer escola batem-se contra o determinismo e mostram a contingencia ao lado da necessidade. É o caso de Charles Secrétan (1815-1895) e Jules Lequier (1814-1862), propugnando a liberdade; de Augustin Cournot, defendendo a contingencia nos phenomenos, o principio espiritual da vida, e rehabilitando o finalismo.

Bem mais profunda, neste sentido, a influencia de Charles Renouvier (1815-1903), que viu agrupar-se em torno a si um certo numero de discipulos e pôde tornar-se o chefe duma escola: a neo-criticista. Por mais de vinte annos dirigiu a revista *Critique Philosophique*, á qual ajuntou em breve a *Critique Religieuse*, destinada a propagar o protestantismo.

Partiu de Kant, mas para corrigi-lo e ultrapassá-lo. Reconhece, como o mestre, que o conhecimento não vae além do phenomeno, mas rejeita o *noumenon* de Kant, a coisa em si. Nos phenomenos há todavia um elemento formal que vem de nós: são as categorias, as leis necessarias ao exercicio do pensamento, que se reduzem todas á relação.

Além da idéa da relatividade são fundamentaes, na sua philosophia, as de crença e de liberdade; o conceito de finito se identifica com o de determinado, de perfeito, e portanto de real. O infinito é uma contradicção. O mundo é a expressão de um conjunto de consciencias ou pessoas cujo principio é uma pessoa suprema: Deus. Este Deus é finito como as coisas; sua finalidade é unicamente proteger a ordem moral.

As reacções isoladas contra o scientismo são reforçadas no fim do seculo com mais coherencia por espiritos jovens e vigorosos que se desligam de seus mestres, os eclecticos, e reformam totalmente a doutrina espiritualista.

O iniciador da nova corrente é Felix Ravaisson (1813-1900), que em 1867, quando a metaphysica está em descredito por toda a parte, prevê a formação dum realismo espiritualista. Na vintena de annos que se seguem, Lachelier, Routroux e Bergson virão confirmar a sua previsão.

Esta philosophia se proclama philosophia da vida e a idéa de vida é caracteristica sua. Para Ravaisson impossivel é reduzir tudo a elementos materiaes, a um mecanismo cego; a verdadeira existencia é a da alma; ser é viver, e viver é pensar e querer; o bem e o bello explicam o universo e o Criador; a natureza não nos apresenta senão limitações, mas há um absoluto e um infinito que consiste na liberdade espiritual; a liberdade é assim a ultima palavra das coisas e sob todas as desordens que agitam a superficie da terra, há no fundo a graça, o amor, a harmonia na verdade eterna e essencial.

Jules Lachelier (1832-1918) pode ser considerado o segundo dos iniciadores deste movimento: é idealista kantiano. As leis do pensamento

são as leis do ser. A idéa de ser e de verdade se põe por si mesma, e se afirma, mesmo se a negam, pois então se afirma ser verdade que ella não existe. Combate o determinismo, restaurando o valor da causa final, fundamento da inducção scientifica. Em psychologia defende a unidade da alma e a multiplicidade das faculdades.

As partes são para o todo. O mecanismo não se comprehende senão por e para uma finalidade; esta mesma é subordinada a um principio superior: "A mais alta questão da philosophia, talvez mais religiosa que philosophica, é a passagem do absoluto formal para o absoluto real e vivo, da idéa de Deus a Deus." "Si le syilogisme y échoue que la foi en coure le risque; que l'argument ontologique cède ia place au pari." É sem duvida uma profissão de fideísmo, mas tambem prova que se dá conta de que a sciencia não pode responder a todas as questões, sobretudo ás do destino.

Émile Boutroux (1845-1921). — Ataca a concepção cientista do mundo, de Spencer e Büchner. Com seu cunhado H. Poincaré e Duhem, prova que tudo não deriva necessariamente das leis mais abstractas, como as da logica e da mathematica, mas que cada sciencia accrescenta um elemento de contingencia ás que a precedem na ordem de simplicidade. No mundo não reina, por conseguinte, a necessidade, e as leis da natureza não se bastam a si mesmas, mas exigem causas que as dominem, causas que são uma potencia de criação e de mudança, uma espontaneidade que desce de Deus mesmo.

O homem é livre e o seu principio vital não é susceptivel de medida.

A sciencia não se oppõe à religião, mas conduz a Deus. A conciliação entre as duas não virá de concessões mutuas, mas de um aprofundamento. A sciencia é apenas uma expressão provisoria e subjectiva da realidade. Entretanto, diz Boutroux, "uma explicação positiva e absoluta não pode deixar de existir. Disto nos persuade a sciencia, que ao mesmo tempo verifica sua impotencia em no-la fornecer.

Henri Bergson (1859) é um philosopho cuja doutrina exerceu e exerce ainda enorme influencia sobre o pensamento contemporaneo.

É tarefa difficil expor em poucas linhas sua doutrina de modo que permitta um paralelo com o thomismo. Profundas e radicaes são as divergencias entre a philosophia do ser e a do *fieri*; não há negar, entretanto, que Bergson tenha realizado um trabalho de sapa de grande valor para o thomismo, arruinando as theses deterministas e materialistas do ultimo seculo e "professando sob muitos pontos doutrinas que um philosopho christão poderia fazer suas sem perigo" (Régis Jolivet). Sua acção determinou um movimento que ultrapassa a materialidade de suas doutrinas e a muitos pode permittir lançar ferro no porto em que elle mesmo não conseguiu ancorar.

Um poivilho de suas theorias para amostra. O centro de sua doutrina, di-lo elle mesmo, é a "intuição da duração".

A duração, porém, não é quantidade, mas qualidade, é irreductivel á materia e ao espaço.

Bergson acceta a critica de Kant no que se refere ao conceito abstracto e a toda a logica que a philosophia antiga construiu sobre elle. O conceito é, para elle, uma caricatura da realidade, que é concreta, organica e eminentemente movel, e é peio contrario substituida na metaphysica do conceito, por um eschematismo vazio, feito de substancias estaveis, heterogeneas. Para Bergson, o erro de Kant foi não considerar um outro meio legitimo de attingir a realidade: é a *intuição*, i. é, a mesma actividade espontanea do espirito, que toma consciencia de si. E os resultados deste novo meio de conhecimento do real são os seguintes: a duração é



irreductível á materia e ao espaço; o fundo das coisas é um continuo *fieri* de natureza vital, e mais ainda consciente (*élan-vital, courant-vital, pensée-action*); o nosso espirito é a manifestação mais alta desta corrente, que se desenvolve em direcções diversas (donde a variedade das coisas) num movimento continuo de ascensão. As vezes choca-se com um obstaculo: então recae e resolve-se em passividade; assim temos a materia que é essencialmente estavel, ao passo que o espirito é vida e liberdade radical. Ora, a vida é criação: não uma fabricação determinada pela idéa de um fim a realizar, mas uma iniciativa, um esforço contra a crystallização material. Assim, retomando a sua ascensão através da passividade da Materia, a corrente vital produz a Organização, o Instincto, a Intelligencia.

O mundo é regido por uma finalidade que é a identidade de impulso de todos os seres: impulso criador que suscita perpetuamente imprevisíveis novidades. Mas que é este impulso? É immanente ou transcendente? Logicamente, parece, dever-se-ia responder que é immanente, i. é, que Deus, a realidade fundamental, fonte e origem de tudo, não é outro senão o mesmo "élan vital" que se faz. Como, de facto, um Deus transcendente poderia ser attingido pela intuição como a entende Bergson? Mas contra a qualificação de monismo dada por Tonquédec, em 1912, á sua philosophia, Bergson defende-se numa carta em que lhe escreve: "nos *Essais sur les données immédiates de la conscience* focalizo a liberdade; em *Matière et Mémoire* provo a realidade do espirito; na *Évolution créatrice* mostro um Deus criador e livre, gerador da materia e da vida; e isto é, parece-me, a refutação do monismo e do pantheismo."

Mas muita ambiguidade resta nalgumas paginas suas, e apesar de certos meios catholicos quererem baptizar suas doutrinas, os três primeiros livros de Bergson foram postos no Indice em 1914.

Hamelin e Brunschwig. — Outra é a direcção philosophica de Hamelin e Brunschwig. Espiritualistas ambos, mas idealistas. Octave Hamelin (1856-1907) é neo-criticista e prende-se a Renouvier, seu mestre. Professa um idealismo dialectico, construindo, á Hegel, o espirito e o mundo, a partir do conceito de relação. A personalidade é uma synthese da causalidade e da finalidade. Do homem passa-se a Deus não por um processo dialectico, mas por uma exigencia de perfeição; Deus é livre, criador e providente.

Leon Brunschwig (1869) diz-se religioso, mas é nitidamente antichristão. Deus se identifica com a consciencia racional; é a raiz dos valores que todas as consciencias reconhecem igualmente. Mas, pelo menos, é espiritualista; depois de Bergson já não é airoso empunhar em França o galhardete do positivismo.

Maurice Blondel (1861) é um dos mais caros discipulos de Ollé-Laprune. Para este, que é ainda do seculo passado, o grande problema é o do destino do homem, mas do homem integral, no seu pensamento e na sua acção. Por isto, e tambem porque a verdade não se pode apprehender apenas com a razão, mas reclama o homem todo, para comprehender, segundo toda a força da palavra, é preciso amar, eu diria que Ollé-Laprune por assim dizer se caracteriza (embora não com toda a exactidão) como o "Hominem et Deum scire cupio" e "credere est cum assentione cogitare" de Santo Agostinho.

Blondel aprofunda ainda mais o problema da vida e do destino. A acção não é um simples gesto exterior; tem uma significação muito complexa: "é o que envolve a intelligencia, precedendo-a e preparando-a, seguindo-a e acompanhando-a até a sua perfeição."; pode ser tambem a "encarnação de uma idéa" ou "a realização do pensamento no que elle



tem de mais universal e eterno: a contemplação é a acção por excellencia" (l'Action); a acção se impõe ao Homem. Mas qual é a sua raiz e o seu fim? Nosso querer é maior que nosso poder; dahi um desequilíbrio que a acção tende a desfazer, e ella cessaria se o conseguisse. A vontade é infinita nos seus desejos, e experimenta insatisfação no contingente: a sciencia, a acção individual, social, moral, não conseguem saciá-la; ella se subordina a uma ordem superior, a uma verdade sobrenatural: ao christianismo integral.

Não nos parece ouvir Santo Agostinho a dizer: "Domine, fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te"?

Esta these foi um acontecimento (estamos em 93). Dum lado os racionalistas accusam-no de attentar contra os direitos da razão; doutro, os catholicos bradam que o sobrenatural, sendo pura graça, não pode ser postulado pela natureza. Defende-se Blondel: "o homem não pode por si mesmo elevar-se a uma ordem sobrenatural; tampouco pode exigir essa elevação; mas é apto a ser elevado, desde que a intelligencia e a vontade transcendam os limites da natureza, por serem facultades de todo o intelligivel e de todo o appetecivel."

Analysando o pensamento, o philosopho descobre em toda parte o antagonismo de duas forças oppostas, que buscam unir-se sem jamais conseguí-lo plenamente: o geometrico e o qualitativo, o "noetico" e o "pneumatico", a unidade e a multiplicidade, o abstracto e o concreto, que, por sua synthese, abraçariam todo o real. E esta heterogeneidade suscita no homem a possibilidade ou mesmo a intervenção de uma liberdade, de uma opção em presença de termos contrarios.

Laberthonnière (1860-1932) exaggera certas tendencias blondelianas e mereceu por isto as atenções da Congregação do Indice que incluiu no seu catalogo varias obras do escriptor. Com suas doutrinas se apparentam as de Edouard Le Roy (1870). Como Poincaré e Pierre Duhem, faz critica das sciencias. Como philosopho contribue para divulgar as idéas de Bergson, cuja philosophia applica expressamente ao problema de Deus. Seu pensamento não parece ainda crystallizado; é mais ou menos agnostico, mas repetidas vezes tem dado explicações que attenuam seu agnosticismo.

E vão querer demonstrar a existencia de Deus pelos processos da antiga logica conceitual. Deve-se admittir a Deus porque a affirmação da sua existencia está contida na mesma affirmação da realidade, que é progresso, ascensão, caminho da perfeição.

Mas Deus, assim affirmado, é transcendente? Admitte-o Le Roy, mas sem deixar, sob outro aspecto, de Lhe affirmar a immanencia: é immanente tanto quanto a realidade já se tornou em nós e no mundo um infinito *fieri*, o que conduz a uma concepção pantheista que identifica Deus com a mesma realidade fundamental, que constitue o mundo. Le Roy tentou tambem a applicação do bergsonismo aos dogmas do christianismo.

Ao nome de Blondel devemos juntar o de Victor Delbos. Este, a principio, reprochou a Blondel o não satisfazer bastante as exigencias do racionalismo, mas emfim, imprimindo embora ao seu pensamento um character pessoal, adheriu á doutrina de Blondel, mais bem explicada e comprehendida.

Gabriel Marcel partiu do neo-hegelianismo para attingir o realismo que actualmente professa.

O ponto de partida da metaphysica é a existencia. Um acto de confiança na existencia e a affirmação da indubitabilidade desta é a raiz mesma da arvore ontologica. O sinete desta indubitabilidade não se imprime, entretanto, sobre a existencia em geral, nem sobre um sujeito, mes-

mo individual, que a existencia affectaria como predicado, senão sobre uma experiencia global, que apresenta como indissolúvel a unidade da existencia e do existente.

Esta unidade não pode no entanto ser considerada como um dado no sentido estricto, pois isto implicaria a necessidade de assentar, de inicio, a legitimidade de sua objectivação.

E' inilludível, porém, a exigencia, que apresenta a philosophia moderna, da posição do problema ontologico, O mesmo idealismo é disto prova interessante: quer ser objectivo, faz um enorme esforço por uma completa objectivação. (1) É impossivel alijar de nós a interrogação sobre o problema do ser que existe no intimo do nosso proprio eu. "Necessario é que exista o "ser" [de l'être], que tudo não se reduza a um jogo de apparencias successivas e inconsistentes...; deste ser, desta realidade, avidamente aspiro a participar de alguma forma. e pode dar-se mesmo que esta exigencia já seja participação em certo grau." (*Positions et approches concrètes du mystère ontologique*, pag. 261).

G. Marcel distingue aqui o problema e o mysterio. O problema pertence ao campo do "extra me" e revela a scisão de sujeito e objecto, scisão que um systema de equivalencias tenta attenuar scientificamente, por uma technica abstracta apropriada. No "ego sum", pelo contrario, o "ego" é inseparavel do "sum"; o "sum" é a affirmação inicial dum todo indecomponível que se confunde com o mesmo todo e se apresenta como experiencia da integração do "ego" na existencia.

Ao me interrogar sobre mim mesmo, não posso permanecer fora do problema do meu ser: é-me, pois, impossivel cōsiderar-me como objecto duma predicação que me seria tributada pela existencia. É preciso, pois, que de certo modo eu seja minha propria affirmação e participe da affirmação do ser que se põe por si mesma e em virtude da dialectica concreta immanente ao ser.

A posição do "ego sum" na existencia situa meu conhecimento além da esphera do problematico, no puro meta-problematico ou (no mysterio, pois desde que me embrenho, na minha totalidade de ser, no problema do meu ser, transponho minha situação problematica anterior, vou além do dado primitivo, pois coincido com este mesmo dado, ou inversamente, este dado constitue uma só coisa com o meu conhecimento. O meta-problematico, ou o mysterio, não é pois o incognoscível, mas é o resultado dum acto positivo e rigoroso de affirmação.

Com esta concepção do meta-problematico, estabelece-se o primado do ser sobre o conhecimento e a metaphysica passa a assentar-se sobre um realismo inabalavel, em que o ser não é affirmado mas se affirma, e cuja justificação se funda sobre um modo ineffavel e mysterioso de participação do ser.

A participação (concreta, não abstracta) é, pois, o centro da ontologia existencial de Gabriel Marcel.

Cada vez que conheço, interno-me no objecto a conhecer; é-me pois impossivel considerar o objecto como um espectáculo: "O problema da genese do eu e o da genese do universo são um só e mesmo problema, ou mais exactamente um só e mesmo *insolúvel*, estando esta insolubilidade ligada á minha propria existencia, ao facto metaphysico radical desta existencia." (*Être et Avoir*, pag. 23). O mysterio do eu e o do mundo são um só e o mesmo, a saber, o mysterio da existencia. O mundo e eu (i. é, a realidade) são, pois, mysterios, e intelligíveis somente como taes. Mais

(1) V. Aimé Forest — "L'exigence idéaliste de la philosophie contemporaine", *Rev. Néo-Scholastique de Philosophie*, t. 37, pag. 29.

ainda, o mysterio da existencia é inseparavel do do conhecimento da existencia, e talvez lhe seja fundamentalmente identico.

Que relação existe, pois, entre conhecimento e ser? "O pensamento não é relação consigo mesmo", mas é "autotranscendencia por essencia". O pensamento se refere necessariamente ao "Outro" (l'Autre).

Mas este outro é o ser? A justificação desta equivalencia parece bastante confusa.

Marcel professa luminosamente o theismo e o antiidealismo. Justificando o realismo, escreve: "Não consistiria a solução em estabelecer a omnipresença do ser e o que chamarei, Impropriamente, talvez, a immanencia do pensamento ao ser, i. é, e ao mesmo tempo a transcendencia do ser ao pensamento?" Ora "pôr a immanencia do pensamento ao ser é reconhecer com os realistas que o pensamento, desde que exista, se refere a algo que o transcende e que elle não pode pretender reabsorver em si, sem trair sua verdadeira natureza." (*Être et Avoir*, pags. 36-49).

Gabriel Marcel não perscruta entretanto o conceito metaphysico do ser enquanto significa ao mesmo tempo essencia e existencia actual e possível, mas orienta-se para a precisão phenomenologica, em que o ser que é um com o existir, apparece prenhe de realidade, mas na ordem do particular, do ser contrahido pela existencia. Para reencontrá-lo como participação, na sua pureza ontologica, na sua universalidade analogica primitiva, faz-se mister um acto de purificação metaphysica.

O ser torna-se pois *um ser*. Pensar o ser é diferente de pensar em *um ser*; no primeiro caso considero uma estrutura ou uma essencia despersonalizada; no segundo estabeço entre mim e este ser uma communhão, uma intmidade em que attingo espontaneamente o ser em que penso. (*Ib.*, pag. 35).

Para sobrepujar o dualismo de sujeito e objecto, Marcel parte do empirico como de campo raso, que é necessario percorrer para alcançar o real e o existente concreto; mas para um realismo que visa o existencial, é mister saltar no trampolim da metaphysica e attingir "algo de inalteravel".

Como attingir este inalteravel? Donde partir para attingi-lo? E' necessario partir do ser mesmo, do "compromisso" para com Deus (de l'engagement envers Dieu).

A Fidelidade é o caminho, a solução proposta por Marcel; ella include um certo permanente, ontologico, não uma essencia, mas um *quid* ontologicamente concreto.

Pelo facto mesmo do meu compromisso, estabeço entre mim e o objecto uma relação de caracter especial que Marcel chama relação ao "toi": eu lhe sou immanente dalgum modo ao passo que elle me transcende. (*Journal Métaphysique*, pags. 137 e segs.).

Sem apontar distinctamente os motivos, G. Marcel rejelta energicamente um universo em que o "toi" fosse radicalmente eliminado. Seus escriptos suggerem que essa concepção se choca não só com a experiencia espiritual, mas ainda com a experiencia bruta que nos entra pelos sentidos (v. g., *ib.*, pag. 305).

Marcel, como Santo Agostinho, entremeia suas considerações philosophicas de exemplos e considerações de ascetica e da Sagrada Escripura. Ora é a reflexão sobre a santidade que constitue "a verdadeira introdução á ontologia", ora o martyrio como typo de testemunho, ora passagens do Apostolo das Gentes.

Um dos aspectos da fidelidade é o testemunho. pelo qual, affirmando o ser, o affirmante se afirma tambem a si mesmo. Pisamos terreno de experiencia interna, em que, recolhendo-nos em nós mesmos, esquecemos

nossa própria vida para nos pormos em contacto com nossas bases ontológicas, e nos descobrimos disponíveis para com os outros seres.

O testemunho, entretanto, não tem sentido de realidade senão no amor, campo em que desaparecem as fronteiras entre o "in me" e o "extra me". É a fidelidade considerada sob seu aspecto mais fecundo: a disponibilidade em relação ao ser que se afirma. (*Positions et Approches*, pag. 269).

O testemunho tem grande valor ontológico, não porque se refere ao ser afirmado, mas ao que se afirma. Quando entro em mim mesmo, afim de ir além do acto pelo qual me affirmo, descubro que o meu eu que affirma é infinitamente nullo deante da afirmação: esta afirmação do ser não lhe pertence, como não lhe pertence o seu ser que se afirma. "A palavra de S. Paulo — "vós não vos pertenceis" — tem aqui seu sentido ao mesmo tempo ontológico e essencialmente concreto. (*Être et Avoir*, pag. 274). A infinita disponibilidade para com o ser nos põe no caminho real do amor e do segredo do nosso destino, que é a participação do ser.

O amor é opposto ao desejo; elle "gravita em torno duma posição que não é a do eu, nem a do outro emquanto outro; é o que eu chamei o *toi*." (*Ib.*, p. 293). A disponibilidade é em nós essencialmente activa; no dynamismo do nosso impulso para o ser ella se traduz em esperança ou vontade de afirmação do ser. "A esperança archetypico é a esperança da salvação." (*Ib.*, pag. 116). Ella é não somente "uma protestação ditada pelo amor", mas tambem "uma especie de appello, de recurso apaixonado a um alliado, que é, elle mesmo, amor."

Uma dialectica ascendente do amor que se estenda ao mesmo tempo á realidade e ao ser que a apprehende, que renuncie á distincção entre exterior e real, e transforme e sobreleve a substancia do nosso ser que se ache-ga a este real, será a mola duma ontologia susceptivel de transpor humilde-mente os umbraes do mysterio do meta-problematico, e, emfim, da nossa existencia.

Louis Lavelle. — Timbra em não ser um innovador; o seu philosophar é uma meditação pessoal sobre os velhos themas da philosophia perenne. Ataca o phenomenismo e restitue á realidade a Deus e á natureza.

A metaphysica busca um principio, "o acto, que gera tudo o que podemos ver, tocar ou sentir, que não se trata de conceber, mas de pôr por obra, e que pelo bom ou mau exito de nossas operações explica ao mesmo tempo a experiencia que temos sob os olhos e o destino que nos podemos traçar." (*Dialectique de l'éternel présent — De l'Acte*, pag. 9). A experiencia deste acto, a consciencia do meu proprio eu tem valor universal, pois me permite transpor meus proprios limites.

"O ser do mundo consiste num acto que se vae preenchendo eternamente", e nós "participamos da operação pela qual elle não cessa de se fazer." (*Ib.*, pag. 163).

Esta consciencia da participação nos revela ainda uma inspiração, nos revela a Fé: "É Deus mesmo presente á consciencia." (*Ib.*, pag. 160).

A philosophia parte da experiencia "da minha presença activa a mim mesmo"; é indubitavel o facto de "minha propria inserção no mundo".

E' necessario considerar o absoluto. A fonte da alegria que dá sentido á vida, está em salvar a autonomia do individuo, sujeitando-o ao Infinito, ao Absoluto, cuja abundancia sobrepuja nossa capacidade de desejar.

O acto, o tempo, a alma, a sabedoria contém em si a essencia da philosophia, de toda philosophia, da "perennis philosophia", essencia que Lavelle quer expor. (*La dialectique de l'éternel présent — La présence totale*).

No presente ao qual estamos presos, patenteia-se o Acto eterno, o Acto puro. A verdade e a illusão, a natureza e a alma, a sciencia e a fé são modos oppostos, mas complementares de sua fecundidade. E' a presença total, universal e indefectivel do ser, presença cujos aspectos desabrocham em alegria. Na metaphysica não há decepções. O sentido da vida é marcha certa para a felicidade. A philosophia impõe confiança nos nossos destinos.

O infeliz é o que se isola, se fecha em si mesmo, se separa do mundo e dos seus semelhantes. E' mister, pelo contrario, pôr-se no mundo e descobrir cada vez mais a immensidade do real. Nós somos uma parcella do real que é sustentada e não esmagada pelo todo em que vive. No universo há um só ser, que, participante ou participado, é o mesmo em toda parte; há um só acto que se exerce ora em nós, ora sem nós. Se fugimos ao mundo, ao conhecimento do ser, nossa vida não tem sentido, somos tristes espectadores dum mundo illusorio; há atrás deste um mundo real, mas nós perdemos o contacto com elle, tornamo-nos pobres scepticos, sem esperança nem confiança. Numa palavra, eu diria, somos metaphysicamente psychasthenicos: perdemos o contacto com a realidade do ser.

O ser não é um simples dado ou verificação de experiencia, mas impõe-se por si como valor em si, absoluto e infinito. Nelle, o pensamento e a acção encontram sua raiz e seu valor.

Só Deus é "Aquelle que é". Nós somos participação do ser. O ser total não é uma consciencia; é um acto, sem limites de estado ou de objecto. O Ser puro, o Acto puro que é indivisivelmente transcendente e immanente, é a vida da consciencia.

A experiencia, em nós descobre estados e, fora (de nós, objectos. A consciencia une a fonte e o objecto; torna possivel a união dos seres particulares na unidade do universo. Em cada ponto e a cada instante ella accusa a presença da totalidade do ser, do acto universal; este, porém, não é puro objecto de conhecimento, mas é tambem da fé, da vontade: a generosidade do nosso esforço aquilata o nosso amor.

Nossa consciencia não é meramente espectadora, mas revela-nos o nosso interior e, portanto, o interior do ser total, ao qual ella é consubstancial; se permanecemos nelle, asseguramos nosso destino eterno. Somos partes, não fora do todo, mas nelle, com uma certa independencia, entretanto. O Acto puro, liberdade pura, cria actos, liberdades.

O instante é a encruzilhada do tempo e da eternidade; nelle o real toma para nós forma sensivel; a materia apparece e desaparece. Pois que cada consciencia possui valor absoluto, no tempo e pelo tempo constituimos nossa essencia não-temporal.

Se o homem pensa poder criar o mundo, é porque deixa de o ver, porque foge delle. O ser não é apenas um dado, existe por si mesmo. Está presente a si mesmo, e presente a nós, como nós a elle. Mas para que exista, faz-se mister sua omnipresença e para isso requer-se que cada um de seus elementos, envolvido na objectividade do todo, por seu turno envolva o todo subjectivamente. A presença pura do ser deve fazer uma só unidade da subjectividade do objecto e da objectividade dum sujeito universal, que comprehende e funde todas as consciencias particulares.

Dahi a reciprocidade do universo e do eu. Estar presente a um phenomeno é ser espectador e espectaculo ao mesmo tempo, i. é, é representar-me alguma coisa e tomar parte na representação.

A existencia precede e sobrepuja a opposição de sujeito e objecto, que não é nem primitiva nem irreductivel. O ser é dom de si a suas partes; é acto e se faz participar. Para permanecer univoco, é preciso que, realizando-se, constitua em si uma infinidade de nucleos de existencias inde-



pendentes, nas quaes está presente como Acto puro. O ser total é a condição actual da presença de seres particulares. E' a unidade perfeita e a perfeita totalidade, que não é a somma das partes ou o conjunto das consciencias. E' um acto omnipresente, que, sendo tudo, não é nada de particular.

René Le Senne. — Seguindo a corrente antiidealista moderna, parte da experiencia. A Philosophia não pode deixar de considerar os obstaculos, os soffrimentos, as crises, os maus exitos da vida. A experiencia da contradicção abre as paginas da sua philosophia.

Negativamente a philosophia se caracteriza pela ausencia de methodo. O methodo é um modo de restringir a experiencia, de lhe não considerar senão o aspecto favoravel a um temperamento intellectual ou a uma technica. Ora, a philosophia, que é a sciencia do espirito, não pode se sujeitar a uma technica.

Seu dominio é o da experiencia. Esta abarca o ser, o nada, o transcendente, o individuo. Ella comprehende ainda a multiplicidade e a unidade. A multiplicidade, pois não há um dado unico e estavel, um dado absolutamente primo; com effeito não há dado que resista ao nosso esforço de redução. A multiplicidade acarreta a unidade, que é o elemento de um todo. A unidade é tambem totalidade que impõe ordem á multiplicidade. E' sob este aspecto que o objecto nos apparece. A percepção no-lo apresenta como coisa separada das outras, coherente e impenetravel. A intelligencia decompõe-no em partes que em seguida integra por operação inversa. Assim unidade e multiplicidade são solidarias.

A unidade de experiencia será um ser que concilie existencia e objectividade.

A estas condições satisfaz o Eu ("Je", não o "moi", eu). O Eu é a unidade de uma pessoa, ainda não degradada em eu (moi), que autoriza todos os conteúdos. E' uma existencia aberta a todas as especificações do saber e a todas as provas da vida, e assim pode denominar-se "unidade ideo-existencial".

O Eu não é senão um ideal e um vertice. Nossa vida decorre entre a gloria do Eu que se desenvolve em soberana liberdade e a miseria do eu opprimido pelo objecto. Mas basta que o atinjamos por momentos.

Deus o anima, mas delle não se distingue. Estão ambos unidos na existencia e Deus só se tornará objecto para a consciencia quando o Eu se tiver degradado em eu.

Para a consciencia espontanea (Eu), não há tempo. "Elle vive com a historia, sem jamais estar atrasado ou adeantado em relação a ella." (*Obstacle et Valeur*, p. 133).

A analyse scientifica não é senão um instrumento ao serviço do Eu, ou melhor do eu, pois que a sciencia se move no campo da objectividade, isto é, desde que o Eu, abandonado pela espontaneidade, se limita por um organismo, se converte em eu e se distingue do universo, que elle já não anima. Com effeito a espontaneidade não dura indefinidamente; a liberdade do Eu desaparece deante do mal-estar que annuncia a emergencia dum obstaculo. O reconhecimento deste inaugura o advento do eu.

O Eu se dissocia em eu e não-eu. O não-eu é hostile, e o eu, antes de o assimilar a si pela sciencia, delle depende. Sujeito significa submisso, e a distincção sujeito-objecto apenas intellectualiza esta humilhação do eu.

Mesmo na perturbação provocada pelo obstaculo, o Eu vae além do objecto. Sentir-se limitado, é já, pelo pensamento, transpor o limite. A experiencia do obstaculo comporta, pois, algo mais que a simples verificação duma determinação: este algo é o *valor*, que já se revela no obstaculo e accusa sua secreta cumplicidade com o eu.

Por esse aspecto o valor se assemelha ao Eu. O Eu recebe do valor uma infinitude que o identificaria com Deus, se elle não se definisse precisamente pela oscillação entre a limitação do eu e a illimitação do valor.

Deus é o valor mesmo, e quando cedemos á attracção do valor, participamos da existencia divina. E' o que explica, ao mesmo tempo, nossa grandeza e nossa impotencia. Emquanto o eu acceta seus limites, faz parte do mundo; emquanto os repelle ou os tem por provisorios, se achega á vida de Deus. O obstaculo, subdividindo o Eu, dá-lhe a consciencia de sua verdadeira condição, que é estar no cruzamento da determinação e do valor.

Objectivamente, a ruptura do Eu origina o valor e a determinação: é a *disjunção*; subjectivamente, origina o eu e Deus: é a *difracção*.

Deus é immanente ao Eu, mas deste se distingue, pois o Eu é indifferente ao proprio conteúdo e se define simplesmente como união do ideal e da existencia; participa do valor, mas redu-lo a existencia. Deus é a personalidade Absoluta, o Valor infinito, absolutamente puro. E' da essencia de Deus ser inacessivel a nós; só nos poderíamos confundir com Elle perdendo nossa natureza de seres finitos. O pantheismo aniquilar-nos-ia numa indistincção que seria o triumpho da determinação e a morte do valor; pois este não existe senão quando cria existencias.

A existencia do homem é incomprehensivel sem Deus, e a sua negação acarreta sempre a immortalidade. O homem, surdo ao apello do Valor, inventa valores nos moldes da determinação, e diviniza todos os seus instinctos. Dahi procedem todos os egoísmos. A aventura do eu sem Deus termina na incoherencia e na guerra. Por outro lado, a idéa de Deus sem nós não é senão uma ficção-limite que, no desespero em que a alma se isola, lhe torna a existencia inintelligivel e convida-a a buscar-lhe a fonte; ja a confiança que succede ao desespero inaugura um reergulmento. Supprimir a relação de Deus connosco é supprimir o valor, pois este só existe emquanto cria. O agnosticismo, desterrando Deus para um "in se" inacessivel, é o melhor alliado do atheismo. "Deus é Deus connosco ou não é Deus." (*Obstacle et Valeur*, p. 236).

Entre a ficção-limite do eu sem Deus e a ficção-limite de Deus sem nós desenvolvem-se a vida e a moralidade humanas.

O mundo é obra da collaboração de ambos. Elle seria melhor se nossa limitação de seres finitos permittisse mais que uma perfeição relativa, e se nosso egoismo não paralyssasse, a cada passo, a generosidade divina.

Pierre Lachlèze-Rey é idealista. De sua doutrina pode-se ter uma vista de conjunto na obra *Le Moi, le Monde et Dieu*.

Eu. — Em toda a representação há dois aspectos a considerar: ella é um acontecimento e apresenta uma estrutura. O primado cabe ao segundo aspecto, á estrutura. Ora, toda a estrutura não só revela essencialmente o poder de construcção do sujeito, mas ainda não pode ser senão uma unidade de emprestimo tomada a outra unidade constituinte e organizadora, que é o poder constructor da mesma consciencia. Esta estrutura nos esclarecerá sobre a natureza do nosso proprio espirito e não sobre a do objecto.

Há entre esta actividade constructora e seu principio de orientação, sua lei, perfeita continuidade. Ora, toda lei é eterna, e reciprocamente só a consciencia de que podemos reproduzir indefinidamente uma construcção nos assegura seu valor eterno, sua reproductibilidade universal. Universalidade ou eternidade são sinetes de operação constructiva espiritual. Assim, pois, tomando consciencia da eternidade das leis estruturales, certificamos de que o eu constructor pertence á ordem do eterno.

E' claro que o Eu, sujeito propriamente constructor, não está no tempo nem no espaço. Emquanto é verdadeiramente sujeito, o Eu constitue o tempo e o espaço, no qual elle apparece a si mesmo emquanto objecto.

Apesar da autonomia de sua actividade constructora, o Eu é obrigado a constituir o tempo e temporalizar-se. E', pois, limitado na sua autonomia constructiva. O Eu é eterno, mas não necessario, nem na sua existencia, nem na sua essencia. Ademais o espirito percebe organizações semelhantes á sua, mas que elle não estruturou. Conclue, pois, que há individuos que se lhe assemelham, portanto elle é limitado, uma vez que a multiplicidade é indice de limitação. Ainda limita-nos a necessidade da sensação, como base indispensavel da nossa actividade organizadora.

A explicação destas limitações, busca-as Lachièze-Rey numa consciencia superior, num pensamento estranho, que collabora com o nosso para nos dar o mundo dos sentidos.

O Mundo. — Este mundo é um ente ideal, e não algo "in se". Não que seja puro phenomeno, pois participa de algum modo da perennidade das leis estruturales a que obedece sua organização.

Para provar que os objectos não são realidades, faz resurgir as antinomias de Kant, das quaes a principal, a mais decisiva, é a do determinismo da sciencia e da liberdade moral. Num mundo de coisas em si não haveria lugar para a autonomia do espirito, unico principio de vida espiritual e moral.

O mundo do sentido commum pouco muda, porque responde apenas a problemas suscitados pelos sentidos do homem. Muda, porém, o mundo da sciencia porque os progressos desta apresentam-nos objectos de sensações indefinidamente renovadas em sua natureza e ordem de grandeza. Dahi sempre novas hypotheses explicativas, que não só não são necessariamente verdadeiras, mas nem sequer devem ser objectivamente compatíveis entre si. A verdade scientifica exige apenas "a harmonia com as leis da nossa actividade espiritual e com as sensações cuja coordenação se quer obter".

E' claro que a sciencia não se pode substituir á metaphysica; ella nunca resolverá "os enigmas do universo, nem dará jamais cabal explicação do mais ligeiro phenomeno".

Deus. — Os philosophos que põem como destino do Eu a só consciencia da sua autonomia e o exercicio indefinido de sua potencia constructora, coroam em geral o idealismo pelo pantheismo. Superior ao eu da minha consciencia, mas em estreita continuidade com a mesma, há um espirito infinito, caracterizado por uma autonomia (que embora do mesmo typo que a nossa, é mais radical que esta), da qual a nossa não é senão limitada manifestação.

A razão que adduzem é o facto de que nossa autonomia, limitada sempre em suas manifestações, se reconhece em todo acto espiritual subordinada a uma legislação eterna, que lhe confere a necessidade e a universalidade.

O eu seria, pois, limitada e ephemera manifestação dum principio transcendente. Ora, isto importa reduzi-lo a mero estado temporal, a um "hic et nunc", contradicção flagrante com a eternidade propria, a anterioridade em relação ao tempo e ao espaço, que lhe foi atrás reconhecida.

A solução para o destino do homem é a existencia dum Pensamento perfeito, plenamente consciente e *pessoal*. Deus é infinito, e providente em relação ao homem. Faz-se, pois, mister uma moral baseada na razão, e mais ainda uma religião, um commercio de amor reciproco entre Deus e o homem.

Ao lado desta volumosa corrente espiritualista, serpeia a modernista de Sabatier, Loisy, etc... E' uma philosophia religiosa dominada pelo prin-

cipio de immanencia que quiseram imputar a Blondel e ao qual Laberthonnière não soube fugir. Pio X condemnou este agnosticismo religioso e este racionalismo na sua encyclica *Pascendi* (S., 65 a 70).

Como vemos, já bem longe estamos do tempo em que a sciencia queria "organizar Deus" (Renan), e em que a deusa Humanidade se assentara no throno da Razão. E' verdade que há ainda um Abel Rey, e outros mais. Entretanto é innêgavel que a orientação da philosophia francesa é francamente espiritualista.

HENRIQUE FRANC S. J.

INDICAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS

Além das obras citadas no texto, ler-se-ão com proveito alguns artigos em:

Revue Néo-Scholastique de Philosophie: 1932-1934 a 1937, 1938.

Revue Thomiste: 1939.

Rivista di Filosofia: N.º 4, 1938 ("Verso una nuova metafisica?" — Emilio Morselli).

E mais as seguintes obras de conjunto:

Histoire de la Philosophie, Emile Bréhier, Tome II, IIIème. partie, Alcan.

La Philosophie chrétienne de Descartes à nos jours, Joseph Souilhé, S. J., II, "Les temps modernes".

Breve corso di Storia della Filosofia, Prof. Giacinto Tredici, Libr. Ed. Fiorentina Depositaria.



O CONTO BRASILEIRO

TATI, A GAROTA

Onde há crianças, reina a idade de ouro.

NOVALIS

ANNIBAL Monteiro MACHADO é mineiro. Nasceu em Sabará, a 9 de dezembro de 1895. Estudou as primeiras letras em casa, e passou no Rio boa parte de sua infancia. Feito, em Bello Horizonte, o curso secundario, veio estudar Direito na capital do pais, passando-se no 4.º anno para a Faculdade mineira, onde se bacharelou. De intensa bohemia o periodo academico. Formado, collaborou, sem assiduidade, em jornaes de Bello Horizonte, casou-se, foi promotor publica em Ayuruoca (1921), onde leccionou Historia da Civilização. Em 1924 transferia-se para o Rio, como promotor adjunto, sendo dois annos depois nomeado official de gabinete do ministro da Justiça. Permaneceu no exercicio dos dois cargos até 1928, quando deixou o primeiro para leccionar Historia da Literatura no Collegio Pedro II. Demittiu-se de tudo em 1930, e depois de um mau periodo de chômage, foi nomeado serventuário da Justiça.

Collaborou e collabora, de raro em raro, nos melhores jornaes e revistas do pais. Contista, ensaista e critico. Não há feito de querer publicar um livro.

Vendo que era mesmo impossivel, Tati desistiu de pegar o raio de sol estendido no chão. Os dedos feriam a terra inutilmente: o reflexo não tinha espessura.

Seu capricho agora era com a agua. Queria ver se retirava ao menos um pedacinho do tanque, mas o liquido suspenso em suas mãos vira uma coisa diferente que se desmancha logo, scintillando entre os dedinhos. E na superficie do tanque não ficava a menor cicatriz!...

E' a primeira vez que Tati brinca com a agua com intenção de agarrá-la, de descobrir-lhe o mysterio. Fica tão absorta, que os appellos "Anda, Tati! Larga isso, menina!", que vêm da janela, nem chegam a seus ouvidos.

Logo depois, começa a ventar. Mas, com o vento era diferente: Tati já sabia que nunca se deixa agarrar nem ver, embora viva sempre em toda parte dando demonstrações de sua presença. Esse vento!...

Antes de subir, joga apressadamente agua em si mesma, borrifando-se no rosto, no vestido, como mulher que se perfuma.

Chegando a noite, Manuela atirou-a á cama, sem responder a algumas perguntas que lhe fez a filha, sempre intrigada com a agua. Debaixo das cobertas, ainda fez os ultimos pedidos: um carrinho e um patinho igual ao que viu nas mãos de outra criança.

— Esse menino que tinha patinho, não sabe, mamãe? comia cada bombom que só você vendo!... O papel era uma belleza! Aqui, eu acho que todo mundo come muita bala tambem...

— Dorme, Tati.



— Aqui é bom.

— Dorme...

O mar seria visto em toda a sua extensão se não fosse o arranha-céu. Os outros personagens da vida de Tati, as amiguinhas do suburbio, de onde a mãe se mudara, baralharam-se-lhe aquelle momento na memoria. Uma porção de crianças sumindo-se na pocira, na neblina, dentro da noite... Quem mais necessitava do somno era a costureira. Exhausta, só no dia seguinte trataria de pôr em ordem o aposento. O bairro era outra coisa agora, bem differente de há seis annos atrás, quando costurava para uma familia rica, já gravida de Tati. O rapaz se casara e partira para a Europa. Para que pensar em coisas tristes?...

— Mãe, esse barulho é mar, não é?

— E'. Não tenhas medo, não; dorme...

A mãe se enganou. Tati não estava com medo; estava era louca por que o dia amanhecesse depressa e ella pudesse correr até á praia, chegar bem perto das ondas. Enquanto a mãe dormia, Tati, ainda acordada no quarto escuro, sentia estar num lugar differente, muito longe de tudo. Os trens do suburbio não passavam ali. Ouvia-se tanto e tão perto o mar que, na escuridão, parecia que o quarto navegava...

Quando, na manhã seguinte, a menina abriu os olhos, uma faixa de sol cortava ao meio o corpo da costureira. Tati ficou esperando que ella acordasse. Em vez de despertá-la directamente, começou a fazer barulho, como se fosse sem querer. As perguntas a fazer-lhe estavam se accumulando na sua impaciencia. O corpo de Manuela dividia a cama em duas metades, como uma muralha branca. Tati imaginou que o outro lado seria o melhor; deu uma cambalhota e passou-se para o outro lado. Gostou e riu. Quis repetir o salto e transpôs novamente a collina de carne no valle da cintura — Ih! esta mãe não acorda. Era grande sua mãe. Como ella começasse a despertar, Tati se alvoçou, agarrou-se a seu rosto, aos beijos, cascadeando phrases e perguntas:

— Mãe, você pode ter um filho patinho?... Eu já acordei, já fui até lá longe, no fim do corredor... Essa casa é engraçada. Deixa eu ir ver o mar agora?

Logo depois, a figurinha da criança se perdia entre as pernas dos pescadores de arrastão.

O bairro tinha agora mais aquella garota. Pediam-lhe cachos de cabello, mexiam com ella, davam-lhe restos de frutas na quitanda. Duas vezes, a mãe pensou que ella tivesse sido raptada. Os motoristas do "ponto" levavam-na como mascote. A costureira, a principio, se assustava, depois se habituou.

— Olha, se foges para o meio do arrastão, os pescadores um dia te pisam, te botam no balaio, pensando que és peixe.

Tati está ouvindo com attenção. Ser jogada no balaio, de mistura com os peixes! — "E depois, mãe?" — "Depois... elles te vendem aos fregueses." A garota, emocionada, agora, sente-se vendida. Estava quasi a chorar, imaginando o seu destino: cortada, frita ou cozinhada, explicou-lhe a mãe. — E servida, depois, nalgum pastelão ou *mayonnaise*, você vae ver. Os gritos de dois garotos na calçada interromperam sua angustia. Tati desce depressa, aos trambolhões. Lá de baixo ainda faz uma pergunta. — Não vou ser vendida, não! não é, mãe?

Era a hora combinada para uma concentração de bonecas num lote vazio. Chegaram algumas crianças timidamente, cada qual sobraçando uma boneca pavorosa. Tati, a mais despachada, ia-as collocando de maneira a que formassem uma grande familia. As bonecas de pano, pretinhas, se misturavam, no terreiro, com as brancas, de louça, com as índias e mulatas de palha de milho. Uma menina, que se conservava longe, agarrando a sua, acabou adherindo. Mas, a que ficou solitaria, no sexto andar do apartamento, apenas olhava, cheia de inveja. Debaxo, as crianças gesticulavam para ella:



— Vem brincar, também, boba! Vem!

A ama, quando a mamãe saíra a passeio á cidade, tinha ordem de não deixar. A garota estava loucá de vontade. Um moleque que apreciava a festa de longe, gargalha:

— Olha aquelle lá, sem cabeça! Que gozado!...

Era o Gerê, guilhotinado o anno passado numa janela. Esse boneco não devia figurar no meio dos outros. Mas Tati tinha-lhe uma estima particular. Sujo, esventrado, arrastado pelos cachorros, tantas vezes encharcado pela chuva e salvo da lata de lixo, Gerê vinha tendo quasi a mesma idade e era o companheiro inseparavel de Tati.

— Espera ahi, que vou buscar a cabeça delle! — disse Tati, correndo.

Não achou a cabeça. Na janela do apartamento, a menina solitaria exhibia uma boneca maravilhosa, que seria a rainha no meio das outras, se descesse. A menina parecia tão immovel e bem vestida que não se distinguia bem qual das duas era a boneca. Tati, ao voltar, explicou que Gerê era assim mesmo: de vez em quando, caía-lhe a cabeça; as pernas, as tripas, já foram mudadas.

— Vocês não estão vendo este braço aqui? Pois foi mamãe que botou. Mamãe vae dar agora um bebê de verdade. Quando papae chegar, elle vae collar a cabeça.

— Você tem pae?

— Tenho, uai! Tenho até muitos...

As crianças se riram, Tati ficou desconcertada.

— A gente tem um pae só, boba!

Tati ficou imaginando que ter mais de um, ter muitos, era até mais vantajoso. Mas as crianças continuavam a rir. Então, pensou Tati, com certeza era porque só se podia ter um pae só... e o della, nesse caso, devia ser quem? O seu Vicente, com certeza, que a levou a Nictheroy tantas vezes, que lhe compra brinquedos, que a acompanhou á Feira de Amostras, — o melhor lugar que já viu no mundo... Mas ficou um pouco hesitante. Parecia-lhe que a mãe lhe havia dito, há muito tempo, que o pae tinha viajado, — viajado ou morrido, não se lembrava bem. Outros pareciam pae, mas desapareceram logo, Tati se esqueceu delles. Um, com quem sympathizara, que passara com ella num domingo, já era pae de outra menina, estava occupado. Precisava, entretanto, arranjar pae, cada amiguinha tinha o seu, que era visto todo dia saindo cedo e voltando com embrulhos, com certeza de bombons. Ficaria então sendo o seu Vicente mesmo, nome que lhe acudira assim de momento.

— Eu acho que meu pae é o seu Vicente... disse, sem convicção.

As crianças sorriram.

— Então você não sabe quem é seu pae?... Que é isso?...

Apertada pelas perguntas, Tati achou melhor correr para casa. Sua mãe é que devia saber tudo. Ao passar debaixo do arranha-céu, recolheu maravilhada uma caixa vazia de bombons que atiraram lá de cima. Pediu á mãe os esclarecimentos. Não comprehendeu nada, mas ficou satisfeita.

— ...Emfim, teu pae, não sei se voltará, disse-lhe Manuela. Também para que ter pae?

— As outras usam, mamãe...

— Tua boneca não tem pae, tem? Então?...

Não importava. Tati deixou cair uma cortina sobre esse mysterio. Mas devia ser aquillo mesmo: boneca não precisa ter pae... Tinha mãe, que era ella, Tati.

A' porta parou uma garotinha sobraçando Gerê e Carolina, os dois bonecos que ficaram esquecidos no brinquedo. Carolina apresentava uma inchação no braço: — "Acho que foi escorpião que mordeu elle, lá no mato, mamãe. Eu posso ir na praia?" "Quando nenen nascer, eu levo elle lá para brincar commigo. Você deixa, não deixa, mamãe? Carolina também vae." Uma hora depois

Tati voltava em pranto, toda suja de areia, indignada com um avião que passou baixinho por ella, quasi lhe levando a cabeça.

— Garanto que fôí de proposito, mamãe. Garanto... Eu xinguei elle e elle voltou com mais raiva ainda.

Contou então que ella e a pretinha, quando perceberam o avião voltando, se haviam deitado na areia; pois o bicho ainda esvoaçou mais abaixo, em cima dellas, como um gavião enorme. — Uma coisa medonha, mamãe!

••

Horas monotonas, depois que todas as amiguinhas seguiram para a escola. Que fazer? Ninguém quer brincar. Não há ninguém para brincar. A filha do tintureiro não se mexe, quasi nem fala. E' com a pretinha Zuly que Tati se arranja. Já plantaram feijão e milho na areia. Feijão e milho de verdade. Tati deseja tambem ir para a escola, carregando a maleta cheia de objectos. Aliás, a escola tinha menos importancia, o principal era a maleta com os objectos. Fica horas rabiscando á porta de entrada, aprendendo sozinha. Começa a conceber uma carta para o bebê que ia nascer. Queria dizer-lhe que viesse depressa, o novo bairro era uma maravilha, o mar pertinho mesmo. Às vezes, á sua maneira, cantava o "*ouviram do Ypiranga*" e se imaginava na escola. — Vae chamar mamãe, disse-lhe uma freguesa ao chegar á porta.

— Não posso.

— Uai! Você é tão boazinha! Vae.

— Você não vê que estou trabalhando!

Ficou seria. Depois de algum tempo, levantou para a desconhecida o papel:

— Vê se saiu algum negocio ahi. A mulher finge ler alto qualquer coisa na folha rabiscada. Tati se levanta, exclama exaltada: — Pois é isso mesmo que eu tinha escripto! E logo depois, subiu ao primeiro andar: — Mamãe, eu aprendi sozinha a escrever. Sabe como é que a gente faz? A gente esfrega bem o lapis no papel, esfrega bem, e prompto! Sae logo uma coisa; lê isso aqui.

A mãe sorri, olhando para o papel. Depois pergunta: — E esses rabiscos?

— Isso é o Brasil... A menina tomou-lhe de novo a folha e, deitada ao chão, continuou rabiscando: — Mamãe, acho que tem uma moça chamando você lá em baixo... — Por que não me disse logo? — Mi esquici.

Tati só deixava de ser alegre quando estava dormindo. Mesmo assim, se tocassem nella, a garota sorria. E amanhecia sempre rindo, como o sol. Quando lhe perguntavam por ella, a mãe respondia: — Sei lá! Anda por ahi pulando... As pessoas da vizinhança assustavam Manuela: — "A senhora ainda perde sua filha. Esses *chauffeurs* não têm entranhas, os caminhões são mafucos!" Que podia ella fazer? Não tinha quem tomasse conta da filha. Prendê-la, impossível...

Tati brincava sempre na calçada do lado esquerdo do arranha-céo. O lado milagroso. Era de lá que caíam os objectos. Depois que descobriu esse segredo, a menina passava horas ali na expectativa. Entravam muitos embrulhos no edificio. Tati imaginava que lá dentro se passava muito bem. Uma especie de paraíso. De vez em quando descia uma nuvem de papeis multicores que ella apanhava depressa, maravilhada. Sempre do lado esquerdo. Uma mulher loíra, que devia ser uma fada, tinha mania de jogar fora objectos de pouco uso. De proposito já atirou aos pés de Tati uma bonéquinha e um vidro vazio de perfume. Certa vez, a garota entrou em casa com um porta-seios amarrado á cinta. Tinha-o encontrado num capinzal do outro lado do arranha-céo. Achou exquísito que aquillo houvesse chamado a attenção de todo mundo. De outra feita, appareceu com uma seringa de borracha, mas sua mãe lhe arrebatou immediatamente.

te das mãos o estranho objecto. Tati ficou sem comprehender. Sua mãe era formidável, mas tinha muita bobagem. Que é que tem seringa?...

Já há muito não cae nada do lado esquerdo. Com certeza a fada se mudou. Emquanto espera o vulto de cabelleira loira, joga amarelinha com a preta. Avista o Pão de Açúcar e diz pulando na corda: — “Eu vou lá um dia.” Olhando para o setimo andar: — “O arranha-céu hoje está ruim. Quando eu subir o Pão de Açúcar, vou jogar pedra nos navios que passaram em baixo; tem um homem que largou mamãe e que foi-se embora num navio...”

Não caía mesmo nenhum brinquedo do arranha-céu. O calção de Tati secava-lhe no corpo e do mar ventava frio. No dia seguinte, ainda voltou na esperança de encontrar alguma coisa. Mas não podia olhar para cima, para o apartamento da fada, que a cabeça lhe doía. Uma vizinha gritou para Manuela que viesse depressa carregar a criança. Se não queria vê-la morta. A portuguesa da quitanda tapava a cara para não presenciar o esmagamento.

— Parece até criança enfeitada...

Mas os motoristas faziam a curva com agilidade, os pneumáticos cantando, e Tati continuava dormindo no asfalto, quasi no meio da rua. Manuela desceu, arrecadou a filha. A menina estava febril, respirava mal. Mudaram-lhe a roupinha, limparam-lhe a cara.

Dessa vez, não achou sabor no passeio de omnibus. Mal teve tempo de agarrar Carolina no tumulto da saída. Foi levada num turbilhão para a cidade. Apearam-na, metteram-na num elevador, tudo num turbilhão. Num turbilhão foi embrulhada num lençol, deram-lhe injeções, arrancaram-lhe as amígdalas. Dias depois, mal pôde recordar o que lhe succedera. Só se lembrava de dois brutos de avental que a agarraram, do sangue que saíra pela boca e avermelhava a bacia. Não comprehendia como é que sua mãe, tão poderosa e tão boa, houvesse consentido em tamanha estupidez. Ficou resentida durante dias, sofrendo ás vezes; mas, com os sorvetes successivos que a mãe lhe dava, convenceu-se que ella continuava a ser a mesma. Narrava com orgulho a outras crianças a proeza em que estivera mettida.

— Você agora não saía de perto de mim, ouviu? Tati acceitou. Com a condição de ganhar mais sorvetes. Seu lugar ficou sendo a janela. Passava horas quietinha lá em cima, espiando a vida. Que graça tinha aquillo? Domingo paul Viu uma onda enorme crescendo para se arrebentar na praia. — “Mamãe, chegou agora uma onda do tamanho do arranha-céu. Eu pensei que ella fosse levar a nossa casa...” Continuou espiando. Não acontecia nada, não passava ninguém. De repente, observou: — “Mamãe, subiu um homem de preto!...”

A costureira nada respondia, mais attenta ao rumor intimo de seus pensamentos do que ao barulho da machina e á voz da filha. O tempo passava. O tédio pesava. Até o mar parecia dormir. Tati tambem quasi dormia no parapeito. De novo a voz della: — “Mamãe, mamãe! Desceu outro homem de preto...” Fez uma pausa. — “Isso é engraçado, não é?”

Manuela, com o pensamento longeo. A machina parou o movimento. A costureira agora se assusta, porque os gritos que vêm da janela são fortes. — Mamãe, mamãe!...

— Que é, minha filha? Que foi?... Manuela receava que a menina estivesse a precipitar-se. Entrou atemorizada no aposento. — Mamãe, perguntou-lhe Tati, baixando a voz, quando é que eu vou ficar grande?...

— Assustando sua mamãe!...

Da janela, apontando para os horizontes do mar, pedia explicações:

— P’ra lá, o que é que tem?

— E’ o mar ainda. — E depois?

— Depois, é a Africa. — E p’ra lá?

— P’ra lá é a Tijuca.

- Não! Eu pergunto p'ra lááá o que é que vem?
 — Ah! minha filhinha, não sei não, sua mãe tem mais o que fazer.
 — E p'ra lá? — insistiu ainda, virando-se para outro lado.
 — E' o resto do Brasil. Depois é a America do Norte.

Com ar de interpeção:

- E o mundo mesmó, onde é que fica?
 — Uai, bobinha, o mundo é isto tudo.

O que Tati queria fazer se não estivesse presa, era abrir um tunnel na areia, brincar de casinha, e depois subir o elevador do arranha-céu para ver melhor o mundo que Manuela lhe estava explicando. Mas sua mãe estava ruim aquelle dia, prohibiu tudo e agora jogou-a na cama. Sem acção, sem somno, começa a imaginar e faz perguntas: — Mamãe, filho de elephante já sae daquelle tamanho? Por que é que bicho não fala, hein?... Você não sabe o Zequinha? Elle é moleque mesmo... Outro dia elle quis suspender a minha saia, eu dei um socco nelle. Eu tambem tenho muque, não tenho, mamãe? Quem tem mais muque que eu sei é o seu Vicente, mas o muque de Popeye ainda é muito maior... O muque de Deus então nem se fala, não é, mamãe?...

Era o defeito de sua mãe, reflectia Tati: quasi não conversava. Conversava com gente grande e só bobagens. Saltou no collo della. Era quente esse collo.

Tati esperava amanhecer para se dirigir ao mar. O mar estava sempre em seu pensamento, deante do olhar ou nos ouvidos. Louca por elle. Respeitava-o como á sua mãe. Ambos eram até parecidos, não sabia bem por que. Grandes, poderosos e macios, podendo enraivecer de repente, podendo matá-la se quisessem. Misteriosa, sua mãe era tambem, mas perto della, como agora, Tati se sentia abrigada, ao passo que o mar era terrivel, oh! terrivel...

— Não brinca muito longe de casa, recommendou-lhe Manuela, quando o sol do dia seguinte clareou a praia. A criança respondeu que tinha pensado num brinquedo muito bom para não ir longe — o de horta. Num canto do terreiro abriu com a pretinha uns buraquinhos, atirou dentro grãos de milho e feijão. Uma empregada da lavanderia disse que dava. Os dias iam passando.

— Quando ocê for na cidade ocê me leva, mamãe.

Delicia era ver as vitrines. A principio, Tati queria possuir tudo o que apparecia nellas. Custara a comprehender como é que as pessoas não furtavam aquellas maravilhas. Agarrada ao dedo de sua mãe, vae ouvindo as razões por que não se podia fazer isso. A explicação não a convence, tanto mais que outros mostruarios bellissimos de frutas, brinquedos e objectos bonitos vão successivamente se offerecendo e provocando.

— Eu acho que neste mundo tem tudo, não é, mamãe?

Impressionada com uma vitrine de queijos, pergunta qual a arvore que dá isso. Alguns manequins, parecendo gente de verdade, a irritavam, tinha vontade de atirar pedra nelles. Se a mãe se demora nas compras, a garota aproveita as quadras do passeio para jogar amarelinha. Indifferente aos empurrões, vae sendo arrastada para longe, pela onda de transeuntes apressados. Meu Deus, em que casa mesmb entrou sua mãe? Tati já está longe, mais absorta no jogo do que amedrontada. Mas sua mãe está demorando. De que porta sairá Manuela? Sente-se perdida, angustiada, a querer gritar pela salvadora, quando u'a mão afflicta a agarra e lhe dá um beliscão. Viera assustada sua mãe. A garotinha chora. E como pede entre lagrimas um automovelzinho, a mãe não sabe se

está chorando pelo beliscão ou pela falta do brinquedo. A costureira consulta a bolsa. O dinheiro não dá. A' porta de uma casa de passaros, Manuela não tem forças para arrancar a filha do extase que a deixou ali boquiaberta. Os canários cantavam e saltavam.

Tati foi logo escolhendo com avidez:

— Eu quero aquelle, mamãe; aquelle que está mais maduro...

E os peixinhos no aquario agora! “Ai! que coisa mais linda do mundo, você um dia me dá aquillo, mamãe?”

Tati quasi perde a respiração deante do aquario.

Mais adeante, á entrada da Polyclinica, lembra-se de dizer que está sentindo o “cheiro do dr. Almeida”, o que a operou. Aqui, seus olhos se levantam com terror para o rosto de Manuela. Estaria sendo conduzida agora para algum novo sacrificio? Ficou caladinha, sua mamãe proseguiu, entrou em outras casas, cumprimentou gente, discutiu preços. O perigo passou... Tati respirou. Sua mamãe sempre desembaraçada e corajosa, os homens a olhar para ella e ella firme sem se perder na floresta da cidade!

Era mesmo formidavel sua mãe! Tati a admirava. As meninas do bairro ás vezes apostavam quem tinha mãe mais importante, mais bonita. Foi quando estacionara na calçada uma senhora trajada com luxo, que uma das garotas gritou orgulhosa: — “Aquella ali é que é minha mãe, olha lá!” A mulher impressionava pela riqueza da toalete. As outras meninas olhavam com respeito. Tati ficou contemplando-a, meio triste. De repente abriu um sorriso, deu um grito: — “Mas quem fez o vestido della foi mamãe, tá'hi!” — Foi nada! E' prosa sua! — Foi, sim! Qué vê? — Atravessou a avenida e fez a pergunta: — “Não foi mamãe que fez o seu vestido, moça?” A senhora se atrapalhava com a bolsa, e lornhon, as luvas. — “Não foi mamãe que fez, moça?” Um omnibus foi parando, a senhora embarcou depressa, um tanto perturbada. Tati ainda exclamou atrás do vehiculo: — “Foi mamãe, sim, foi mamãe!”

Como a discussão terminasse em briga, Manuela prendeu a garota. Estranhou que ella ficasse quieta tanto tempo e foi ver. Tati se achava deante do espelho, collocando grampos nos cabellos, em attitude de grande dama, pondo-se ruge e fazendo ademanos de estilo. Manuela se ri. Tati, despertando de seu sonho, recebeu um susto, começou a chorar. Chorou bastante. E' manha. A vida estava ficando monotona. As bonecas estão quebradas, as amiguinhas não apparecem. Será fome? Não. E' somno.

Tati dorme. Desperta algumas horas depois a ouvir uma conversa exquísita entre sua mãe e outra mulher. Faz uma pergunta. Manuela responde que mais tarde, quando ella fosse grande, explicaria tudo.

Estava augmentando muito a quantidade de coisas que Tati iria saber quando ficasse grande.

As amas impelliam os bebês nos carrinhos á hora matinal. Tati chegava perto para acarinhá-los, mas era repellido por causa das mãos sujas. Então ia brincar com as ondas. De repente, a praia começou a ficar vazia de crianças. Os carrinhos atravessavam a rua e se recolhiam precipitadamente. Algumas amas que costuravam nos bancos ao lado dos bebês, levantavam-se e fugiam. Depois outras; e, assim, todas se foram. Alguem viera annunciar que Febonio, o “monstro”, havia fugido da prisão e passeava ali na praia. A noticia ainda assustou mais devido ao céu que escureceu subitamente e ao vento que começava a encapellar o mar. As vidraças batiam, fechando-se. O monstro já devia estar presente por ali, a pegar crianças.

*E' mês de agosto
O vento sopra
Lá vem Febrônio
Corre gente!...
Fecha bem estas janelas
Que Febrônio fugiu
E vem feito um maluco
Todo barbado
Na ventania
Corre gente!...*

Tati ficou sozinha, pensando fosse alguma coisa que viesse do mar. Quem pode saber tudo o que vem do mar? Todas as crianças se foram, ella se sentia abandonada, querendo soluçar. Até as ondas pareciam correr atrás della, expulsando-a das aguas. Uma criada explicou-lhe que era Febrônio que estava solto e mandou que ella tambem voltasse depressa para casa.

— Que é, minha filha? perguntou Manuela, ao vê-la chegar pallida de terror.

— Febrônio, mamãe, Febrônio... Disse que fugiu... Elle é o papão!... Deixa eu ficar no seu collo? Um tiquinho só?...

Manuela carregou-a ao collo, mas quasi não podia mais, porque o "outro" não deixava lugar.

Um dia, sem que Tati pedisse, todos insistiram para que fosse brincar. Quando voltou, uma senhora que ella mal conhecia dera-lhe merenda com recomendação de que continuasse a brincar. Sempre brincou, ora essa! Por que é que aquelle dia todo mundo estava fazendo questão?

Era um irmão que ia nascer. Ao perceber do que se tratava, tomou um aspecto grave, não quis muita conversa com as companheiras. Emfim, chegou o dia! No matinho do terreno baldio ficou colhendo umas flores para o irmão, á espera do aviso. A cegonha estava demorando muito. Já tarde foram dizer-lhe que podia vir. Voltou correndo, a respiração cortada. No quarto se discutia a melhor maneira de dar a noticia.

— Eu acho que a senhora é quem devia explicar — disse uma velha dirigindo-se á parteira.

— Eu, não. Não gosto de dar má noticia a ninguém.

— Olha, decidam depressa que a menina já vem subindo!

— Eu não digo.

— Nem eu.

— Eu acho que a senhora, como tia, é quem devia contar.

Manuela murmurou com a voz sumida: — Mas é preciso dizer com muito jeito.

Os passos iam crescendo.

— Ih, ella vem vindo!... Já está subindo as escadas!... — exclamaram algumas vozes.

— Como é que vae ser, gente?... Ella vem reclamar o irmão. Como vae ser?...

Os passos de Tati eram fortes. Subia com o ramallete. Achou tudo diferente no quarto. Figuras estranhas, caladas, e um desagradavel cheiro de desinfectante, aquelle "cheiro do dr. Almeida". Reparou bem no tecto, nas janelas. Nenhuma abertura. Por onde teria passado a cegonha? Quando virou o rosto para o berço, as mulheres se entreolharam commovidas. Foi primeiro pelo olhar que ella fez a interrogação muda. E, em seguida:

— Cadê nenen?...

— Fala a senhora em primeiro lugar — insistiu uma outra baixinho com a parteira.

— Cadê nenen?... — repetiu a menina, deixando cair as flores.

Manuela tapou o rosto com o lençol para não assistir á scena.

— Cadê nenen? — reclamou ainda, com um crescendo soluçante na voz. A pergunta foi feita agora com a vista baixada sobre o berço vazio. Uma senhora levou-a ao canto para explicar:

— Escuta, minha filha, não fica triste não. Papae do céo levou nenen, mas vae trazer outro, ouviu?

Para que foram dizer? Tati caiu no pranto. Esbravejou, sacudiu-se no chão onde se espalharam as flores. Xingou Papae do céo, não admittiu que ninguém a tocasse.

As mulheres se limitaram a emmudecer presenciando o desespero de Tati. Após alguns momentos ella se levantou, grave, a physionomia desfeita, e se dirigiu á mãe. Sua mãe é quem devia responder.

— Cadê nenen, mamãe? Responde a verdade.

Manuela apenas beijou-a sem dizer palavra. A segunda phase do desespero de Tati foi em tom de manha e tinha a forma de uma reivindicação, "eu quero nenen! eu quero nenen! eu quero nenen!", que ella fazia acompanhar com o batido dos pés no assoalho. De repente interrompeu o protesto. Ecaminhou-se novamente para sua mãe e, solenne, propôs uma solução:

— Você podia repetir o nenen, mamãe?...

— Posso, meu bem...

— Mas pode ser para amanhã?...

Antes de ella perceber o sorriso de Manuela, ouviu os gritos da pretinha Zuly annunciando-lhe que as plantas tinham nascido, que viesse ver depressa o milho e o feijão. Desceu como louca as escadas. Viu. Viu que o feijão e o milho tinham nascido de verdade. Pegaram! Estavam vivos! Ficou contemplando as hastes tenras brotando da terra. E pulava de alegria. Deu a mão á pretinha e ambas dançaram em torno. Durante dias, Manuela já de pé, a garota se distrahia acompanhando o desenvolvimento dos vegetaes. Enthusiiasmava-se; saía á calçada, chamava os transeuntes para ver. Um inglês que se encaminhava cedo para o serviço deixou-se arrastar pela mãozinha della e teve que entrar. A mãe disse:

— Esses homens não acham graça, minha filha. Elles vão sempre muito occupados...

E essa ventania agora? Manuela indo fechar as vidraças, encontrou Tati e a pretinha agachadas no terreiro.

— Suba depressa, menina!

— Deixa o vento passar primeiro, mamãe.

— Mas é por causa do vento mesmo.

— Você não está vendo que o vento quer quebrar o meu milho!...

Tati, de cocoras e immovel, segurava as hastes do milho com ambas as mãos. A pretinha se incumbia de proteger o feijão. O vento afinal passou, o milho estava salvo e Tati subiu com vontade de levá-lo consigo para que continuasse a crescer junto de sua cama, debaixo dos seus olhos.

*

A costureira teve de trabalhar dobrado para acudir ás despesas do parto. As encommendas de vestidos para as festas do fim do anno faziam com que ella fosse mais procurada pela freguesia. Todas tinham pressa. Algumas leyavam as filhas vestidas como bonecas. Tati ficava admirando, convidava-as a brincar, a ver o milho. Ellas nada respondiam, permaneciam immoveis. Tati estava certa de que eram meio bobas.



Costurando ou debruçada sobre os figurinos, Manuela pouco se lembrava da filha, que lhe parecia algumas vezes um obstáculo e que agora era como se não existisse. Mas Tati ia vivendo a seu modo. O negócio do irmãozinho tão esperado e que não veio, ficou ainda meio obscuro na sua idéia. Ah! se estivesse brincando com elle! Mais outro mysterio aquillo... Não era tarde e o aposento entrou na penumbra. Tati se espanta.

— O quarto está murchando, mamãe. A costureira accendeu as luzes, Tati achou engraçada aquella noite prematura. Como era facil improvisar-se uma noite! Ficou um pouco agitada:

— Vamos brincar de dormir, mamãe? Só de pandega!...

Seria possível que sua mãe recusasse uma occasião como aquella? Manuela nem responde. Essa mamãe não gosta nunca de brincar com a gente. Mas por que é que Tati está chorando agora tão sentida? A culpa foi de Manuela que soltou uma risada quando a filha lhe apresentou a boneca de barriga grande e lhe informou que "Carolina também estava esperando nenem". Pois se estava esperando de verdade, pensou a garota, como é que sua mãe podia duvidar? Tati não gostava se fizesse brincadeira com coisas serias.

Após o parto e apesar das labutas excessivas, voltaram ao corpo de Manuela as formas e linhas habituaes. Uma vontade maior de viver, de expandir-se. Dezembro vinha chegando, ia-se entrar num periodo differente. O verão que ia começar, as roupas estivaes, o Natal, o *reveillon*, as praias cheias, os primeiros signaes do carnaval proximo, — tudo lhe transmittia uma exaltação que ninguem lhe notava no rosto calmo.

— Agora, minha filha, é hora de dormir. Deitou a criança, cobriu-a. Fora, abria-se uma noite fria e bella, a primeira após a invernoada. Manuela terminou algumas arrumações no apartamento e foi sentar-se junto á machina de costura. Estava farta de costuras. Viu um barco de pesca atravessar a zona de luar e apagar-se na de sombra. Sua vontade era sair aquella noite de sabbado, divertir-se um pouco. Os namorados resurgiam de novo na praia, depois da temporada de chuva. Parecia terem ficado escondidos na neblina, parados, esperando pelo tempo, até poderem continuar o eterno passeio. Quando é que Tati estaria em idade de collegio? Manuela só teria alguma liberdade quando a internasse. Mas a pequerrucha só tem seis annos. Criança é sempre um embaraço. Desfazer-se della não seria difficil, se a entregasse á tia do suburbio. Que fazia o pae? Este abandonou a menina, nem mesmo chegou a conhecê-la. A costurira pousou o olhar na cama de Tati e sacudiu a cabeça, afastando um pensamento sombrio. Não, isso não faria... A criança não tinha culpa, entregá-la á tia feroz seria maldade. Nem á tia, nem ao juiz de menores. Abriu a bolsa ao acaso, tirou um caderno de notas. Muitos nomes e endereços. Os homens!... com a sua brutalidade, o seu egoismo, a sua furia de gozar as mulheres e passarem para deante, deixando-as caídas no caminho.

Manuela era dessas muitas mulheres desilludidas do amor e que, entretanto, se guardam toda a vida para um homem desconhecido. Ella esperava sempre o amor e os annos lhe iam chegando como comboios vazios. A luz do seu olhar era indirecta; não ia buscar as coisas onde ellas se achavam, como a dos holophotes; as coisas mesmas é que pareciam se vir banhar na claridade delles. Quando caminhava pelas ruas, os homens, que acaso a fitavam, deixavam-se ficar sob a diffusão dessa claridade. Os que não lhe conheciam a voz, imaginavam-lhe um timbre velludoso como correspondencia á doçura desse olhar lento e absorvente de grande amorosa, pelo qual tudo mais della se acertava, — o busto, o andar, as maneiras. O corpo era delicado até á cintura; dahi para baixo, porém, e á medida que se aproximava do chão pelas pernas, ganhava força, era mais apto a receber as correntes que vinham da terra. A decepção com um homem não a tornara menos amorosa. Apenas se fechava mais, usava maior prudencia antes de dedicar-se a alguém. Era enorme o amor dis-

ponível que trazia, mas secreto e cauteloso; não tão secreto porém que impedisse o transeunte sensível de pensar ao vê-la: ali vae uma mulher que parece transbordar de amor.

Aquella noite, enquanto Tati dormia, a mãe pensava em sair sem destino pela cidade. Valeria a pena aceitar algum convite? Ficou examinando as propostas, os endereços: *Capitão Xavier*... um bello typo, pensou, mas com qualquer coisa de estúpido, de desagradavel; é desses que só apaixonam as mulheres a distancia, perto dão enjoo; grupo numeroso. *Dr. Bastos*... este parece um homem fino, mas envaidecido de sua situação social, de sua clinica; no fundo, bem tolo e cheio de preconceito. *Heitor*... athleta, rico... um tanto imbecil... — O' meu Deus, exclamou Manuela, será que uma pobre mulher não encontre a quem confiar o seu coração?... *Antonio*... continuou, examinando os endereços. — Ah! esse, sim; aqui está um que eu topava... Se dependesse de mim, elle nunca seria infeliz... Onde estará elle a essas horas? Que camaradão! Tão sincero, tão espontaneo... Eu era capaz de amá-lo... andar com elle por esta noite a fora.

— Mamãe, você gosta de mim?

Manuela se assustou. Nem se lembrava de que a filha existia. Que idéa de Tati fazer-lhe essa pergunta inopinada!

— Você não estava dormindo, minha filha?...

— Mas você gosta de mim, mamãe?

Sua mãe estava tão mysteriosa aquella noite!

— Dorme, menina. Olha, Carolina já está sonhando.

— Mas gosta, não gosta?

Tati abraçou Carolina e continuou a fingir que dormia. Manuela começara a despir-se. Sua mãe era mais bellã fora da roupa, observou Tati. Mais bella que todas as freguesas que vinham provar vestidos. Sua mãe era divina...

Dava-lhe tudo. Quando tiritava de frio, saltava no collo della e vinha logo aquelle calor! Era pena só gostasse de conversar com gente grande. A menina, deslumbrada, proseguia na inspecção do corpo que a gerou: — Ah, é verdade, antigamente havia uma barriga enorme... Com certeza foi Papae do céu que levou tambem aquillo... Está ahí, isso foi bom... — ficou pensando de baixo das cobertas.

*

No dia de Natal a praça amanheceu vibrante de campainhas, atravessada por dezenas de bicycletas novas e luminosas. Nenhuma criança quis emprestar a sua a Tati.

Sentada ao banco, olhando com inveja para as que se divertiam, estava indignada com Papae Noel que não lhe trouxera nada. Desde o anno passado guardara essa magoa. O velho só botava brinquedos para as outras crianças. Resolveu queixar-se á sua mãe, levando pela mão a pretinha Zuly, que tambem não ganhou nada. Na praça, já se tinha acamaradado com outras que ficaram chupando dedo, de longe. Sua mãe, sendo tão poderosa, devia ter conseguido de Papae Noel alguma coisa. Uma freguesa prometeu um brinquedo que nunca mais chegava. Mas o ideal de Tati, o que ella desejava mesmo, era uma bicycleta. Não a tendo obtido, retirou da gaveta Carolina e Gerê e arranjou-se com os dois. Manuela sentiu a solidão da filha. Amargurou-se ao vê-la brincar com Gerê, todo esfrangalhado, como sempre. Levou-a ao alto de Santa Theresa. Lá em cima, um portuguez veio brincar com a menina, enquanto a mãe contemplava o oceano. Ao descerem do bonde, á noitinha, já a criança dormia no collo.

Na verdade, quem descia de bonde era só Manuela, porque a filha vinha descendo de bicycleta, uma linda e macia bicycleta, como não havia igual na praça. As outras crianças faziam ala para vê-la passar... E Tati passava

fazendo vibrar as campainhas com orgulho, um pouco pallida, os cachos do cabello esvoaçando:.. Sentia uma delicia enorme naquella corrida. O bondezinho chegou ao Viaducto, a mãe teve que acordá-la para a baldeação. Foi o unico trecho que Tati viajou de bonde, dormindo logo em seguida para retomar a sua bicycleta macia e velocissima. Zuly, a pretinha, viajava na garupa...

Decorreram mais alguns dias. A noite de S. Silvestre estava quasi. Nas ruas reinava uma alegria geral, tamanho o alvoroço da população ás portas do Anno Novo. Compras, abraços, encommendas, convites, pressa — parecia certo que desta vez a cidade inteira ia mesmo ficar feliz dentro de poucas horas. As freguesas de Manuela exigiam que ella terminasse depressa os vestidos, a fantasia. A costureira trabalhava dobrado, ella mesma adeantando a compra dos aviamentos, escolhendo os figurinos. Tati demorava-se muito no parapeito da janela, vendo o mar, vendo a vida. No arranha-céu entravam centenas de embrulhos de encommendas. Que haveria dentro delles? interrogava Tati. Que vontade de abri-los para ver o que tem dentro! Na calçada, nos omnibus, nos bondes, desfilavam os gigantes, gente que não brincava, occupada sempre com qualquer coisa que Tati não comprehendia e que era um mysterio. As mulheres que passavam na praia pareciam-lhe divindades...

Algumas dessas divindades não costumavam pagar as contas. Manuela teve prejuizo. A dona da casa sabia disso. Entretanto, veio declarar á costureira que não podia esperar mais, o atraso já era grande:

— A senhora comprehende, não é? Eu não quero desconfiar de ninguem... Longe de mim... Mas os impostos estão cada vez... A senhora sabe... Além disso, estamos no fim do anno, vem ahi o *reveillon*, as minhas filhas precisam se divertir, tudo são despesas... A vida está difficil.

Tati, chegando da praia no momento, interveio na conversa das duas mulheres:

- Fizemos uma montanha de areia, mamãe, que só você vendo...
- Espera, minha filha, deixa tua mãe conversar.
- ...e lá em cima pusemos, sabe quem? Carolina...
- Em todo o caso, proseguiu a proprietaria, ainda posso esperar uns três dias.
- Depois — continuava tambem Tati — fizemos um buraco que eu acho que vae sair aa Europa...
- Não atrapalha, menina! — gritou a costureira, afastando a filha. E virando-se para a proprietaria:
- Mas a senhora podia deixar que eu levasse ao menos a machina para terminar algumas costuras.
- Só se deixar a victrola como garantia.

A proprietaria ficou satisfeita, as filhas teriam victrola para dançar. E Manuela deixou correr uma lagrima.

Como a receberia sua irmã em Deodoro? Começou a arrumar as tralhas, não se esquecendo de embrulhar alguns mantimentos para os primeiros dias. Telephonou a algumas freguesas pedindo pagamento, mas ou ellas não se achavam em casa, ou não podiam pagar. Acabou vendendo no dia seguinte uma joia á mulher do terreo para as despesas de carroto e passagem. A joia que Tati tinha pedido "quando ella morresse".

Terrivel estrepito de trens e vehiculos da noite resoando aos ouvidos da criança, relampagueando pela janela aos seus olhos. Tati sentiu que a cidade não acabava mais. Só sua mãe não se perdia naquella floresta.

Sempre formidavel sua mãe!... Mas tão silenciosa! Aconchegou-se bem ao collo della. Viu passar coisas estranhas pela vidraça. Annuncios lumino-

sos. Cinemas borbulhantes. Clubes em festa. Para onde estaria sendo levada dessa vez? Haverá criança no lugar aonde ia? Haverá mar? Que lhe estava reservando sua mãe?

Tati inesperadamente teve a sensação paradisíaca de um lugar por onde tinha passado, onde tinha vivido entre delícias. Onde esse lugar, não se lembrava bem... Mas havia estado lá, acordada ou dormindo... Quanto tempo? Não era nos subúrbios, não era também na praia. Parecia-lhe que foi há muitos annos. Talvez no fundo do mar, debaixo das aguas... Antes de nascer.

Passaram Engenho Novo, Meyer, Piedade, Encantado, Cascadura... Manuela silenciosa, humilhada, fazia conjecturas amargas. Nunca mais voltaria a Copacabana. Da primeira vez lá perdera a virgindade, agora já ia ficando a machina de costura. As freguesas, áquella hora, já se estavam preparando para o *reveillon*, muitas dellas vestindo a fantasia, que ella, Manuela, fizera com suas mãos, sem ter sido paga. E agora, num carro de segunda classê, a caminho do subúrbio, para a casa de uma irmã geniosa, a implorar o seu favor, levando aquella criança, aquelle trambolho!...

A noite dos subúrbios apresentava aquella vez um aspecto differente, meio panico. Trens apinhados, correria, grupos gritando. Seria algum levante militar? Ou a busca da alegria, a corrida apressada para as festas?

Manuela está triste, Tati irrequieta. A menina descobriu qualquer coisa ou alguem no banco do lado esquerdo. A todo momento se levanta, olha e ri. — Toma modos, minha filha! Mas a pequena não se corrige. A mãe impacienta-se, dá-lhe um beliscão. Seu pensamento estava muito longe da filha, estava mesmo contra ella. Tati começa a chorar. Menos pelo beliscão do que pela hostilidade tão estranha que começava a presentir na physionomia de sua mãe. Como se a sua maior amiga pensasse em abandoná-la aquelle momento. Tati está mesmo magoada. O carro de segunda classe tem pouca luz.

— Você é ruim, mamãe.

— Você não tem nada que estar olhando assim para essa mulher — reprehenheu Manuela.

Tati se explica então entre soluços: — E' a mamminha della, mamãe. A mamminha della nasceu no pescoço!...

— Fala baixo, que ella ouve. Aquillo não é mamminha, minha filha, é papo...

— Como é então que a gente pode mamar ali?...

Manuela ri-se. Que bola! Ri muito, abraça a filha. Criança! Sente-a pela primeira vez. Que animalzinho feliz, despreoccupado — sua filha! Tão viva! Enchia uma casa, um bairro; poderá encher uma cidade inteira. Olhou demoradamente para ella, encarou-a bem como se fosse pela primeira vez. Tinha cachos, a boca fresca, os olhos grandes. E era linda!

Tati!

Ainda pode ser tudo na vida. Como é que não a descobrira antes? Só agora se rendia sem luta á filha que a vinha conquistando há tanto tempo sem esforço. Pega de novo a ri. Se esquece de tudo. Nem sabe qual o subúrbio que passou pela janela. A menina não se espanta mais com o papo da velha. O que a espanta é o riso convulsivo de sua mãe. Está até com medo della. Os passageiros pensam que a mulher enlouqueceu. Manuela aperta a filha ao peito, beija-a muitas vezes, rindo, chorando... Cáiram-lhe os embrulhos ao chão. Os cacarecos estão sendo sacolejados. Alguns legumes rolaram, saíram pela plataforma. Uma mulher vem entregar-lhe uns paninhos: — Isso não é da senhora?

Manuela continua rindo, a olhar para a filha, a passar-lhe a mão pela cabeça.

— Eu adoro você, minha filha.

Vem se aproximando um estafeta do correio com um objecto na mão:

— Olha a sua caneca, minha senhora.

Manuela nem se lembra de agradecer. Estava-se passando dentro della um acontecimento enorme. Outros objectos foram sendo entregues pelo pessoal da segunda classe. Sob a bota de um português, Carolina está sendo pisada. Boneca infeliz, Carolina... A bota não era brinquedo. Tati dá um grito, corre até lá, salva Carolina. Só agora, vencida pela filha, a mãe começa a achar-lhe graça nos menores movimentos. E cheia de felicidade, envolve-a de novo no abraço.

Quem vem chegando agora na direcção de Manuela é um operario:

— Olha a sua batata, minha senhora.

Manuela agarrada com Tati, Tati com Carolina — dormiram as três, até que a locomotiva apitou para Deodoro.

A costureira desce com cuidado, sobraçando Tati, Carolina e os embrulhos. Era preciso que a criança não acordasse. Tomou um caminho escuro. O que ia dar á casa da irmã. Tati abre um pouco os olhos, espia a espessura da noite. Está com medo.

— Tem Febronio, mamãe?...

E adormece de novo. Passou ao longe um grupo com estandarte. Mas o caminho que a costureira trilhava era deserto.

— Não vá arranjar outro filho por esses matos ahí, moça! — gritou-lhe um soldado. Agora é hora dos bailes...

Manuela caminhava sem sentir cansaço. Outro dichote injurioso bateu-lhe apenas no ouvido: — Tão sozinha, meu bem!...

Não ia sozinha. Ia com Tati. A menina acordou de novo, ao som de uma canção que a mãe lhe cantava. As duas se entreolharam sorrindo. A primeira vez que Manuela sorri de facto para a filha. Ouviu-se uma boeira enorme, ao longe, cortada de bombas e foguetes.

O anno virava. 1938.

Manuela galgou uma pequena collina. Chegou ao alpendre do bangalô da irmã. Tudo fechado e de luzes apagadas. No trinco da porta havia um escripto: "Fomos ao baile; pode bater que tem uma velha no fundo, tomando conta." Não bateu. A noite de céu alto estava clara. Relanceou a vista pelos longes. De todos os hórizontes vinham rumores e reflexos de festa, como se houvesse naquelle momento uma tentativa universal de esquecer guerras, perseguições e misérias. O armistício do Anno Bom. Manuela se esquece tambem de tudo, as magoas passadas e as que ainda promettiam. Sae a caminhar pelas estradas. Uma vaga de esperança enche seu coração. Tati está vendo o céu.

— Aquelles furinhos todos são estrellas, mamãe? Todos?...

Sobre a relva da campina, Manuela começa a dançar como louca:

— E' o novo anno, Tati, meu passarinho, meu thesouro... Precisamos tambem commemorar...

A costureira ergue Tati aos ombros. E, dentro da noite, commemora a entrada do anno novo, empunhando sua filha. E continua a dançar, carregando-a ao ombro, como um cantaro cheio de vinho.

— Daquelle lado ainda tem mais estrellas, mamãe. Olha lá...

ANNIBAL M. MACHADO



LIVROS

**ANNUARIO BRASILEIRO
DE LITERATURA — 1940.**
— Ed. Pongetti. — Rio,
1940.

Há quatro annos os editores Pongetti vêm lançando, regularmente, o **Annuario Brasileiro de Literatura**, em cujas paginas já nos habituamos a encontrar, além de um retrospecto das actividades culturais do país em determinado periodo, um panorama da actualidade literaria nacional. Os esforços empregados na consecução dessa iniciativa hão de ter sido enormes, dado o ambiente de incompreensão, indiferença e, ás vezes, franca hostilidade em que esbarram empreendimentos dessa natureza, baseados no espirito de cooperação. Só o haverem levado de vencida os factores adversos á execução de semelhante trabalho e, por outro lado, garantido a continuidade daquelles esforços, no sentido da perfeita normalidade da publicação, constituem apreciavel triumpho, a que não devemos regatear os nossos applausos. E' indiscutivel que esse **Annuario**, augmentado e melhorado a cada edição, presta inestimavel serviço ás letras nacionaes: hoje representa valioso repositório de informações sobre o nosso momento cultural, reflectindo os varios aspectos da intelligencia brasileira, e amanhã será o documento a que recorrerão os estudiosos quando se dispuserem a um exame da evolução intellectual do país — um documento de importancia igual á de certos almanques de ontem, actualmente considerados indispensaveis ao estudo de nossa historia literaria. Restricções podem ser feitas á organização desse trabalho — e virá á baila,

a esse passo, a questão do criterio de selecção dos seus collaboradores, por exemplo —, mas a verdade é que as pequenas falhas de que o livro sem duvida se resente não lhe diminuem o merito nem a utilidade, tanto mais quanto aquellas falhas tendem a desaparecer em futuras edições, conforme se verifica ao mais rapido confronto dos volumes já publicados.

O **Annuario** de 1940 contém 416 paginas e apresenta alguns trabalhos de valor, entre elles os que mais interessam ao ponto de vista do "documento". Podem ser citados, no meio da materia editorial, que por signal é abundante, um resumo dos acontecimentos literarios e artisticos do 1939 brasileiro, a tabua bibliographica do mesmo anno, acompanhada de uma synopse estatistica, e os apontamentos recolhidos na critica literaria, sem falar em dois interessantes inqueritos entre escriptores, desenhistas e illustradores.

No mesmo sentido, têm especial significação e relevo as seguintes paginas: "Notas sobre a critica em 1939", de Osorio Borba; "Tendências do romance brasileiro", de Jaymé de Barros; "Movimento editorial gaúcho", de Sylvio Diniz; "Literatura brasileira", de Samuel Putnam; "Theatro em 1939", de Bandeira Duarte; "Cinema brasileiro em 1939", de Edmundo Lys; "O anno musical", de Paulo Silva; "O movimento intellectual do Rio Grande do Sul em 1939", de Ary Martins. Devo esclarecer que alguns trabalhos valem apenas pelas informações que contêm, só um ou outro se destacando pelo seu accento nitidamente critico. Lamento não incluir na lista, porque destituído de qualquer impor-

tancia, o pequeno ensaio do prof. Afranio Peixoto, "Summa da literatura nacional" — ensaio escripto com preoccupações ironicas, de um mau-gosto nunca excedido em nossas letras e num estilo de gago. Basta dizer que o illustre academico chega ao desfrute de definir a literatura como o "Sorriso da Sociedade"...

A' margem de themas ou personalidades — campos de estudo mais reduzidos —, há a assignalar os artigos de Carlos Lacerda, Alvaro Lins, Guilherme Figueiredo, Oscar Mendes, Bezerra de Freitas, Clovis Ramalhete, Modesto de Abreu, Mello Barreto Filho e mais um ou outro.

Numerosas são as chronicas. Chronicas de Erico Verissimo, Augusto Frederico Schmidt (a sua "Denuncia da Primavera", que já se considera semi-classica), Alvaro Moreyra, Carlos Drummond de Andrade, R. Magalhães Jr., Sergio Milliet, Abguar Bastos, Almir de Andrade, Mario Sette, Graciliano Ramos, Emil Farhat, Jorge Amado, Brito Broca, Peregrino Junior, Luis Martins, Omer Mont'Alegre, Walter Spalding, Amadeu Amaral Junior.

De ficção — uma pagina de romance de Oswald de Andrade e os contos de Telmo Vergara, Joel Silveira, Danilo Bastos, Godofredo Rangel, Sodrê Vianna, Antonio de Almeida Junior, Lobivar Matos.

A poesia não poderia ser esquecida. Está presente, em poemas de Murillo Mendes, Adalgisa Nery, Alphonsus de Guimaraens Filho, Jorge de Lima, além de muitos outros.

No que se refere a illustrações, não poderia ser melhor a collaboração reunida no presente livro: apresenta desenhos de Santa Rosa, Augusto Rodrigues, Paulo Werneck, A. Corrêa, etc. — os illustradores de livro e de revista que já alcançaram maior evidencia em nosso meio. Aliás, todos elles procuraram dar uma definição plastica da deliciosa figura de Capitu, attendendo ao inquerito-teste do *Annuario*, e se alguns realizaram trabalhos excellentes como desenho, interpretação ou concepção — como é o caso dos três primeiros citados, por exemplo — ou-

tros deram uma demonstração lamentavel de insufficiencia literaria e de incompreensão. — V. C.

CANDIDO DE MELLO LEITÃO — **A VIDA NA SELVA.**
— Vol. 20 da coll. "Iniciação Scientifica". — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940:

De certos livros de estudo — ás vezes livros de interesse scientifico — é commum ouvir-se dizer que se lêem "como um romance". Que se lêem com agrado e alguma emoção, quer isto dizer. Não será demais repetir a phrase-feita em relação á ultima obra do sr. C. de Mello Leitão — desde que a phrase parece feita sob medida, no caso —, e podendo-se ainda acrescentar: como um romance de aventura. Porque, sem exaggero, aqui e ali, as paginas desse livro têm um sabor especial, que se confunde em alguma coisa com o das boas paginas em torno da vida dos animaes.

O estudioso de zoologia, estou certo de que apreciará sob outro prisma o trabalho de mestre do sr. C. de Mello Leitão: apreciará o methodo de exposição, a perfeita coordenação da materia, o conjunto de informações relativas ás pesquisas feitas acerca do mundo dos irracionaes. Apreciará, sobretudo, a simplicidade e a clareza — que não excluem o rigor scientifico, está visto — com que o autor aborda todos os themas escolhidos. Clareza e simplicidade de chronista.

De minha parte, contento-me em ver os valores estritamente literarios de que elle dispõe para a realização de sua obra. E alegre-me ao verificar que aquelles valores são, com effeito, de primeirissima ordem, confirmando a impressão que já me deixara a leitura de livros anteriores — **A vida maravilhosa dos animaes** e, principalmente, **Visitantes do Primeiro Imperio e O Brasil visto pelos ingleses**.

O sr. C. de Mello-Leitão não é um olho secco e murcho de zoologo, deante do qual os bichos do mato,

mesmo os mais esquivos ou brabos, se endureçam e se formolizem em bichos de museu — bichos hirtos e solennes que elle pudesse pegar, apalpar e descrever com a minuciôsa pachorra dos sabios de museu. O que elle faz é falar dos animaes dando-nos a idéa perfeita de sua vida — accentuando todas as suas sufficiencias e todas as suas precariedades de animaes. Embora não esqueça as suas referencias de leitura, as suas até certo ponto necessarias citações, não deixa, comtudo, que os pobres bichos nos appareçam cheirando a naphtalina, como se fossem fichas. Sob esse aspecto, observa-se um equilibrio realmente apreciavel. A certa altura do seu livro, por exemplo, o autor nos fala do tigre — sobre os varios aspectos de sua "personalidade" — para depois nos informar, no tom mais natural deste mundo: "Nos antigos tribunaes indianos era admitido o juramento prestado sobre uma pelle de tigre. Os caninos, as garras, os bigodes são guardados em certas regiões como amuletos. Alguns povos conservam ciosamente as vibrissas faciaes do tigre, que dão aos seus possuidores illimitado poder de seducção e dominio sobre o outro sexo... e talvez por isso mesmo sejam por outras gentes consideradas como lethal veneno, sendo immediatamente destruidas depois da morte do bello felino. Para que sejam nobres e corajosos, os primeiros sapatos que os chinezes calçam nos seus filhos varões têm o desenho de uma face de tigre". Como se vê, nenhuma affectação de eruditismo.

Em oito partes está dividido o livro presente: 1.^a A Selva Tropical; 2.^a Os reis da selva; 3.^a A linguagem dos animaes; 4.^a No andar superior; 5.^a A orientação; 6.^a Parques e reservas; 7.^a O homem e a selva; 8.^a A selva dos poetas. — V. C.

SWIFT — AS VIAGENS DE GULLIVER A TERRAS DESCONHECIDAS; LA FONTAINE — FABULAS. — Vols. 1 e 2 da coll. "Os Mestres do Pensamento". — Ed. Cultura. — São Paulo, 1940.

Para dar início ás suas actividades, uma nova editora brasileira — a "Cultura", de São Paulo — não poderia tomar melhor iniciativa do que esta, de organizar uma bibliotheca de obras classicas, destinadas á mais ampla vulgarização, em traducções cuidadosas e edições accessiveis.

Essa bibliotheca, a que, em principio, se pode augurar completo exito, tomou a denominação, não muito feliz, aliás, de "Os Mestres do Pensamento", confiada a sua direcção ao sr. José Pérez.

Os volumes iniciaes da collecção acabam de apparecer: o primeiro, o livro famoso de Swift, e o segundo, as fabulas de La Fontaine, cada um com uma nota introductora do director da serie, na qual se contêm dados biographicos e criticos de indiscutivel utilidade, pelo seu character informativo, a despeito de sua emphase de expressão.

Swift apparece em "Traducção portuguesa de Henrique Marques Junior, revisada e modernizada escrupulosamente". Quanto ao outro volume, é uma collectanea completa do fabulario de La Fontaine segundo a traducção de numerosos autores, de Bocage a Filinto de Almeida.

Seria ocioso demorar-me em referencias a obras de tal porte, cumprindo-nos apenas registrar com a merecida sympathia o apparecimento dessas edições, na expectativa de que a ellas se seguirão outras de analogo significado e alcance. — VALDEMAR CAVALCANTI.

LETRAS PORTUGUESAS

MANUEL ANSELMO — O PECCADO ORIGINAL

Narrado pelo heróe, Marcos Aurelio da Veiga, advogado sem causas, reduzido á miseria pela bohemia, mas com um "saquitel carregado de sonhos e utopias", este romance se passa em Lisboa, no ambiente cosmopolita desenraizado, dos criminosos internacionaes. Para desgraça sua, Marcos Aurelio, num momento de abertura, é auxiliado por Coutinho, "o mais mysterioso dos homens cultos", que o associa a uma empresa ainda mais mysteriosa, onde, avisou-o, podia "arriscar a tranquillidade de sua alma". Discutia Bergson com os philosophos, medicina com os medicos — e sempre se saía bem. Ninguem lhe conhecia profissão nem familia, e gastava e vivia como um grande senhor. Dizia-se possuido por "um tédio sem limites", e comparava-se, em amor, a "um homem cheio de sede que não encontrou ainda a agua pura capaz de o dessedentar..."

Appareceu a Veiga como um principe encantado, tomou-o como collaborador, dando-lhe dinheiro sem contar, exigindo apenas que lhe arranjasse e decorasse uma casa, e se vestisse bem. Isto na ordem material. Porque na moral, queria "aproveitá-lo na sua totalidade humana e, sem pretender explorá-lo como cobaia, estudar através do seu temperamento as possibilidades virgens da alma humana".

Coutinho fôra "cozinheiro de bordo, bailarino profissional em Paris, soldado anonymo da Legião Estrangeira". Ensinara philosophia na Sorbonne e literatura em Oxford, tentando "morphinizar de cultura" a sua "decepção humana".

Veiga muda-se para uma casa sumptuosa, na qual reservou os melhores commodos para Coutinho e sua amante, levando comsigo, para dirigir a casa, a mulher que até então lhe alugara um quarto, e as filhas desta, por uma das quaes, Joáquina, "flor batida pela ventania", nutria secreta ternura.

Coutinho, depois do seu apparecimento theatral, fôra viajar, deixando no escriptorio da nebulosa empresa, além de Veiga, um agente de nome Kastner, que parece ao companheiro "um gnomo das antigas florestas prussianas porque a côr estranha dos seus olhos se immobiliza, de quando em quando, numa attenção mythologica."

O serviço consistia em fornecer dinheiro a raparigas anonymas, "lindas e esbeltas". O ingenuo advogado comprehendeu afinal a profissão de Coutinho. Mas continuou "exercendo essa função demoniaca de secretario de uma empresa de caftans".

Afinal voltam, Coutinho e a companheira, a judia Gilda, de "olhos larguissimos e um perfume tão intenso e original que mais parecia, antes, um bilhete de visita", e amava em Portugal "o amor infeliz de Inês de Castro".



Logo Veiga se torna a sombra de Gilda, enquanto Coutinho "lança á Joanhina de quando em quando miradas que lhe entram pela carne a dentro como alfinetes."

O amor de Gilda sabia-lhe "a peccado mortal". Era "felina como uma orchidea sensível da Amazonia"; o seu corpo suggeria-lhe "allegorias egypcias de nitido recorte intellectual".

Afinal o senso moral de Veiga reage e depois de varios lances em que procura fugir com Gilda á podridão em que vivem, chega o ponto culminante da tragedia: tenta matar Coutinho, é preso, processado, condemnado, accusado por Joanhina, abandonado por Gilda.

No carcere, assiste-o o padre Justo, que lhe fala de Deus; elle reza, lembra-se da mãe e de Nossa Senhora.

Converte-se, pensá no "perfil da flor de Lisieux, a linda monja-rouxinol cuja severissima humildade enthusiasinou de luz divina a sua alma de açucena e o seu corpo suavissimo de anemona."

Reconhece o seu "erro humano de quando suppunha a vida limitada aos desejos ansiosos, amoraes, de carne." "A accusação de Joanhina, a traição de Gilda, a deshumanidade de Coutinho, o odio da sra. Carolina [a mãe de Joanhina], as proprias infidelidades de Lydia Branco" [sua amante antes de Gilda], tudo isso significava a "inexoravel confirmação" do seu desvairo. Viu que errara "por ter desafiado o sol, confiado apenas em frageis asas de Icaro." E, condemnado a quatro annos de prisão, submete-se á expiação, confortado pela fé que lhe inculira o padre Justo.

E' este, em linhas geraes, o livro que de Portugal nos manda o belletrista Manuel Anselmo, que, embora já possua muitas obras publicadas, só agora se estréa no romance. No novo genero revela o mesmo gosto pelas phrases finamente rendilhadas, a mesma erudição literaria, a mesma sensibilidade requintada pelas quaes se distinguira nos precedentes ensaios.

LUCIA MIGUEL-PEREIRA



THEATRO

AS ARTES THEATRAES NO BRASIL

Depois de uma temporada como o Rio não conhecia há muitos annos, tal o seu alcance artistico, e durante a qual o publico deu as melhores provas de quanto era capaz de interessar-se pela verdadeira arte theatral, mesmo a mais financeiramente inacessivel — nos dá o theatro brasileiro mais um symptoma de inferioridade, com o facto recente da dissolução da **Comedia Brasileira**, companhia dramatica official organizada pelo Serviço Nacional do Theatro.

O que isto vem revelar é uma doença tradicional e chronica a que tem succumbido a maior parte das iniciativas artisticas no Brasil: a doença ou o vicio da improvisação. Ainda não tinhamos nenhuma tradição literaria, e não resistiamos á tentação de uma Academia para imitar a **Académie Française**. Seguiu-se meio seculo de mascarada literaria. A ultima tentação foi para inventar uma filial artistica da **Comédie Française**. Para a comprehensão brasileira dos problemas de formação artistica, não tinha a menor importancia saber que a **Comédie** representa na França uma tradição theatral inseparavel de uma tradição de cultura cuja expressão admiravel é o Conservatorio de Paris. Para nós, não havia que se preocupar com esse aspecto educativo do problema. Este se resolveria ao acaso da geração espontanea. O publico se deixaria abusar pela improvisação de profissionaes recrutados e acceptaria pacificamente a promoção dos mesmos a uma **Comédie** de burocracia. Mas o publico não foi tão simples. Conhecia bastante o verdadeiro theatro serio, através das successivas temporadas estrangeiras. A fachada de papelão teve de ceder depois de uma curta exhibição aos ares nocturnos. Mais dia menos dia, e a **Comedia Brasileira** morreu de lymphatismo ainda no berço.

Dirão que as representações foram elogiadas pela critica (...) e que a culpa é toda do publico. Há mesmo quem ache ser a culpa da guerra... Mas sabemos que por causa da guerra o surto theatral nos Estados-Unidos é no momento actual de uma animação nunca vista. A causa do fracasso da nossa "Comedia" (nome ironico!) foi a mesma de sempre em taes casos, e, como dissemos, a improvisação. **Não se cria arte por decreto**. Esta phrase devia ser decorada como um proverbio para orientação daquelles que têm o poder de iniciar entre nós a verdadeira cultura em arte, sem a qual não é possivel admittir qualquer esperanza para a nossa producção artistica. Tanto mais que esta ficará sempre condemnada á concorrência prestigiosa da arte estrangeira.

Isto que occorre com o theatro dramatico, se repetirá com as outras artes derivadas — a opera, a dança. Em nenhuma dellas poderemos nunca concorrer com os elementos de fora, que a experiencia do publico saberá cautelosamente distinguir e preferir. Os nossos conjuntos de arte ficarão



eternamente umas tristes caricaturas, sem que nenhuma protecção official seja capaz de dar-lhes vida. E' que essa protecção só tem efficiencia quando se volta para a formação mesma da arte. O problema é educar artistas, e não simplesmente sustentar profissionaes.

Só assim poderemos algum dia criar uma arte theatral brasileira, uma capacidade artistica nacional que chegue a ser independente do prestigio estrangeiro e possa de certo modo bastar-se a si mesma, como em todas as nações cultas. A propria deficiencia da nossa literatura theatral se tornará praticamente secundaria, desde que os artistas estejam á altura de interpretar as obras da cultura universal. E com a divulgação scenica, e não apenas literaria, dessas obras, terão ainda os nossos escriptores uma experiencia mais viva para inspirá-los na criação de uma literatura dramatica nacional, perfeitamente concebível.

Mas para tudo isso teremos de começar pela educação artistica. E nada mais estranho que somente nisso não nos sintamos inclinados a imitar os que têm mais autoridade do que nós. Voltamos á despreziosa suggestão da ultima vez em que escrevemos nesta mesma secção, á idéa de um conservatorio ou academia para todas as artes ligadas ao theatro, se estamos sinceramente interessados em fazer alguma coisa nesse dominio artistico. Provisoriamente a iniciativa poderia tomar um character modesto, mas bastante efficiente — emquanto o conservatorio especializado não fosse possível — de um curso dirigido por especialistas e anexo á Escola Nacional de Musica. Não faltam no momento artistas de valor, alguns até refugiados no Brasil e desapercibidos, cujo aproveitamento em favor de nós mesmos seria um acto de comprehensão intelligente e mais que nunca opportuno. Nos tempos actuaes todas as facilidades praticas chegam ao encontro dos interesses de nossa arte. Temos por isso mesmo a responsabilidade de saber ou não aproveitá-las para o futuro.

Porque não é só um problema de "arte pura" que se procuraria resolver e para cuja solução "haveria tempo": esse pragmatismo displicente seria por si só uma pessima recommendação. Mas é que existe tambem um alcance amplamente social nesse problema, a sua significação professional. O theatro como arte não é somente um factor moral capaz de elevar o sentimento das multidões (como entre os gregos), um valor de espiritualização capaz de purgá-las das tendencias dissolventes — pela sua popularidade, a arte do theatro adquire um interesse de utilidade social no sentido economico tambem. Isto foi tristemente documentado no caso da **Comedia Brasileira**, cujo desastre desorganizou a vida de uma centena de pessoas.

R. NAVARRA



ARTES PLÁSTICAS

CRÔNICA DAS EXPOSIÇÕES

Estamos ainda em plena enxurrada de exposições, e podemos observar a curiosa psychologia das relações entre os artistas e a critica, sobretudo as reacções dos primeiros em face desta.

E' isto que torna quasi uma aventura manter uma chronica permanente para falar daquillo que se considera bem ou mal succedido do ponto de vista da criação artistica.

Se há uma arte onde as possibilidades de desentendimento entre os que a praticam formam como que uma tradição, é a dos pintores. A rivalidade e o **parti-pris** parecem não se separar do temperamento dessa classe de artistas. São uns narcisistas por profissão. A recriação constante da imagem plastica teria a virtude de exacerbar esse culto aggressivo de si mesmo. Não seria talvez uma coincidência sem valor o facto de ser a pintura a unica arte em que o artista pode se contemplar a si mesmo no sentido literal dessa formula...

O certo é que o contacto entre o sentimento dos pintores e a opinião critica desinteressada tem sido um ponto fatalmente melindroso. Principalmente quando essa opinião acolhe com algum enthusiasmo uma pintura que não se filia aos preconceitos technicos e estilisticos desta ou daquela escola. Isto é recebido como uma especie de offensa commum. O responsavel passa logo pela condemnação de **métier**, inspirada de pedantismo profissional. Porque tambem não há classe de artistas mais pedante que a dos pintores. Para defender o preconceito de sua escola, usam a velha chicana sobre o modo de conceber a posição da critica. Esta é tida por incompetente quando não entende de todas as minucias da cozinha dos pintores. Devia o crítico ser tambem um profissional militante, e assim crítico e autor deixariam de encarnar como em todos os tempos funções determinadas e distinctas. Esses "criadores" se fecham na presumpção do officio e não podem comprehender que o senso critico é algo de independente do **métier** puro. Esta é aliás a unica razão de ser da critica, a sua força: estar acima das prevenções das escolas, da parcialidade dos seus adeptos. Formassem critico e autor uma só personalidade, então é que o primeiro desapareceria por trás do segundo, incapaz para guardar a sua sensibilidade livre de qualquer compromisso.

Presentemente existe no Brasil uma tendencia á consagração do heróe no dominio das artes plasticas. Estamos como no tempo de Cellini, quando os discipulos eram mesmo "les gens d'armes" do mestre. O senso critico estaria tão só em prosternar-se ungidamente.

*

No Salão dos Artistas Brasileiros (Palace Hotel), o pintor Orlando Teruz, que já concorrera no Salão Nacional de Bellas-Artes, nos deu com a sua exposição o acontecimento artistico de maior interesse para as nossas artes plasticas, neste fim de anno.



Teruz é um moderno, mas acima de tudo um artista que não recusa a inspiração do passado e procura aproximar-se da experiência técnica dos mestres antigos.

A grande vantagem desse pintor é reunir a técnica a uma sensibilidade poderosa, capaz de transfigurar o material da natureza em uma verdadeira surpresa de criação. Assim como aceitou e realizou na sua pintura a experiência modernista, com os valores plásticos suplantados pelo sentido themático, também não teve a ingenuidade de voltar as costas à tradição e foi buscar nos italianos mais antigos muitas sugestões de colorido e de técnica.

Dahi por que a sua pintura nos dá às vezes uma sensação profundamente mystica, mesmo quando o thema não tem qualquer sentido religioso. A forma plástica mergulhada numa tonalidade supraterrena.

Que Orlando Teruz pode se apresentar como um grande pintor brasileiro, plenamente integrado no manejo técnico da pintura e guiado por uma intensa poesia plástica, é o que podemos afirmar depois de termos visto na sua exposição obras de uma espiritualidade admirável, cuja pureza plástica em nada diminui o prestígio da imaginação.

*

No salão nobre do Palace Hotel expuseram seguidamente os pintores Errico Bianco, Bibi Zogbé e Gilberto Trompovsky. Estes dois últimos, um arabe-argentino e o outro russo-brasileiro, apresentaram numerosos quadros de flores, sem nos darem grandes surpresas com esse thema, onde se pode revelar o talento de um colorista. O sr. Errico Bianco é um artista moço, de 22 annos, que obteve apreciável publicidade, pois a escola de Candido Portinari attrae actualmente todas as atenções. Pela sua idade, não admira que o discípulo ainda esteja sob forte influencia de escola. Como seu mestre, o novo pintor cultiva principalmente o retrato, e deu-nos uma rica galeria. A compreensão técnica já é apreciável, mas evidentemente ainda lhe falta uma experiência de sensibilidade mais ampla. Os quadros accusam a frieza de *métier*, não nos communicam a verdadeira emoção criadora. Mas Errico Bianco, pela sua mocidade mesmo, já pode ser olhado com admiração e sympathia.

*

Os dois salões do Palace Hotel nestes ultimos meses do anno têm sido ininterruptamente occupados. Pelo Salão dos Artistas Brasileiros passaram depois de O. Teruz os pintores Friedrich Maron — Edith Broe e Riokai Ohashi — Helena Pereira da Silva Ohashi.

Os primeiros expuseram alguns desenhos interessantes em técnica de gravura e pastel e um maior numero de pinturas. Não sei se a palavra está bem empregada. Nestes dias de guerra, a pintura também vai virando commercio de infantilidades decorativas. Em materia de colorido, jamais tinhamos visto um disparate tão estrambotico, salvo nos painéis tropicaes e civicos dos srs. Visconte e La Greca.

Os dois Ohashi dedicam-se inteiramente ao genero lyrico. Mas não há nada de typicamente japonês no estilo dos quadros. Mal reconhecemos o classico motivo das cerejeiras floridas. A arte do sr. Ohashi internacionalizou-se plenamente. Paris, com seus recantos antigos, trechos de ruas, fachadas velhas, vitrinas e annuncios populares, é um assumpto frequente na

pintura desse japonês. Mas para um pintor que vem do país mais lyrico do Oriente, a terra dos jardins, não encontramos nenhuma surpresa, apesar de toda aquella quantidade de flores.

*

No Museu de Bellas-Artes, não faltaram tambem expositores. No hall, o sr. Vittorio Gobbis, e mais o pintor português Ricardo Bensaúde e a exposição retrospectiva do pintor Lucilio de Albuquerque.

O sr. Bensaúde utiliza uma grande variedade de themes e de technicas. Retratos, motivos populares de Portugal, paisagens e uns poucos afrescos (uma santa mutilada e mosaicos de peixes). Dos retratos, na maioria mediocres, vale a pena mencionar os do principe Yura Tcherkessoffe e da sra. José Guedes. O primeiro é uma interpretação physionomica muito fiel do typo de autocrata russo, embora o colorido das carnes seja um tanto duvidoso e um fundo mediocre.

*

O desenhista Augusto Rodrigues pinta no momento um cyclo de casamentos, que poderá vir a ser um excellent documentario social. Particularmente um **Palhaço e Bailarina** de forte sentido impressionista e com aquelle tom de humor psychologico habitual nos desenhos do autor, sempre deformados para effeito de interpretação. Aliás, Augusto Rodrigues é muito mais desenhista do que pintor. Nas suas "pinturas", o traço, com aquelle especial sentido de ironia, prevalece sobre a plasticidade. A intenção predomina sobre a representação.

R. N.



POLITICA INTERNACIONAL

O TERCEIRO PERIODO DE ROOSEVELT

O Presidente Franklin Roosevelt foi reeleito a cinco de novembro para um terceiro periodo governamental, quebrando assim a praxe assentada por Washington, que considerava o "third term" perigoso para as instituições democraticas.

Essa reeleição atesta no entanto o sentido de realismo do povo norte-americano. Resultou das condições especialissimas em que se acha a nação, das ameaças criadas pela guerra na Europa e, sobretudo, da confiança que inspira a acção do Presidente Roosevelt e do seu secretario de Estado Cordell Hull, já experientes nos negocios politicos do mundo e por isso mesmo mais capazes de conduzir os destinos do país nas circunstancias difficeis da hora actual.

Assim temos que verificar que a reeleição foi antes de mais nada uma consequência dos problemas internacionaes e se vincula ás directrizes traçadas pelo Presidente Roosevelt para a defesa do Hemispherio Occidental.

O proprio acto do grande homem acceitando a candidatura no verão passado, como elle proprio declarou, nasceu da convicção de que estava em condições particulares para preencher o cargo com proveito para a Republica e o mundo. Toma-o Roosevelt como uma prestação de serviço, igual á do soldado que não tem direito de repousar quando a cidadella corra perigo.

Assim, tanto a deliberação de concorrer ao pleito como o voto do povo dos Estados-Unidos têm a mesma origem, que é a certeza de dias minazes no futuro proximo, não somente para as democracias europeas, das quaes sobreresta, como mais alta expressão, a resistencia britannica, mas para a propria segurança e integridade do continente americano, exposto á cobiça e vindicta das ditaduras victoriosas, se os Estados-Unidos não estivessem em situação material de preservá-lo efficaamente.

Roosevelt foi eleito para o terceiro periodo, afim de executar no maximo da amplitude o programma dessa defesa.

Como era de esperar, os países totalitarios receberam o escrutinio de 5 de novembro com bem comprehensivel desgosto. Tudo haviam feito por intermedio de agentes e influencias secretas para comprometter a candidatura Roosevelt.

Deve-se porém ao adversario do Presidente, sr. Wendell Wilkie, a justiça de reconhecer que não se concluiu com esses agentes e manteve, no curso da campanha, uma attitude varonil, de completa comprehensão dos problemas internacionaes e decidida ajuda ao povo britannico na luta contra o totalitarismo.

Essa posição do Partido Republicano, assumida corajosamente, comprova a quasi unanimidade do povo dos Estados-Unidos na idéa de que o



auxilio prestado á Grã-Bretanha é o primeiro e mais importante esforço defensivo da America, de que hoje na verdade a linha de defesa mais avançada do Hemispherio Occidental se encontra no Canal da Mancha.

Terminado o pleito, os Republicanos, como é de hábito nos Estados-Unidos, reconheceram-lhe a lisura e verdade, proclamando a victoria do contendor democratico, e, á frente o sr. Wilkie, prestaram, em homenagem á unidade espiritual dos Estados-Unidos, o compromisso de esquecer a luta e colaborar lealmente com o chefe escolhido.

O terceiro periodo de Roosevelt será indubitavelmente o mais difficil. Nos anteriores o seu esforço quasi que se limitou aos problemas internos, que, embora ingentes, tinham na propria capacidade economica e financeira do país a chave da sua resolução. Agora, no entanto, o Presidente terá que enfrentar contingencias muito mais serias, entre as quaes se incluye a probabilidade de uma guerra nos dois oceanos.

Nos ultimos dias de novembro, o secretario Knox affirmava, dando a medida das preocupações do seu governo, que os Estados-Unidos deveriam augmentar os soccorros á Inglaterra, ainda que com isso ficassem em risco de prejudicar os seus proprios armamentos.

Essa declaração é o indice do estado de espirito da administração de Roosevelt no limiar do seu terceiro periodo. O rearmamento é a nota essencial do governo, mas acima desse programma está o auxilio á Grã-Bretanha, que com elle se confunde na finalidade, e pode ser considerado como uma antecipação do esforço futuro da guerra para quebrar a resistencia dos inimigos, facilitando a tarefa que os acontecimentos imponham aos Estados-Unidos.

Do ponto de vista pan-americano a continuação de Roosevelt, na Casa Branca é uma garantia de consolidação da politica de solidariedade e boa vizinhança para a qual talvez o tradicionalismo republicano não tivesse toda a comprehensão necessaria, sobretudo no que essa politica repercuta nos interesses economicos das Republicas do continente.

A GRECIA ATACADA

A Italia vinha preparando, desde julho passado, um ataque á Grecia. Levantara, para isso, questões territoriaes com a Albania, para justificar a aggressão.

Mais tarde arranjou outro pretexto: o de que o governo de Athenas offerecera em maio ultimo bases aereas e navaes á França e á Inglaterra.

Papeis encontrados pelos alemães em Paris comprovariam a accusação. Na verdade, as razões eram outras. As tropas italianas do general Grazziani acham-se paralyzadas no deserto da Lybia, após terem penetrado no Egypto até Sid Barrani. Dahi não passarão. Reina o maior desanimo entre ellas, e o enquadramento de officiaes germanicos não modificou seriamente a situação, pois incontestavelmente as tropas e commandantes italianos são superiores aos seus alliados para a guerra na Africa.

A opinião publica da peninsula começa a dar mostras de inquietação, os "pequenos burgueses" que o sr. Mussolini decidiu expulsar do Partido Fascista estavam murmurando. Havia a urgente necessidade de uma acción bellica expressiva para contrabalançar os insucessos das armas nacionaes. Dahi o plano de ataque aos gregos.

O sr. Mussolini convencera-se de que a empresa seria facil. Tinha informações do descontentamento do povo helleno e da possibilidade de uma revolução, assim que os italianos transpusessem as fronteiras da Grecia.

Falava-se mesmo que o príncipe Paulo trairia, o irmão, o rei Jorge, á frente do grupo italianophilo de Athenas.

Tudo não passaria de um brilhante divertimento, no qual, sem sacrificios, a Italia colheria novos louros para as armas fascistas. Quis o destino que as coisas se passassem de modo diverso.

A Grecia resistiu com o denodo dos velhos tempos. O povo levantou-se unido e conteve os italianos nas fronteiras, levou-os de roldão ao territorio albanês, bateu-os em todas as frentes, aniquilou as suas divisões, numa das mais expressivas victorias nas lutas dos povos fortes contra os fracos.

A Alemanha, que a principio se declarara neutra no conflicto italo-grego, decidiu por fim soccorrer a sua alliada, para salvar o prestigio do Eixo e apressar a consecução dos objectivos estrategicos do ataque á Grecia, que é a sua aproximação da Turquia, dos poços petroliferos ingleses no Irak e do canal de Suez.

O que os fascistas pensavam obter com uma simples passeata militar, converteu-se numa tragedia. Não é preciso accrescentar que os ingleses, cumprindo promptamente as suas obrigações com a Grecia, deram-lhe immediata assistencia material. Ao findar do mês, o Eixo negociava com a Bulgaria a passagem de tropas alemãs pelo seu territorio e mesmo a colaboração bulgara para um ataque ao illustre país de Metaxas.

Essa hypothese determinaria a entrada da Turquia na luta, alargando o conflicto europeu e comportando enormes possibilidades para demonstrar ainda uma vez que os problemas do continente não podem ser resolvidos sem a intervenção dos Balkans.

AUSTREGESILO DE ATHAYDE



NOTAS E COMMENTARIOS

“LETRAS NORTE-AMERICANAS”

No seu numero de janeiro proximo, a REVISTA DO BRASIL iniciará uma nova secção com o titulo acima, que será uma resenha critica e bibliographica da producção intellectual norte-americana em seus varios sectores.

Mediante accordo com a Bibliotheca do Congresso, de Washington, as grandes casas editoras dos Estados-Unidos enviar-nos-ão regularmente os principaes livros publicados em todas as especialidades.

Hoje, mais do que nunca, com a guerra, que tão fundamente perturba e em certos casos paralyza a actividade intellectual da Europa, nesse eclipse da civilização no continente que ensinou os homens a viver com dignidade, redobra de interesse a vasta e fecunda contribuição das letras norte-americanas, na ficção, nos estudos historicos e sociologicos, nas differentes espheras de investigação e pesquisa scientificas.

A secção “Letras Norte-Americanas” registará, em pequenas notas criticas de autoria de alguns dos maiores especialistas brasileiros em cada materia, as obras de maior importancia ou repercussão.

VELHAS FOLHINHAS

As folhinhas de hoje não têm mais o encanto, o sabor, a ingenuidade das de outros tempos. Agora, todas as informações que ellas contêm são de utilidade immediata ou estão ligadas a uma publicidade tendenciosa — propaganda de productos pharmaceuticos, de preferencia relativos ás funcções do ventre ou do utero... Antigamente, não: a folhinha para um anno novo, sem desdenhar o assumpto grave, excluía como indecente qualquer publicidade e alinhava pachorrentamente codigos, leis, datas, endereços, commemorações.

Esta, por exemplo, Folhinha de Justiça, de R. Ogier, para o anno de 1837, 1.º depois do Bissexto e 16.º da Independencia e do Im-



perio, num pequeno e maneiro volumezinho que pertenceu ao primeiro Martim Francisco e por este foi dado ao Barão de Penedo, é ainda hoje de leitura agradável, e se já não serve de guia aos cidadãos do Imperio, aos subditos do menino D. Pedro II, sob a Regencia do Padre Diogo Antonio Feijó, palpita de interesse e prodigaliza dados por vezes muito preciosos aos pesquisadores do nosso passado.

O *Calendario e a Chronologia, as épocas geraes, as épocas nationaes, o computo ecclesiastico, as noticias astronomicas, os dias de grande e de pequena gala, os dias feriados, as datas natalicias dos membros da Casa Imperial, os dias de audiencia e tribunaes, o mappa das partidas dos Correios, a lista dos Senhores Senadores e a dos Senhores Deputados para a Legislatura de 1834 a 1837, a relação do Corpo Diplomatico residente na Côrte do Rio de Janeiro* — tudo isso se somma a uma circunstanciada noticia geographica e politica do Imperio do Brasil, ao texto massico do *Codigo Criminal do Imperio com os seus 313 artigos, do Codigo do Processo Criminal com 355 artigos, e das Instrucções para a execução do ultimo.*

O Regente Feijó, em nome do Imperador, despachava ás terças e sextas-feiras de manhã no Paço, e nos mesmos dias eram as sessões do Supremo Tribunal de Justiça.

A lista de senadores, as provincias enumeradas por ordem alfabética, era encabeçada pelo Marquês de Barbacena, representante das Alagoas; o ultimo senador mencionado era o unico de Sergipe — José Teixeira da Mata Bacellar.

E. Pontois abria a lista do Corpo Diplomatico, como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da França, e residia na rua do Infante. Pontois estava no Brasil desde os ultimos annos do reinado de Pedro I.

O encarregado de negocios da Inglaterra era W. C. Ousely, morador no Caminho de Botafogo; o da Russia — o Barão de Maltitz, habitante do Catete. Tinham representantes diplomaticos no Brasil apenas nove países — França, Portugal, Inglaterra, Austria, Roma, Russia, Belgica, Sardenha e Espanha. Evidentemente, a lista da *Folhinha Ogier* devia estar incompleta.

Em compensação, figuravam vinte e cinco representantes consulares. Nomes, nomes, muitos nomes de senadores, deputados, ministros, consules. Quasi todos esquecidos. Todos mortos, como esse "anno novo" de 1837 que reviven por alguns instantes ao toque dos dedos que folhearam a velha *Folhinha da Justiça de R. Ogier*, á venda na rua do Rosario, n.º 132, no Rio de Janeiro do Padre Feijó e de Pedro I, Imperador de 12 annos...

PESQUISAS E DOCUMENTOS

A COROA QUE OS ALUMNOS DA ACADEMIA MEDICO-CIRURGICA OFFERECERAM A EVARISTO DA VEIGA

O jornalista da Aurora Fluminense, combatido, calunniado, com a vida em risco por um odioso attentado de que foi victima na noite de 8 de novembro de 1832, teve o apoio dos elementos mais sadios da época e as sympathias da mocidade.

No dia 7 de abril de 1833, commemorando o 2.º anniversario da Revolução, os estudantes da Escola de Medicina offereceram-lhe uma coroa, não de louros, mas de "folhas brast-letras".

O orador da Academia assim falou, depois de invocar a Grecia e seus herões:

"Ouviram as vozes do Brasil, olharam para vossa vida publica e conheceram que nada mais deviam fazer do que colher os louros para nos ornarem a frente; elles, pois, nos commetteram a grata missão de offertar-vos esta coroa de folhas brasileiras, como symbolo de sua gratidão para comvosco...

Acceitae-a, cidadão, ornae com ella essa frente sobre que o Brasil tem fitas as suas vistas.

.....
Aceltae os protestos de estima de uma mocidade que vos respeita e que em nome da Patria está prompta a velar pela vossa segurança, da qual depende hoje a Liberdade..."

Evaristo não detinha postos de governo, não nomeava ninguém: era apenas um jornalista, um livreiro do Rio de Janeiro que Minas Geraes fizera seu representante na Camara dos Deputados. Tinha grande valor a coroa de "folhas brasileiras".

VARIÉDADES

PALAVRAS DE HERNANDEZ CATÁ — Nas vespéras de sua trágica morte no desastre de aviação occorrido nesta capital aos primeiros dias de novembro, Hernandez Catá, o illustre escriptor e diplomata cubano que o Brasil se habituara a admirar, concedeu a *A Gazeta*, de São Paulo, interessante entrevista, em que se fixaram alguns traços marcantes de sua personalidade.

“Não pertenço a uma família de escriptores, nem de intellectuaes — disse o entrevistado. — Tive uma mocidade accidentada e difficil. Aos treze annos, deixei minha casa e meu país e parti para a Espanha. Nessa época, sem saber como nem por que, já escrevia versos. Fui o prototypo do autodidacta. Em Madrid lutei com toda sorte de obstaculos; vivia pelas bibliothecas publicas, desalterando minha avidez de conhecimentos. Não fiz estudos officiaes, jamais cursei uma universidade. Ia aprendendo com-migo mesmo, lendo espantosamente. E escrevendo também. Dos versos, passei a fazer contos e a lançar artigos nos jornaes. Minha producção jornalística é enorme. Creio que escrevi mais de mil artigos assignados. Depois, vieram as novellas e os romances. Mas eu me interessava por tudo e até hoje, felizmente, conservo essa curiosidade intellectual sem limite, que vaé do campo da arte ao das sciencias concretas, passando por todas as gradações.”

Falando sobre a sua obra, accentuou que ella estava marcada por um certo naturalismo, que não excluía o idealismo, a fantasia e a poesia; “um naturalismo sublimado pela ternura, a idealidade, a comprehensão humana. A phrase é de Goethe: apoiar-se na realidade somente com um pé.” Eram os seus themas predilectos — os da responsabilidade humana, da sensualidade e da ansia de aventura. Estava escrevendo, então, três novos livros: um de ensaios, um de contos e uma novella cubana. Confessou o seu interesse pelas letras brasileiras contemporaneas e a sua admiração por Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Erico Verissimo e outros.

Por ultimo, falou da diplomacia: “A concepção que tenho da diplomacia está muito longe da do diplomata caricatural, espia illustre e observador hostile. Ou do elegante de casaca, gastronomo e *dandy*, figura de relevo dos chás dançantes e do *hall* dos grandes hotéis. O diplomata dos países jovens deve ser um corretor de cultura, ponte viva por onde a alma de uma terra passe a outra, um agente operoso de interconhecimento. Assim comprehendo a minha função, procurando estar em contacto real e cordial com as forças vivas do país onde me encontro — escriptores, poetas, homens de acção. E isso me tem dado o melhor resultado. Em todo lugar, dentro de três dias, já não sou considerado um estrangeiro, perdendo em vantagens protocolares o que sempre ganho em amizades verdadeiras, sobretudo no prazer de conhecer e amar o país onde estou consumindo annos de minha existencia.”

DA FRANÇA PARA OS EE.-UU. — Da França têm fugido numerosos intellectuaes, nos ultimos tempos, e varios delles, nomes illustres, têm



procurado os Estados-Unidos. Entre elles, citam-se Heinrich Mann, Franz Wersfel, Alfred Polgar Walther, Victor e Hermann Budsziszlawoski, Henri Grégoire e outros. Cita-se tambem Konrad Heiden, autor do livro *Hitler. A era da irresponsabilidade* — biographia e ensaio critico que já tem traducção brasileira.

Konrad Heiden, que é judeu, estava internado num campo de concentração francês, proximo a Tours, e, aproveitando, certo dia, a desordem causada por um bombardeio verificado nos arredores, fugiu. Em meio a riscos e aventuras, conseguiu alcançar Lisboa e, dahi, os Estados-Unidos, com a ajuda de alguns amigos norte-americanos.

AMOR! — Do Ceará: No municipio de Limoeiro, no lugar Taboleiro de Areia, realizou-se um casamento original. O velho Adelino Rodrigues, com 78 annos de idade, e viuvo pela terceira vez, contrahiu nupcias com uma velha de 74 annos, Maria Passos. Celebraram o acontecimento com uma grande festa em sua residencia.

ENTREVISTA — Falando a um jornal bahiano, o escriptor Jorge Amado declarou que nasceu em Pirangy, no municipio de Ilhéos, tendo sido registrado muitos annos depois em Serradas, no municipio de Itabuna. Declarou mais que publicará em breve o romance *São Jorge de Ilhéos*.

NOTICIAS DA FRANÇA — Segundo um telegramma de Paris (United Press), foi divulgada a lista dos livros prohibidos pelas autoridades alemãs, ou retirados da venda pelos editores, a qual attinge a quasi 1.500 obras, de uns 600 autores differentes, contidas em um catalogo de 11 paginas.

Entre os livros referidos figuram as primeiras edições da traducção de *Mein Kampf*, de Hitler. Um dos autores mais castigados pela disposição é o sr. Léon Blum, de quem foram cassados quatro livros, inclusive *Marriage*. André Maurois figura na lista por sua historia da Inglaterra e *Origens da Guerra de 1939*.

Entre os autores alemães, estão prohibidos: Heinrich e Thomas Mann, Sigmund Freud, Emil Ludwig, Stefan Zweig e Heinrich Seino. Entre os judeus, contam-se: Julien Benda, Victor Baich e Joseph Kessel. Das personalidades francesas estão incluídas Daladier, com sua *Défense du pays*; Mandel, com *Moyen de salut gouverner*; Reynaud, com *Le courage de la France*, *As finanças em tempo de guerra* e *Problemas militares franceses*. Nos restantes livros figuram todas as obras de Leon Trotsky e produções do general De Gaulle; Léon Daudet, Charles Maurras, Jacques Bainville, Geneviève Tabouis, Nery de Quirillis, Ernest Mercier, Vladimir Horner-son, Robert Dumas e outros.

OPINIÕES SOBRE O MARIDO IDEAL — Lê-se num jornal do Rio: "Um livro publicado pela actriz cinematographica ianque Ann Sothern, no qual ella opina sobre as qualidades que devem adornar o "marido ideal", levanta larga discussão e logo uma outra "estrella", Fulda de Krentz, entendeu que podia liquidar a questão com um pequeno artigo num jornal de Hollywood, no qual desenvolve a seguinte these: — "Não é possível existir o ideal dos maridos, porque a perfeição não é deste mundo. Basta que as mulheres se contentem com um marido que não tenha nunca a convicção de poder trazer a esposa sujeita á sua vontade ou aos seus caprichos, só porque lhe paga as despesas com chapéus, vestidos, calçados, joias e perfumes. Essa pretensão é o infortunio de muitas vidas e a ruina de muitos lares."

A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS

«OS SETE MYSTERIOS DA EUROPA»

Jules Romains, ora refugiado nos Estados-Unidos, vem publicando no The Saturday Evening Post, sob o titulo acima, uma serie de artigos em que narra o papel que desempenhou em varias manobras diplomaticas da maior importancia. Desde a guerra de 1914 jurara a si mesmo trabalhar com todas as suas forças para impedir que nova calamidade dessa ordem assolasse o mundo. Como procurou cumprir essa promessa, e como tudo falhou devido ao que chama de "mysterios europeus", é o que explica nestes estudos sobre varias personalidades politicas.

N.º 1

O MYSTERIO DE DALADIER

Veio a mim de mão estendida; era homem de minha idade, mais baixo do que eu, solido, de pescoço de touro; face typica de gallo-romano, moreno, olhos penetrantes, voz clara e energica.

Tinha sido chamado por elle, então ministro da Instrução Publica — isso foi em 1926 — para conversarmos sobre a minha peça *O Ditador*, que a Co-

médie Française hesitava em levar por conter allusões politicas, e lhe submetera. Elle autorizou as representações.

Ao deixá-lo, pensei: "E' um homem. Talvez o homem de que necessitamos. Não o perderei de vista."

Poucos meses depois já não era ministro, mas presidente do partido radical-socialista. O partido era ainda a maior força politica francesa e o seu presidente, se quisesse, poderia exercer a maior influencia tanto na politica interna como na externa. A França precisava tomar a deanteira das reformas sociaes, e criar na Europa uma ordem permanente. "Uma dupla tarefa nos incumbe, escrevi então a Daladier; devemos incorporar o syndicalismo ao Estado e construir a unidade européa. Respondeu-me que se mostraria digno da confiança que me inspirava.

Todos já viram a praça da Concordia, ao menos no cinema. Imaginem-na por uma branda e bella tarde de fevereiro, cheia de milhares de homens cujos gestos e palavras revelam grande agitação. Muitos trazem boinas bascas e têm bengalas nas mãos. De vez em quando ouve-se um tiro de revolver, que soa chocho na praça tumultuosa.



Contra a ponte da Concórdia distingue-se uma linha de cavalaria. Os soldados, formados em leque, tentam avançar e dispersar o povo. Então ouve-se alguma coisa que parece uma salva — a “guarda republicana” — ou talvez a “guarda movel” — começava a atirar. Era a famosa revolta de 6 de fevereiro de 1934.

O motim seguia-se a uma serie de disturbios menores que vinham pipocando havia um mês, causados pelo mal-estar geral proveniente das incessantes quedas de ministerio e do escandaloso “caso Stavinsky” que compromettera não só politicos como grandes commerciantes. Tudo isso dera ás organizações fascistas, das quaes a “Croix de Feu” era a mais famosa, um pretexto para um golpe contra o regime parlamentar.

A fraqueza do governo era evidente — e á sua frente estava Daladier, o homem que me parecera tão forte oito annos antes. Eu não comprehendia o que se passava.

Elle voltara ao governo havia uma quinzena, aclamado pela opinião publica como um homem taciturno, energico, teimoso, “o touro de Vancluse”.

E entretanto, no dia seguinte, começavam a correr rumores da sua renuncia. Grupos de desordeiros gritavam “Morra Daladier, o fuzilador!” sob as vistas da policia impassivel.

E o “touro” capitulou deante de uma arruaça que simples precauções policiaes teriam impedido. Abandonou Paris á desordem, a França á ameaça de guerra civil, e porque alguns tiros tinham sido desferidos sem autorização pela “guarda movel” ficou sendo “Daladier, o fuzilador”.

Comprehendi que a personalidade de Daladier — a sua personalidade politica — tinha uma grande falha. Seria optimismo

excessivo esperar que essa falha desaparecesse, e não tornasse a apparecer quando tivesse de enfrentar novas crises.

Dois annos mais tarde, em 1936, as eleições deram grande maioria á “Frente Popular”, de que Daladier era um dos chefes, embora secundario.

O governo, formado com essa maioria, deveria durar até a nova Camara, até 1940.

A situação europeia era cada vez mais grave. Na Alemanha o nazismo crescia diariamente em força e insolencia. A Italia fascista, a braços com a campanha da Ethiopia, aproximava-se da Alemanha. Direi depois como as democracias deixaram então escapar a unica oportunidade de salvar a paz e a liberdade no mundo.

Em politica estrangeira, faltavam á “Frente Popular” preparo e orientação. Léon Blum, bem informado e intelligente, era entravado pelos communistas que recebiam ordens de Moscou. Precisaria, para auxiliá-lo, um ministro de estrangeiros que não fosse marxista, que fosse independente, de bom-senso, honesto, profundamente devotado á causa da paz. Mas não pullulavam os politicos com essas qualidades.

Confesso que intriguei para ser escolhido Yvon Delbos. Daladier só soube do plano quando estava victorioso. Elle ficou como ministro da Guerra, pasta que conservou quando, em 1938, assumiu a presidencia do Conselho, tendo Georges Bonnet substituido Delbos no Quai d'Orsay, depois da breve passagem de Paul Boncour, no ephemero segundo gabinete Blum.

Foi então que realizou a conferencia de Munich, da qual Daladier regressou certo de haver cumprido o seu dever, mas tambem de ter desagradado á opinião franceza. Com surpresa sua, foi aclamado em Paris. Mas

logo houve uma reviravolta. O discurso de Hitler em Saarbrücken começou a esfriar o entusiasmo. A intriga fez o resto. Os comunistas que tinham ordens de Moscou para hostilizar o gabinete Daladier-Bonnet, com o castigo do acordo de Munich, começaram, do modo mais desleal e inteligente, a agitar as classes trabalhistas, agitação que não cessaram de fomentar nem depois de declarada a guerra.

"Daladier está se abatendo", disse-me então Bonnet; "ele se sente traído, e não vê a imensa popularidade de que goza entre a gente que constitui o verdadeiro arcabouço do país. Com um pouco de energia ele desbarataria os agitadores comunistas. Mas é capaz de fraquejar, e, se fraquejar, estamos perdidos."

De facto, todos punham nelle immensas esperanças, e já ninguém se lembrava do seu colapso em fevereiro de 1934.

Em novembro escrevi-lhe uma longa carta em que lhe dizia que só elle poderia salvar a França; que era illimitada a confiança de que gozava, que o país exigia delle grandeza e heroísmo.

Quis conversar commigo depois de receber essa carta, e me disse: "Conheço a minha responsabilidade perante a historia. Procurarei mostrar-me á altura da minha tarefa. Não trairei a confiança dos que acreditam em mim."

Era ainda o mesmo homem de 1926, — apenas um pouco mais gordo, mais corado, e com um olhar mais brando e cansado nos olhos penetrantes.

Pedi-me que fizesse um "Appello á Nação", no qual pus todo o meu fervor, e que foi recebido com entusiasmo; creio que auxiliou muito a Daladier e em parte a elle se deve o fracasso da primeira greve de novembro.

Mas os agitadores não paravam, e a 14 do mesmo mês nova greve geral se declarava. Daladier agiu com energia, mobilizando todos os funcionarios ferroviarios, que assim se tornariam passíveis de serem condemnados pela côrte marcial, caso desobedecessem. Ameaçou de demissão todos os funcionarios civis que não se apresentassem ao trabalho. E venceu. "Não me faltaram conselhos para ceder" — disse-me então; "ainda ontem, á tarde, quatro dos meus ministros vieram instar commigo para negociar com os chefes da agitação comunista. Como vê, não os ouvi. Agora, poderei ser generoso. Procurarei demittir o menor numero possível, e conseguir dos patrões que não abusem da minha victoria."

Nesse momento, senti que havia de facto alguma coisa de grande em Daladier.

Mas já é tempo de mostrar o Daladier da guerra. Voltemos ao dia 16 de outubro, uma segunda-feira. Era cerca de meio-dia, encontrava-me no gabinete do embaixador francês em Bruxellas; eu fóra á Belgica numa missão que me parecia então muito importante e que agora ainda mais importante me parece. Tivesse Daladier — já investido de poderes ditatoriales e com três pastas no ministerio — sabido aproveitar o que eu obtivera, e o feroz ataque de maio de 1940 contra a Belgica e a Hollanda não teria sido a catastrophe que foi para a França.

Pedi ao embaixador que me obtivesse uma ligação telephonica para Daladier. Pelo seu espanito vi que o *premier* lhe parecia uma inabordable divindade. Marcamos encontro em Paris para o dia seguinte, ás 5 horas da tarde. Talvez eu precisasse voltar a Bruxellas pelo nocturno. Preparei cuidadosamente o que devia dizer para fazer Daladier resol-

ver em cinco minutos. Todos se queixavam de que elle não resolvia nada, que pensava demais e desconfiava de toda a gente.

Realmente nada consegui. Para ultimar as negociações por mim encetadas na Belgica, era indispensavel uma carta pessoal de Daladier ao rei, que muito o estimava. Objectou-me que não podia escrever, que só o presidente Lebrun o poderia, como chefe de Estado, que não tinha tempo para pensar nisso no momento, pois marcara trabalhar á noite com Gamelin, e finalmente me disse que eu saberia da resposta no dia seguinte, por Couloudre. No dia seguinte, ouvi de Couloudre que o *premier* continuava indeciso, achando, aliás, que não devíamos nos apressar, que as negociações lucrariam em ser, na sua propria expressão, cozidas em fogo lento.

Já que não conseguia agir directamente sobre Daladier, tentei fazê-lo por meio de seus collegas. De todos ouvi que eu tinha razão, mas que Daladier não admittia que abrissem as questões antes delle.

Só voltei a Bruxellas três meses depois, e o rei nunca recebeu a carta de Daladier.

Que acontecera a Daladier, para transformá-lo assim?

Tornara-se de facto um ditador — sem a efficiencia dos ditadores. No fundo, ainda era um democrata. Era um ditador tolhido pela consciencia democratica, seja dito em sua honra. Não teve força para vencer a resistencia passiva que encontrava, vinda da rotina da politica, da indolencia, da inercia por vezes criminosa, porque paralyzavam-no os escrupulos de homem livre, receoso de fazer dos outros homens meros instrumentos.

Infelizmente, isso não o impediu de contrahir, inconscientemente, muitos dos vicios dos ditadores — a desconfiança dos

outros, o gosto pela solidão, a pretensão de tudo saber e de ter sempre razão, a aversão pelas personalidades independentes que ousavam contrariá-lo.

Daladier foi sinceramente contra a guerra. Soldado de 1914, sabia o que ella era, e quis tudo fazer para impedi-la. Até março de 1939 julgou possivel evitá-la; e mesmo depois de declarada, ainda se refugiou na sua ultima illusão: a de vencer a Alemanha pela fome ou pela revolução interna, sem derramamento de sangue.

Na verdade, este é um estado de espirito particularmente improprio para dirigir um país em guerra.

Houve, bem sei, outros factores do seu enfraquecimento. Falou-se muito de que abusava do alcool, mencionaram-se nomes de mulheres, particularmente o da marquesa de Aussols. De facto, Daladier desperdiçou assim muita energia. O filho do padeiro de Orange foi uma presa facil do esnobismo, envaldeceu-se da ligação com uma marquesa, expôs-se assim a influencias duvidosas, senão perniciosas. Mas tudo isso é secundario.

As mulheres pesaram menos nos acontecimentos do que os generaes. Daladier, o antigo lider da Frente Popular, o inimigo declarado da guerra e do militarismo, deixou-se inteiramente dominar pelos generaes. Tranca-do no Ministerio da Guerra como num monasterio, só ouvia as vozes dos generaes, vozes que, contra a opinião corrente, são agradaveis, medidas, cautelosas, insinuantes.

Mas isso nos leva ao mysterio Gamelin, que veremos a seguir.

JULES ROMAINS

(Condensado de *The Saturday Evening Post*).

RESENHA DO MÊS

11 DE OUTUBRO — Realizou-se a sessão inaugural da Sociedade Brasileira de Alimentação. * Duas conferencias: na Sociedade de Amigos de Alberto Torres, a do comm. Oliveira Bello, sobre *Colombo, seus conhecimentos e erros; sua influencia sobre a descoberta do Brasil em 1500*; e no Instituto de Estudos Brasileiros, a da sta. Monteiro Real sobre *O que é a technica de museu*.

12 — Installou-se, em Nictheroy, o I Congresso Medico do Estado do Rio de Janeiro. * Conferencias: *A personalidade de George Washington*, de Raul Fernandes, no Instituto Brasil-Estados-Unidos; *Impressões sobre o IX Congresso Brasileiro de Geographia*, do prof. Veiga Cabral, no Centro dos Professores do Ensino Technico Secundario; *Mes souvenirs sur Pierre Loti*, de Leopold Stern, na Academia Brasileira.

13 — Chegaram os primeiros aviões *North American* adquiridos pelo governo brasileiro nos Estados-Unidos.

14 — No seu curso de Extensão Universitaria, na Faculdade Nacional de Direito, Henri Torrès fez a segunda conferencia, sobre a profissão do advogado.

15 — Inaugurou-se, no Museu de Bellas-Artes, a Exposição Retrospectiva de Lucilio de Albuquerque. * Na Cruz Vermelha, o Sr. Isaias Alves fez uma conferencia sobre a função social da enfermeira.

16 — Na Parahyba, o presidente da Republica visitou as obras contra as seccas.

17 — Na Sociedade Brasileira de Philosophia, o almirante Raul Tavares pronunciou uma conferencia sobre a personalidade de Kant e a sra. Rachel Prado falou sobre "o aspecto philosophico da vida das três principaes precursoras do feminismo no Brasil: Nisia Floresta, Leolinda Daltro e Julia Lopes de Almeida".

18 — Chegou a Recife o presidente da Republica. * Realizou-se a sessão inaugural do II Congresso Odontologico Brasileiro. * No auditorio da A. B. I., o prof. René Poirier fez uma conferencia sobre *A philosophia e os contos de fadas*.

19 — Tiveram inicio as commemorações da Semana da Asa. * Inaugurou-se, no Palace Hotel, a exposição do pintor Orlando Teruz.

20 — Foi iniciado o Circuito Aereo Nacional. * Installou-se, em Aracaju, o I Congresso de Neurologia e Psychiatria do Nordeste.



21 — Regressou do Norte o presidente da Republica. * Realizou-se a sessão solemne commemorativa do 102º anniversario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fazendo-se ouvir os srs. embaixador Macedo Soares, Max Fleiuss e Pedro Calmon. * Inaugurou-se, na praça da Republica, a herma de Pandiá Calogeras. * Installou-se a Semana Antialcoolica.

22 — Sobre o thema *A resistencia organica do trabalhador nacional* o sr. Fabio Carneiro de Mendonça fez uma conferencia no D. I. P.

23 — O presidente da Republica partiu, por via aerea, para o Valle do Parahyba, afim de assistir ás grandes manobras das forças de terra, mar e ar. * Installou-se, sob a presidencia do ministro da Justiça, a Conferencia Penitenciaria Brasileira. * Stefan Zweig pronunciou uma conferencia no auditorio da A. B. I.: *Vienna de ontem*.

24 — No Lyceu Literario Português, d. Aquino Corrêa, em homenagem aos Centenarios de Portugal, realizou uma conferencia sobre o padre Antonio Vieira.

25 — Conferencias: na Sociedade de Amigos de Alberto Torres, a do prof. Jacques Raymundo — *Abusões e lendas — Genese e importancia de seu vocabulario*; no Centro D. Vital, a do prof. Maurice Byé — *Alain Fournier, autor do Grand Maulnes*.

26 — Varias homenagens foram prestadas, no Rio, á memoria de Evaristo de Moraes. * Inaugurou-se, na Associação Christã de Moços, a exposição de pintura de Jordão de Oliveira. * Installou-se, em Petropolis, o V Congresso dos Empregados no Commercio Hoteleiro.

27 — Encerraram-se as commemorações da Semana da Asa.

28 — Foi commemorado, em todo o país, o Dia do Funcionario Publico. * No Lyceu Literario Português, o sr. Costa Rego pronunciou uma conferencia sobre o Marquês de Pombal.

29 — Três conferencias: *Actualidade de Euclides da Cunha*, do sr. Gilberto Freyre, no Itamaraty; *A Republica do Peru e suas vias de comunicação*, do general Valentim Benicio, no Clube Militar; e *Alguns aspectos da vida inglesa*, do escriptor Philip Carr, na Academia Brasileira.

30 — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro commemorou a passagem do centenario natalicio do conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. Foi orador o sr. Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho.

31 — Inaugurou-se, no *hall* do Edificio Rex, a exposição de desenhos da artista argentina Serita Zagusti.

1 DE NOVEMBRO — Foi assignado um decreto-lei dispondo sobre a situação dos liberados condicionaes em face da lei do Serviço Militar.

2 — Dia de finados.

3 — Dando inicio ás commemorações do decennio de governo do presidente Getulio Vargas, realizou-se uma missa campal na esplanada do Russell.

4 — Na Faculdade Nacional de Direito, Henri Torrès fez uma conferencia sobre a oratoria romana.

5 — Installou-se o III Congresso Universitario de Esportes. * *Minhas emoções de jornalista*, conferencia de Henri Torrès, na A. B. I. * Inaugurou-se no Palace Hotel a exposição da pintora argentina Bibi Zogbé. * No Rio Grande do Sul tiveram inicio as festas commemorativas do bi-centenario de Porto Alegre.

6 — No Lyceu Literario Português, o embaixador J. C. de Macedo Soares fez uma conferencia sobre *Santo Antonio de Lisboa, militar do Brasil*.

7 — As crianças escolares nascidas depois de 10 de novembro de 1930 prestaram uma homenagem ao presidente da Republica.

8 — Na Associação Brasileira de Imprensa, inaugurou-se a Exposição do Livro Brasileiro, sendo orador o poeta Augusto Frederico Schmidt. * Realizou-se, em Manguinhos, a Festa da Aviação, tendo a aviadora Rosa Scherling saltado, em para-queadas, a mil metros de altura. * No jardim do Russell foi inaugurada a herma do pintor Rodolpho Amoedo. * Duas conferencias: na A. B. I., a do prof. Aloysio de Castro — *Epocações poeticas francesas*; na Sociedade de Amigos de Alberto Torres, a do jornalista Danton Jobim — *A doutrina de Monroe e a expansão dos Estados-Unidos*.

9 — Installou-se o II Congresso Brasileiro de Urologia.

10 — Inauguraram-se a Exposição Retrospectiva do Ministerio da Guerra e a XIII Feira Internacional de Amostras.

OUTRAS NOTICIAS — Afim de colher documentação sobre a obra do Aleijadinho, em Minas Geraes, organizou-se uma caravana de alumnos de escultura da Escola Nacional de Bellas-Artes, sob a chefia do prof. Corrêa Lima. * Foram nomeados representantes do Brasil no Congresso Luso-Brasileiro de Historia os srs. commandante Eugenio de Castro, embaixador J. C. de Macedo Soares, cel. Emilio Fernandes de Sousa Doca, Oswaldo Orico, Gustavo Barroso, capitão de fragata Didio Iratim, Affonso da Costa, Pedro Calmon, Celso Vieira, Afranio Peixoto e A. Austregesilo. * Assignalou-se a 1.º de novembro o cincoentenario da morte de Julio Ribeiro. * Perante o II Congresso de Neurologia, Psychiatria e Hygiene Mental do Nordeste, recentemente reunido em Aracaju, o prof. Gilberto Freyre pronunciou uma conferencia sobre o thema *Sociologia, psychologia e psychiatria*. * Obteve a maior repercussão nos circulos literarios a alteração dos estatutos da Academia Brasileira de Letras, no capitulo relativo á eleição dos seus membros. * Um exemplar do livro de Edouard Daladier, *Défense du pays*, com autographo do autor, vae ser vendido em leilão, em Recife, devendo o resultado da venda ser destinado a attenuar o soffrimento da população operaria de Londres, alcançada pelos ataques da aviação alemã. * A prefeitura de Diamantina (Minas Geraes) acaba de adquirir, para a Bibliotheca Municipal, a bibliotheca de Antonio Torres. * Di Cavalcanti levou a effeito em São Paulo uma exposição dos primeiros quadros que pintou no Brasil, depois de seu regresso da Europa. * O Grande Premio da Academia Brasileira, no valor de 10 contos de réis, foi concedido ao poeta Jorge de Lima, pelo seu livro *Tunica Inconsutil*. Foi relator da commissão julgadora o escriptor Mucio Leão.

* Parte do programma commemorativo do bicentenario de Porto Alegre, realizou-se o III Congresso Sul-Riograndense de Historia e Geographia.

* Desenvolveu suas actividades com o melhor exito, no Uruguay, a Missão Artistica e Cultural brasileira, chefiada pelo maestro Villa Lobos. * Sob o titulo *A Tribuna Brasileira*, o jornalista Léo Poldes criou uma "revista falada", destinada a apresentar, semanalmente, sob uma forma viva e pittoresca, todas as realizações nacionaes no dominio scientifico, literario, artistico, theatral, cinematographico e radiophonico. * A Academia de Letras de São Paulo vae realizar no proximo anno uma exposição cultural.

CONGRESSO DE POESIA

Estamos vivendo, sem duvida, o anno dos Congressos. Até agora, não houve mãos a medir: realizaram-se ou estão em vias de se realizar Congressos de Geographia, de Hydro-Climatismo, de Cirurgia, de Estradas de Ferro, de Contabilidade, de Viajantes Commerciaes, de Odontologia, de Espiritismo, de Estudantes, de Jornalistas Catholicos, de Psychiatria, de Syphilis, ou seja, Contra a Syphilis, e varios outros. Não é de estranhar que se anuncie, com algum rumor literario, um Congresso de Poesia.

Tudo parecia indicar que algo de extraordinario estava para acontecer: Manuel Bandeira publicou as suas *Poesias Completas* e entrou para a Academia Brasileira; Augusto Frederico Schmidt deu-nos *A Estrella Solitaria* e recebeu uma homenagem de character excepcional, de que participaram, ombro a ombro, homens de Estado, homens de letras e homens de negocios; Carlos Drummond de Andrade apparece com um *Sentimento do Mundo*, da mais densa e dramatica substancia; Ribeiro Couto vem da Europa com o *Cancioneiro de Dom Affonso*; Jorge de Lima proclama haver descoberto, na pintura, um novo caminho para o seu lyrismo; Guilherme de Almeida reedita varios volumes; Mario de Andrade annuncia o *Girasol da Madrugada* e Augusto Meyer o seu *Caderno Azul*.

Evidentemente, qualquer coisa de inedito estava para acontecer, porque não seria á toa que tantas das vozes mais limpidas e graves da lyrica brasileira se faziam ouvir com

tamanha impertinencia, e, sobretudo, nesse como atropelo symphonico.

Esse extraordinario ahi está: é o Congresso de Poesia — o Primeiro Congresso de Poesia do Recife, organizado por Vicente do Rego Monteiro, Willy Lewin, João Cabral de Mello Neto e José Guimarães de Araujo. Um Congresso — está no programma — "destinado a debater problemas de ordem exclusivamente poetica, tomada a expressão não no sentido estricto (de arte poetica), mas no de qualquer categoria de arte que receba o toque de valores legitimamente lyricos: a pintura, o cinema, a photographia, a architectura, não esquecendo o lyrismo espontaneo, ingenuo, mas ás vezes de tão alta intensidade, de que se acham chelas as manifestações da chamada arte popular".

O Congresso não irá ser uma assembléa sujeita aos formalismos communs, endurecida pelo ritual academico, convocada apenas para discutir miudezas de technica e de virtuosismo verbal, nem preciosismos de giria poetica, em que já se vão extremado alguns esforçados amadores: "não se limitará á discussão de estudos sobre a essencia do phenomeno poetico, sua revelação na arte ou sobre os que, em todos os tempos, se constituiram seus *portadores*". Assim sendo, constará de seu plano de trabalhos uma exposição de desenho e pintura, a montagem de uma peça de theatro, com o concurso de actores novos, e a exhibição de "alguns filmes de certa phase heroica do cinema" — filmes

decerto de Chaplin, de King Vidor, de Murnau.

Está visto que o certame se reveste de inédita expressão cultural, pela amplitude de seu programma e alcance de seus objectivos. Quer-se chamar á vida os poetas dispersos em varios officios, distantes no tempo e no espaço, Incommunicaveis entre si, em alguns casos, pela secca especificidade de seus proprios meios de expressão. Chamá-los para se comprehenderem, se sentirem e se amarem uns aos outros.

Os organizadores do Congresso, de si mesmos poetas, tudo fazem para que elle não se transforme em orgão de um grupo ou de um movimento — tomadas essas expressões em seu significado rasamente sectario, accentuam. Desejam que todos os adherentes ao certame "sejam capazes de capturar o *espírito* que o preside — e nesse sentido de *espírito* os seus participantes deverão constituir uma equipe fraternal e comprehensiva e não uma reunião de pessoas a conversar cada qual em sua lingua que bem pode ser estranha a muitos outros".

A tarefa que se impõem é aspera, acima talvez das possibilidades do melo. Porque é preciso levar em conta que, num país de tão largo e extensivo abuso de poematica, e, no entanto, de tão reduzido therochno poetico, não será facil conduzir um congresso dentro de normas inflexíveis de abstinencia parlamentar. Há de ser, ainda, um sacrificio tremendo para certas pessoas o se privarem do soienne; do commemorativo; do emphatico; da voz grossa ou ilgeiramente tremida ao fim das phrases rollças.

E' esse, porém, o desejo dos poetas do Recife; que o seu Congresso de dezembro proximo não se endureça "numa brilhante assembléa de espiritos cultos, discursivos ou dialecticos", mas venha a ser um encontro cordial "de mentalidades menos logicas do que magicas". Elies explicam, a essa altura, — e explicam, convenhamos, menos como poetas

que como didactas impertinentes, elies proprios, pelo seu ar professoral e Irrevogavel — que "a poesia não é nenhum *instrumento*, nenhuma *propaganda*. A poesia não é uma coisa *util*. A poesia é um mysterio amavel".

Resta saber até que ponto a poesia, plena desse conceito de gratuidade, comporta os inevitaveis e os Irremoviveis de um Congresso — mesmo de um Congresso de poetas...

Parece que estou vendo: o presidente da sessão, ao declarar inaugurado o Congresso de Poesia, pronunciará algumas palavras de saudação aos poetas do Brasil e, por extensão, aos poetas do mundo. E por faiar em mundo — já que palavra puxa palavra —, elle dirá da importancia e singularidade do certame do Recife, levado a effeito "num momento em que as forças da destruição se desencadeiam sobre a humanidade". Falará no "oasis que o Congresso de tai natureza representa, em face de um mundo que se destróe com as proprias forças de que deveria dispor para a conquista pacifica de seu progresso e em proveito da felicidade dos povos".

Lembrará o orador, talvez, que a llinguagem dos poetas ainda é a llinguagem que não resoa aggressiva e brutal numa época de desesperado- ra acustica.

Traduzirá a "mensagem dos poetas" de hoje para a vida de amanhã, fixando a belleza do esforço empregado por elles no sentido de um melhor entendimento entre si e das relações de mutuo respeito e de amor entre os homens em geral, para depois exaltar o exemplo vivo de dignidade humana de quantos se promptificam a permanecer no alto do mlrante á espera da calma que há de vir e envolverá todas as coisas.

Os poetas presentes — poetas do Rio Grande do Norte até a Bahia, mais ou menos, alguns do Rio, em

transito — baterão palmas com vigor e sem a menor modestia.

Haverá depois o acto inaugural da exposição de artes plasticas — artes plasticas no ambito da poesia. Desenho e pintura — trabalhos de artistas varios. Representações oniricas, emoções vagas, repercussões súbitas e indecifráveis, rações de sonho pessoas e intransferíveis — mysterios de cada um.

Deante do esforço dos poetas pintores e desenhistas — poetas alheios aos problemas da orthographia, até mesmo da orthographia plastica, — ouvir-se-ão os *ohs!* de sempre: *ohs!* dubios e providenciaes tantas vezes, que podem significar, a um só tempo, comprehensão, mal-estar, admiração e malicia.

Carlitos, a certa altura, apparecerá em filmes universaes no sentido e brasileiros na technica de há muitos annos. Não será o Carlitos infectado de contagios politicos, o Carlitos agente de pamphletos doutrinaris, o Carlitos das satiras tremendas, não será esse que surgirá na tela: será o vagabundo sem nenhum compromisso, o sozinho Carlitos de outros tempos.

No palco, uma tentativa de theatro livre de dimensões communs e convenções precarias. Algo sem o controle do Serviço Nacional do Theatro.

Durante dias, os poetas se reunirão numa atmospheria de camarada-

gem e comprehensão para falar do destino da poesia: surgirão mais vivos que os vivos Baudelaires, os Verlaines, os Rimbauds. André Breton surgirá a cada passo, infatigavel, entre aspas.

Serão lidas e conversadas as theses: uma these sobre o modernismo no Brasil; outra sobre o folclore no Nordeste; sobre um poeta hindu; "30 annos de poesia na França"; a herança de Walt Whitman; uma revisão da lyrica de Gonçalves Dias; "Castro Alves, nosso contemporaneo"; estudo sobre "o itinerario de Manuel Bandeira" — dezenas de theses.

Velhos poetas resmungarão, insipidos, nas suas cadeiras de balanço ou deitados nas boas redes do Norte. Resoarão nos cantos de sala dos Institutos Historicos e das Academias Estaduaes de Letras os comentarios acidos sobre as novas igrejinhas literarias e as audacias da nova geração. "No meu tempo..."

Emquanto isso, o Congresso chegará ao seu termo e se encerrará sob o applauso solícito da imprensa local. Depois, o mundo continuará dando trezentas e sessenta e cinco voltas em derredor do sol. Salvo melhor juizo.

VALDEMAR CAVALCANTI

(*Diario de Noticias*, Rio, 17-11-1940).

REGISTRO BIBLIOGRAPHICO

Craveiro Costa — A CONQUISTA DO DESERTO OCCIDENTAL (Subsidios para a Historia do Territorio do Acre) — Vol. 191 da "Brasiliana" — Introduçãõ e notas de Abguar Bastos — Ediçãõ postuma, illustrada — 434 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 18\$000.

Francisco Venancio Filho — A GLORIA DE EUCLYDES DA CUNHA — Vol. 193 da "Brasiliana" — Ediçãõ illustrada — 325 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 15\$000.

Dr. Fritz Kahn — A NOSSA VIDA SEXUAL (Guia e conselheiro para todos, com respostas a todas as questões) — Trad. do dr. L. Mendonça de Barros — Ed. illustrada — 353 pags. — *Civilização Brasileira Editora*, Rio, 1940 — 20\$000.

Affonso Schmidt — A VIDA DE PAULO EIRÓ (Biographia, acompanhada de uma collecçãõ de poesias, organizada, prefaciada e annotada por José A. Gonsalves) — Vol. 182 da "Brasiliana" — Illustrações de Wash Rodrigues — 289 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 13\$.

Abelardo e Heloisa — CARTAS DE AMOR — Vol. 4 da collecçãõ "Os Mestres do Pensamento" — Traduçãõ de J. M. P. Guerra, modernizada — Prefaciõ de José Pérez — 144 pags. — *Edições Cultura*, São Paulo, 1940 — 10\$000.

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA — 1940 — N.º 4 — Organizado e editado pelos Irmãos Pongetti, com o concurso dos srs. Newton Belleza, Lobivar Mattos, Carlos Domingues, Joel Silveira, Mario Linhares, Santa Rosa e Paulo Werneck — 416 pags. — Rio, 1940 — 20\$000.

Swift — AS VIAGENS DE GULLIVER A TERRAS DESCONHECIDAS — Vol. 1 da collecçãõ "Os Mestres do Pensamento" — Trad. de Henrique Marques Junior — Prefacio de José Pérez — 275 pags. — *Edições Cultura*, São Paulo, 1940 — 15\$000.

Manoel Lubambo — CAPITAES E GRANDEZA NACIONAL — Vol. 187 da "Brasiliana" — 227 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 10\$000.

Gonzague de Reynold — DE ONDE VEM A ALEMANHA? — Collecçãõ "Documentario" — Trad. de Omer Mont'Alegre — 221 pags. — *Vecchi Editor*, Rio, 1940 — 10\$000.

José Maria Bello — HISTORIA DA REPUBLICA (Primeiro periodo: 1889-1902) — 264 pags. — *Civilização Brasileira*, Rio, 1940 — 16\$000.

May Christie — LUANA (romance) — Vol. 85 da Bibliotheca das Moças — Trad. revista pelo sr. Rubem Braga — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 5\$000.

Ruy Barbosa — MOCIDADE E EXILIO (Cartas) — Vol. 38 da "Brasiliana" — 2.ª ed., illustrada — Prefacio e notas de Americo Jacobina Lacombe — 335 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 15\$000.

O CONFLICTO EUROPEU

A. GUERRA E OS INTELLECTUAES FRANCESES — Se é verdade que “a literatura é o sorriso da sociedade...”, podemos dizer que os escriptores franceses estão neste momento sorrindo o mais amargo e dolorido dos sorrisos.

Em artigo no *Le Journal*, de Genebra, Jacques Maritain olha a guerra através do seu espirito de intellectual catholico:

“As origens remotas de toda guerra, que interessam muitissimo á vida interior de cada povo, tanto como as relações dos povos entre si, são o mal moral accumulado, o egoismo, o esquecimento do bem publico, o amor desordenado dos bens materiaes, a dureza de coração, a negação de reconhecimento da existencia alheia, a leviandade ou a loucura, a fraqueza ou a raiva ambiciosa collocadas em primeiro lugar. E esse desprezo da justiça e do amor, esse desprezo de Deus, cuja politica separada da ethica natural e da lei evangelica se converte em “gloria”, são os sete peccados capitales que depois de haverem predominado certo tempo frutificam segundo as mesmas leis da natureza. E, por certo, existem ahi responsabilidades desiguaes, o Esprito infinito conhece e pesa as dividas, talvez intensamente diferentes, de uns e outros.

Resumindo, desta maneira ou de outra, num ou noutro grau, e sem que por isso o homem sanguinario que desencadeou a guerra possa prevalecer-se de nada para limpar-se do seu crime, ninguém, por mais que olhemos para trás, é de todo innocente deante de Deus.

A Alemanha faz uma guerra injusta, manifesta e monstruosamente injusta; sua parte nas causas profundas e nas origens recuadas da guerra é enorme. Não está só, entretanto, para levar o peso das faltas que originam a contenda. Que a sua guerra seja injusta e criminosa não dispensa os demais povos de se humilharem perante Deus. Que tenham perante Deus uma parte nas causas remotas da guerra, não desculpa em nada a Alemanha do crime da guerra injusta que faz, assim como tambem do modo por que a conduz.”

Tambem Jules Romains, depois de André Maurois, escreve dos Estados-Unidos uma narrativa da situação que deixou na Europa.

“O que foi um jogo aggravante entre 1919 e 1930, se converteu em 1935 num desafio ao destino. O perigo alemão nunca deixou de crescer. Desde o principio do regime nazista, vinha adquirindo uma forma concreta e obsedante. A verdade é que havia muitos meios de encarar a luta contra aquelle perigo. Eu era um dos que pensam que recorrer á força ou a qualquer forma de “guerra preventiva”, é repugnante. Uma vez que fomos bastante estupidos para permittir a elevação de Hitler ao poder, quando era relativamente facil impedi-lo, não iriamos lançar-nos sobre elle agora que alcançara exito ganhando a adhesão do povo alemão. Estavamos firmemente convencidos de que nada de bom poderia vir da guerra em geral. Além disso, ainda resoava em nossos ouvidos o indignado clamor com que a Europa e a America, doze annos antes, haviam recebido a nossa occupa-



ção do Ruhr... Espero que aquelles que em 1923 promoveram toda aquella indignada gritaria se sintam um pouco envergonhados em 1940. Têm uma pequena parte na responsabilidade psychologica pela queda das democracias."

FINANÇAS BRITANNICAS — Para um total disponivel de 65.000.000 de libras esterlinas em titulos do governo inglês. — informa uma correspondencia de Londres publicada na imprensa argentina — houve uma procura de 135.305.000 libras, na maior parte de fontes estranhas. Verificou-se uma grande affluencia de homens de negocio ao mercado monetario, de homens que, em tempos normaes, não sonhariam em inverter seus fundos disponiveis em fundos do Thesouro.

"Os subscriptores favorecidos recebem um por cento de juros annualmente e tornam-se donos de um valor de facil venda. Entretanto, sabe-se que as autoridades preferem receber por emprestimo o excedente em effectivo das industrias de guerra, a um prazo mais dilatado do que três meses. Tambem proseguem com maior exito do que há poucos meses os esforços para convencer aos industriaes de subscreverem maior quantidade de bonus de guerra de 2 ½ por cento.

As rendas fiscaes foram augmentadas semanalmente pelo imposto de renda de empregados e operarios, deduzido pelos patrões para ser entregue depois ao governo. O novo plano, que não tem precedentes na historia britannica, começou a ser applicado no dia 1.º de novembro. Nelle se estabelece que a primeira metade do imposto será pagavel em 26 quotas semanaes, e acredita-se que proporcionará ao fisco um importante e continuo rendimento."

ROMA X ATHENAS — Depois de algumas semanas, aliás absolutamente infrutiferas, de guerra contra a Grecia, o Duce aproveitou uma grande data do Fascio para informar ao povo italiano por que estava guerreando contra o povo grego.

Em certa passagem do discurso o sr. Mussolini admittiu que a sua revelação de uma velha odiosidade de Athenas a Roma talvez desapontasse os italianos, tão amigos do classico...

ONDAS CURTAS — O director da revista norte-americana *Radio and Television*, Hugo Gernsback, salienta a grande importancia das ondas curtas na guerra moderna.

Prevê umas applicações surprehendentes das ondas curtas nos campos e mares de batalha, no actual conflicto, ou, se este acabar depressa, no que virá depois.

"Será possivel aos exercitos manter entre si um permanente contacto sem que o inimigo possa captar seus signaes, pois as ondas serão dirigidas mediante a emprego de reflectores especiaes, de modo que os signaes não poderão ser captados no campo adversario. As microondas, chamadas tambem "ondas centimetricas", são de insuperavel importancia para as communicações e serão empregadas em aparelhos portateis, não somente pela infantaria, mas por homens de cavallaria, por pelotões com metralhadoras, tanques, aeroplanos, etc.

A guerra actual é, de muitos pontos de vista, uma guerra de machina. Não se sacrificam muitos seres humanos. Os tanques, os aviões e outros armamentos serão, de futuro, enviados adeante contra o inimigo, sem um só homem tripulando as machinas. Todos os movimentos desses aparelhos de guerra serão effectuados por dispositivos "radiotelemechanicos",

nova arte radiotechnica por meio da qual não somente é possível dirigir os movimentos das proprias machinas, mas também fazer pontaria e disparar as armas de lugares distantes.

Actualmente já é possível destruir fortificações ou minas terrestres, como também fazer explodir minas maritimas, com o emprego de ondas curtas, para dificultar um avanço inimigo. E de futuro não só será possível mandar tanques "sem tripulantes" contra as posições inimigas, mas também poderão ser feitas operações semelhantes com torpedos em pleno mar e com submarinos que serão guiados por ondas curtas, sem perderem, talvez, um só homem.

Feitos heroicos, como o lançamento de torpedos pilotados cada um por um homem para atacar um navio inimigo, sacrificando a vida daquelle ao explodirem contra este, já não serão necessarios. Esses torpedos serão guiados de modo que sigam um trajecto determinado sem que se perca um só homem e com o simples emprego das ondas curtas.

Existem hoje centenas de outras applicações semelhantes destinadas a fins bellicos experimentadas em varias nações."

NOTICIAS DE UMA LINHA — Morreu o sr. Neville Chamberlain, ex-primeiro ministro da Inglaterra. — O governo de Vichy dissolveu a Academia Francesa. — Molotoff, Commissario dos Estrangeiros da URSS, esteve em Berlim. — Roosevelt foi reeleito presidente dos Estados-Unidos. — A guerra continua não-relampago.

MAOS PARA O ALTO — Divulgando uma photographia colhida em Paris, na qual se vê uma multidão com o braço erguido, a propaganda alemã mostrou aquillo como mais uma demonstração da facilidade com que as populações vencidas pela Alemanha adherem a Hitler e passam a fazer a saudação nazista.

Entretanto, uma emissora inglesa narrou a historia daquelle instante photographico. Fôra por occasião de um concerto de banda militar numa praça da capital da França. Em dado momento fez-se silencio e dos alto-falantes saiu este aviso: "Quem não falar alemão, levante o braço!" Como ali muito poucos sabiam a lingua dos amigos germanicos, viu-se immediatamente a multidão erguer o braço. Foi quando de todos os lados explodiram as lampadas dos photographos.

e os meus cigarros?



SER PAE E ESPOSO não é somente isto!



O Sr. já pensou como sua esposa e seus filhos viverão daqui a 10 anos, si o Sr. desaparecer? Quem lhes proporcionará os meios de vida que o Sr. lhes dá hoje? Porque não evita



esta incerteza tremenda com um Seguro de Vida? Converse com um Agente da "Sul America" sobre os varios planos existentes e que se adaptam á sua situação.

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal, 971 — Rio de Janeiro

*Os melhores médicos
recomendam ...*



Água

RUBINAT

*Inofensiva, não amarga
e é tolerada pelo estomago
mais delicado*

Não sendo Llorach não é a verdadeira

Água Mineral Natural Purgante

RUBINAT

FONTE DO DOUTOR

Llorach

Distribuidora:

DROGARIA V. SILVA - ASSEMBLEIA-64-66

RIO DE JANEIRO